



# **Revista da Academia Morrinhense de Letras**

Volume 11  
Anual — 2025

**COPYRIGHT 2026 © PRÁXIS EDITORA**  
**REVISTA DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS**

**CAPA DA NOSSA REVISTA**

Por sugestão do nosso presidente, as revistas da Academia Morrinhense de Letras, a partir desta edição, serão contempladas com imagens de artistas plásticos morrinhenses. Inicialmente, destacamos a arte plástica abstrata e surreal da nossa confrade Ellen Carneiro Vale (in memoriam). O seu traço inédito, metafísico e de especial leveza é reconhecido como identitário de valor ímpar.

Os autores desta obra detêm todos os direitos autorais registrados perante a lei. Em caso de cópia, plágio e/ou reprodução completa e/ou parcial indevida sem a autorização, os direitos do mesmo serão reavidos perante à justiça. "Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998."

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro)

SILVA, Kleber I. (Org.); MELO, Wander Oliveira (Org).  
Revista da Academia Morrinhense de Letras — 1ª ed. —  
Morrinhos/GO: Práxis Editora, 2026.

ISBN:

I. Literatura Brasileira

CDD B869

Morrinhos — GO  
2026

## **ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS**

É uma Sociedade Civil, sem fins lucrativos

Fundada em 11 de dezembro de 2004

CNPJ: 07.740.371/0001-59

Rua Dom Pedro II n° 709, Centro — 1° Andar

CEP: 75650 — 000 Morrinhos — GO

Entidade de Utilidade Pública — Lei Municipal n° 2.223  
de 23 de fevereiro de 2006.

Entidade de Utilidade Pública — Lei Estadual n° 21.321  
de 04 de maio de 2022.

### **DIRETORIA DA AML**

Presidente: Kleber Inácio da Silva

Vice-Presidente: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça

1ª Secretária: Lézia Amorim Canedo

2º Secretário: Leonardo Moreira da Silva

1ª Tesoureira: Cleusa Marina Silva Freitas

2º Tesoureiro: Julio César Meira

Bibliotecária: Adda Emily Vieira de Lima

Editor da Revista e ou Jornal: Wander Oliveira Melo

Secretário Adjunto de Divulgação: Werik Ramos

Assessor Histórico: José Afonso Barbosa

**REVISTA DA ACADEMIA  
MORRINHENSE DE LETRAS**

**Publicação Anual**

Diretor: Wander Oliveira Melo

Conselho Editorial: Presidente — Cleusa Marina Silva Freitas

Revisão: Cleusa Marina Silva Freitas

Produtor Editorial: Wander Oliveira Melo

Ilustração - Quadro da Artista Plástico: Ellen Carneiro Vale

Capa / Diagramação: Helena Medeiros

Impressão: Editora Práxis Ltda.

Assessoria de Divulgação: Werik Ramos



# HISTÓRICO DA ACADEMIA MORRINHENSE DE LETRAS

José Afonso Barbosa

Na véspera do Natal de 2000, tivemos um encontro com o Eurico Barbosa num jantar promovido pela UBE, União Brasileira de Escritores, no Restaurante Lancaster Grill, em Goiânia, onde pudemos conversar com ele sobre o desejo de criar em Morrinhos uma academia, nos moldes da Academia Goiana de Letras e o assunto o deixou eufórico. Ali mesmo, já tratamos de alguns nomes de futuros acadêmicos, porém, o assunto foi levado em banho-maria, raramente ventilado. Em março de 2004, foi feita a primeira reunião para tratar da fundação da Academia Morrinhense de Letras. Essa reunião se deu nas dependências do então prédio da Superintendência Municipal de Cultura, ao lado da Biblioteca Pública Municipal Prof. José Cândido. Nessa primeira reunião, estava presente grande parte dos Acadêmicos fundadores e outras pessoas generosas que muito ajudaram no início da criação da Academia. Inúmeras reuniões se seguiram, até que se chegasse a um acordo quanto ao estatuto, aos patronos e aos acadêmicos que comporiam a Academia. No dia 11 de dezembro de 2004, nascia este Sodalício. No dia da inauguração oficial da Academia Morrinhense de Letras, ainda sem lugar próprio para funcionamento, utilizamos a sede social do Rotary Club de Morrinhos para a festividade, que contou com a presença de grande parte da comunidade local e o pronunciamento de várias autoridades do município e também de acadêmicos deste sodalício.

Pois bem, a Academia iniciou suas atividades em fevereiro de 2005, primeiro reunindo em minha casa; algumas vezes, na casa de dona Nilza. Reunimos também na casa da dona Cleusinha. Depois recebemos um abrigo no prédio da Prefeitura, onde foi a escola das irmãs estigmatinas. No cômodo, ficava a banda de música e academia. Ali sumiram nossos documentos quase todos.

No ano de 2006, a Academia Morrinhense de Letras foi declarada uma Entidade de Utilidade Pública Municipal — Lei Municipal nº 2.223 de 23 de fevereiro de 2006.

Desenvolvemos por alguns anos, parece-me que por três, o projeto em “homenagem ao seu patrono”; cada acadêmico homenageava seu patrono. Era uma festa muito bonita, regada a discurso, música e comes e bebes. Esse projeto era bimensal. As reuniões também, já que a frequência era discreta. Tratávamos de diversos assuntos ligados à cultura local e vizinha. Participávamos de eventos culturais em outras cidades como exemplo, Piracanjuba e Goiânia.

Nos primeiros anos da Academia, desenvolvemos vários projetos relevantes à cultura de nossa terra. Dentre eles, uma série de palestras, com várias participações com temas poéticos e culturais como também a divulgação da Academia em algumas escolas do município.

Em 2011, passei a presidência para o Helenízio Antônio Marciano. Na sua gestão, foi conseguido o prédio e os móveis para mobiliar a sede, na gestão do então prefeito Cleumar Gomes de Freitas, onde até hoje funciona a sede da nossa academia.

Desejosa de mostrar a riqueza histórica de nossa gente e contando com a colaboração da comunidade de Morrinhos a Academia Morrinhense de Letras desenvolveu o projeto “MEMÓRIA VIVA”, em atividade até hoje, cujo objetivo é resgatar um pouco de nosso glorioso passado, trabalhando

com a cultura imaterial, por meio da história oral, uma vez que esta é responsável por manter viva a nossa história política e social, geralmente deixada nos subterrâneos do esquecimento. Algumas famílias privilegiadas de experiências, vão passando esse rico legado às gerações que vão surgindo, mantendo vivo este grande manancial histórico, deixado por nossos pioneiros, que construíram e nos deixaram de herança este imenso patrimônio cultural.

Em 26 de maio de 2014, o presidente da Academia Morrinhense de Letras, em cumprimento o texto do Capítulo II, seção II, artigo 8º, de seu Estatuto, abriu as inscrições para as cadeiras de nº 7, 8, 10 e 23, e deu Posse no Salão Nobre Helena Romano Cândido a quatro novos acadêmicos são eles: Wander Oliveira Melo, segundo a ocupar a cadeira de nº 07, antes ocupada por Emanuel de Souza, cadeira que tem como Patrono Dr. Raul Nunes da Silva; Antônio de Oliveira Ávila Júnior, segundo a ocupar a cadeira de nº 08, antes ocupada por Esther Barbosa Oriente, cadeira que tem como Patrono José Modesto Oriente; José Henrique Rodrigues Machado, segundo a ocupar a cadeira de nº 10, antes ocupada por Fernandino Barbosa, cadeira que tem como Patrono Cel. Fernando Barbosa; Robison José da Silva, segundo a ocupar a cadeira de nº 23, antes ocupada por Rui Gonçalves Doca, cadeira que tem como Patrona Violeta Metran.

Neste mesmo ano, o então acadêmico empossado Wander Oliveira Melo, apresentou à diretoria, um modelo de Brasão e um modelo de Bandeira para Academia, que foram aprovados por unanimidade. Foi sugerido também, por esse acadêmico, que a academia diplomasse todos os acadêmicos, numa solenidade de diplomação. A diretoria votou favorável ao projeto e solicitou ao acadêmico Wander que apresentasse modelo do diploma o qual foi aprovado e, logo em seguida, marcada a diplomação de todos os acadêmicos.

Cumprindo o que reza o artigo 27º do seu estatuto, a Academia Morrinhense de Letras, realizou eleição para escolha da sua nova diretoria para o biênio 2015/2016. A eleição foi realizada no Salão Nobre Helena Romano Cândido, em que, após apresentação da chapa, os acadêmicos presentes votaram e elegeram por unanimidade para a nova diretoria os seguintes membros:

Presidente: José Afonso Barbosa

Vice-presidente: Helenízio Antônio Marciano

1ª Secretária: Cleusa Marina Silva Freitas

2º Secretário: José Henrique Rodrigues Machado

1º Tesoureiro: Antônio de Oliveira Ávila Júnior

2º Tesoureiro: Wander Oliveira Melo

Bibliotecária: Graziela de Souza Reis

No ano de 2015, a Academia Morrinhense de Letras, deu Posse no Salão Nobre Helena Romano Cândido a um novo acadêmico ele: João Orlando Luiz de Oliveira, terceiro a ocupar a cadeira de nº 23, antes ocupada por Robison José da Silva, cadeira que tem como Patrona Violeta Metran.

Nesse mesmo ano de 2015, cumprido o que reza o artigo 42 da AML, foi instituído o Projeto Editorial da Revista da Academia Morrinhense de Letras, seguindo os moldes da Revista da Academia Mineira. A Revista da AML, está na sua 10ª edição, tendo como editor desde a primeira edição o acadêmico Wander Oliveira Melo. Neste periódico, é publicado anualmente, artigos, textos, crônicas, contos, poemas e poesias dos acadêmicos, bem como escritores de pessoas da sociedade morrinhense e os artigos ganhadores do concurso “Arara Canindé”.

Outro projeto interessante é a participação da Academia na Noite Cultural, quando da Festa da Expo Morrinhos e que já passa de uma década em que pessoas ilustres são homenageadas naquele evento tão participativo pela comunidade morrinhense e circunvizinha.

A Academia Morrinhense de Letras viu na criação da Comenda de Honra ao Mérito Cultural “*Maria Barbosa Reis*” um momento oportuno para homenagear um dos ícones do ensino na cidade de Morrinhos, que foi, sem dúvida alguma, a professora Maria Barbosa Reis, “Dona Maria Diretora”, como era conhecida pela nossa população.

No dia 22 de setembro de 2016, a Academia Morrinhense de Letras, deu posse no Salão Nobre Helena Romano Cândido a dois novos acadêmicos são eles: Francimar Bezerra de Almeida, segunda a ocupar a cadeira de nº 05, antes ocupada por Dolores Troncoso Chaves (Dona Lolita), cadeira que tem como Patrona Vitória Troncoso. E Helenês Cândido, também segundo a ocupar a cadeira de nº 13, antes ocupada por sua irmã Helenides Cândido de Mendonça, cadeira que tem como Patrono seu saudoso pai José Cândido Ribeiro.

Aos 24 dias do mês de março do ano de dois mil e dezesseis, às 14h, em sua sede própria, deu-se início à reunião extraordinária da Academia Morrinhense de Letras, convocada pelo seu Presidente José Afonso, com a finalidade precípua de fazer aumento no número de cadeiras da Academia Morrinhense de Letras, passando do número de 25 para o número de 40. A necessidade de tal provimento deve-se a duas situações importantes: a) há uma quantidade relevante de pessoas de nossa comunidade, algumas residentes em outros municípios, as quais possuem produção literária consistente e que, simultâneo à produção, possuem o desejo de participar como membro da AML; b) outro motivo é que o formato das

Academias de Letras do Brasil seguem o modelo da Academia Francesa, as quais se adequaram ao número de 40 cadeiras, consoante o protótipo francês. A nossa Academia estaria aquém do padrão institucionalizado e, por legalidade, deve-se, por analogia, adequar-se ao número de 40 vagas. Diante disso, se por bem, por necessidade ampliar o seu quadro e, notadamente, por legalidade, convocar a presente reunião extraordinária, para tratar e aprovar a questão ora proposta. Estando todos os presentes acordados quanto aos itens aqui colocados em pauta, ratificamos, a partir desta data, que a Academia Morrinhense de Letras contará com 40 cadeiras em seu quadro associativo, número ao qual, obviamente se chegará de forma paulatina. Aos 30 dias do mês de junho de dois mil e dezesseis, às 20h, em sua sede própria, deu-se início à reunião extraordinária da Academia Morrinhense de Letras, convocada pelo seu Presidente José Afonso, tendo como pauta a votação dos quinze novos patronos, dentre os vários nomes apresentados, os acadêmicos presentes votaram e aprovaram as seguintes pessoas:

### **Lista dos Novos Patronos da Academia Morrinhense de Letras**

<b>Cadeiras</b>	<b>Patronos</b>
26	Jair Luiz Ferreira (Chico Flor)
27	Agenor Braga
28	Adormevil Rocha
29	Jair Martins do Carmo
30	Maria Amélia Costa
31	José Elias Pereira
32	Flávio Cascão
33	Maria das Graças Alves Ferreira
34	Alfredo Lopes de Moraes

- 35 Antônio Rosa Ribeiro (Falcão)
- 36 Irene Frauzino Pereira Cruz
- 37 Valterli José Alves
- 38 Luiz Mauro Vasconcellos
- 39 Pe. Oswaldo Casellato
- 40 Jair de Freitas

Após essa reunião, deu-se início à análise de currículos culturais de pessoas que tinham interesse em entrar para a Academia. Feita essa análise, houve sorteio para definir os patronos e a cadeira que cada um iria representar. E, no dia 18 de novembro do mesmo ano, a Academia Morrinhense de Letras deu posse aos novos acadêmicos, em sessão solene, que ocorreu no Auditório do Centro Administrativo da Prefeitura Municipal de Morrinhos. São eles:

**Edmo Nunes** – Cadeira nº 26

Patrono Jair Luiz Ferreira (Chico Flor)

**Ênio Antônio da Silva** – Cadeira nº 27

Patrono Agenor Braga

**Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva**

Cadeira nº 28

Patrono Adormevil Rocha

**Fabiana Aparecida Nunes Toledo** – Cadeira nº 29

Patrono Jair Martins do Carmo

**Tênio do Prado** – Cadeira nº 30

Patrona Maria Amélia Costa

**Ivanor Florêncio Mendonça** – Cadeira nº 31

Patrono José Elias Pereira

**Leni de Andrade Oliveira Meireles** – Cadeira nº 32

Patrono Flávio Cascão.

No dia 22 de fevereiro de 2017, cumprindo o que reza o artigo 27º do seu estatuto, a Academia Morrinhense de Letras, realizou eleição para escolha da sua nova diretoria para o biênio 2017/2018. A eleição foi realizada no Salão Nobre Helena Romano Cândido, no qual após apresentação da chapa, os acadêmicos presentes votaram e elegeram por unanimidade para a nova diretoria os seguintes membros:

Presidente: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça

Vice-Presidente: Wander Oliveira Melo

1ª Secretária: Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva

2ª Secretária: Leni de Andrade Oliveira Meireles

Tesoureira: Cleusa Marina Silva Freitas

Bibliotecária: Francimar Bezerra de Almeida

Editor da Revista Anual: Wander Oliveira Melo

Secretário Ajunto de Divulgação: João Orlando Luiz de Oliveira

Assessor Histórico: José Afonso Barbosa

E, no dia 05 de abril de 2017, ocorreu no Salão Nobre Helena Romano Cândido, a sessão solene de posse da nova diretoria; ocasião em que a nova Presidente ressaltou o valor cultural dos projetos da gestão anterior que terão continuidade e apresentou novos projetos a serem implantados na sua administração, os quais visam criar vínculos, com outras instituições culturais e educacionais tendo como intuito divulgar e despertar novos talentos culturais dentro da literatura. Nascia nesse dia um projeto muito relevante da Academia, é o Concurso “Arara Canindé”, o qual envolve a classe estudantil, como mesmo um exercício

de extensão em parceria com a educação e já obtivemos excelentes resultados logo na primeira edição.

Seguindo o texto do artigo 27º do seu estatuto, a Academia Morrinhense de Letras, realizou eleição para escolha da sua nova diretoria para o biênio 2019/2020. A eleição foi realizada no Salão Nobre Helena Romano Cândido, no qual após apresentação da chapa, os acadêmicos presentes votaram e elegeram por unanimidade para a nova diretoria os seguintes membros:

Presidente: Francimar Bezerra de Almeida

Vice-Presidente: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça

1ª Secretária: Fabiana Aparecida de Oliveira Costa e Silva

2ª Secretária: Leni de Andrade Oliveira Meireles

1ª Tesoureira: Cleusa Marina Silva Freitas

2º Tesoureiro: Ênio Antônio da Silva

Bibliotecário: Paulo Tércio Martins

Editor da Revista e ou Jornal: Wander Oliveira Melo

Secretário Adjunto de Divulgação: João Orlando Luiz de Oliveira

Assessor Histórico: José Afonso Barbosa

No ano de 2020, a Academia Morrinhense de Letras, deu Posse no Salão Nobre Helena Romano Cândido a três novos acadêmicos são eles: O primeiro é o professor historiador Júlio Cesar Meira que, com várias publicações de artigos e livros, como também participação em nossa Revista Anual, traz análises da contemporaneidade em interfaces da urbanização, desenvolvimento, progresso, cidadania. Ocupa a Cadeira de nº. 17, cuja última ocupante foi a saudosa poetisa

e fundadora Maria Madalena de Souza e, patrono da cadeira, o Prof. José do Nascimento.

A Cadeira nº 33, cuja patrona é a professora Maria das Graças Alves Ferreira, foi ocupada pelo poeta, historiador e amante do campo Kleuber Eterno Alves de Oliveira, escritor de uma sensibilidade ímpar, e suas poesias são recorrentes em temas cáusticos que a vida traz a cada caminhante. Temos a honra de apreciar a sua verve poética em várias revistas da AML e, recentemente, no livro Suplícios.

Também temos a grata satisfação de poder contar com a comunicadora social e bacharela em Direito Adda Émily Vieira de Lima, que se assenta na Cadeira nº 33 da nossa AML, que possui como patrono o saudoso Alfredo Lopes de Moraes, pessoa que muito enaltece o nosso município. Esperamos contar com os dons de Adda Émily, notadamente na retórica jornalística e na integração da nossa Academia à comunidade local.

Em observância ao texto do artigo 27º do seu estatuto a Academia Morrinhense de Letras, realizou eleição para escolha da sua nova diretoria para os biênios 2021/2022 e 2023/2024. A eleição foi realizada no Salão Nobre Helena Romano Cândido, no qual após apresentação da chapa, os acadêmicos presentes votaram e elegeram por unanimidade para a nova diretoria os seguintes membros:

Presidente: Wander Oliveira Melo

Vice-Presidente: Júlio Cesar Meira

1º Secretário: João Orlando Luiz de Oliveira

2º Secretário: Tênio do Prado

Tesoureiro: Paulo Tércio Martins

Bibliotecária: Carmen Lúcia Freitas de Mendonça

Editor da Revista e ou Jornal: Wander Oliveira Melo

Secretário Adjunto de Divulgação: Kleuber Eterno  
Alves de Oliveira  
Assessor Histórico: José Afonso Barbosa

No ano de 2021, o presidente da Academia Morrinhense de Letras em cumprimento ao texto do Capítulo II, seção II, artigo 8º, de seu Estatuto, abriu as inscrições para as cadeiras de nº 13, 15 e 21, e deu Posse no Salão Nobre Helena Romano Cândido a três novos acadêmicos são eles: Avenir Passos de Oliveira, terceiro a ocupar a cadeira de nº 13, antes ocupada por Helenês Cândido, cadeira que tem como Patrono José Cândido Ribeiro; Neumar Chagas da Silva, terceiro a ocupar a cadeira de nº 15, antes ocupada por Vanderlan Domingos Souza cadeira que tem como Patrono Pedro Celestino da Silva Filho; Kleber Inácio da Silva, segundo a ocupar a cadeira de nº 21, antes ocupada por Nilza Diniz Silva cadeira que tem como Patrono José Mendes Diniz;

No ano de 2022, a Academia Morrinhense de Letras foi declarada uma Entidade de Utilidade Pública Estadual — Lei Estadual nº 21.321 de 04 de maio de 2022.

E, por fim, em 31 de março de 2023, a Academia Morrinhense de Letras, deu Posse no Salão Nobre Helena Romano Cândido a quatro novos acadêmicos são eles: Werik Ramos da Silva, segundo a ocupar a cadeira de nº 20, antes ocupada por Nilo Sérgio Troncoso Chaves, cadeira que tem como Patrona Zilda Diniz Fontes; Leonardo Moreira da Silva, primeiro a ocupar a cadeira de nº 35, que tem como Patrono Antônio Rosa Ribeiro (Falcão); Waldemar Antônio Tassara, primeiro a ocupar a cadeira de nº 36, que tem como Patrona

Irene Frauzino Pereira Cruz; Benedito Alves Moreira, primeiro a ocupar a cadeira de nº 37, que tem como Patrono Valterli José Alves.

A Academia segue seus passos. O acadêmico passa. Ela fica. Ela é a guardiã de nossas letras, nossa cultura, nosso patrimônio histórico. O Acadêmico escreve sua história. A Academia é a sua história. Acadêmico e Academia formam uma junção. Um não vive sem o outro. A renovação é constante. E, os dois juntos, acadêmico e academia, representam a sua comunidade, o seu Município, o seu Estado, o seu País.



# APRESENTAÇÃO

Caríssimos(as) leitores(as),

É com profundo orgulho e renovado entusiasmo que apresentamos a décima primeira edição da revista anual da Academia Morrinhense de Letras, dedicada à Literatura e à Identidade Cultural de nossa gente. Este novo volume nasce da convergência entre a reflexão e a criação, entre a permanência da tradição e a inquietação do novo, duas forças que, ao se encontrarem, sustentam o sentido maior da literatura: o de traduzir o ser humano em sua totalidade.

Desde a sua fundação, a Academia Morrinhense de Letras tem sido o espaço privilegiado da palavra, o lugar onde o pensamento se transforma em memória e a memória se renova em pensamento. Cada edição desta revista representa não apenas uma coletânea de textos, mas um testemunho do tempo: o registro vivo de uma cidade que escreve, pensa, sonha e preserva.

Ao longo de suas duas décadas de existência, a Academia consolidou-se como um dos pilares culturais de Morrinhos, reunindo escritores, poetas, cronistas, ensaístas e pesquisadores comprometidos com a arte de pensar e de narrar. Com suas quarenta cadeiras, cada uma amparada em patronos que simbolizam o espírito da literatura local, a instituição reafirma, ano após ano, sua missão de valorizar a palavra como forma de eternidade.

Nesta edição, esta revista convida à introspecção e ao reconhecimento da palavra como extensão do ser. A literatura é o espelho no qual o homem busca a imagem de si mesmo, não aquela que o mundo lhe impõe, mas aquela que nasce do

silêncio interior, do gesto criador, do olhar que se volta para dentro e tenta compreender o sentido da própria existência.

Toda identidade é uma travessia. E, como toda travessia, ela supõe dúvida, metamorfose e descoberta. A literatura, ao refletir o que somos, também revela o que ainda não sabemos ser. Em cada verso e em cada prosa, há um fragmento do humano que se reinventa. A escrita é, assim, a mais íntima das filosofias: uma forma de pensamento que se faz carne na palavra, que ganha corpo no papel e se eterniza na leitura.

A Academia Morrinhense de Letras, fiel à sua vocação de guardião da cultura, compreende que a identidade literária de um povo não é construída apenas por grandes nomes, mas por vozes plurais que se somam ao longo do tempo. Cada autor que compõe esta revista é um elo nessa cadeia simbólica, uma prova de que a escrita não é privilégio de poucos, mas expressão coletiva da consciência de uma cidade que aprendeu a pensar por meio da arte.

Nos textos aqui reunidos, o leitor encontrará múltiplas facetas da identidade humana: o sagrado e o profano, o individual e o social, o passado e o porvir. Poemas que traduzem emoções, contos que revelam dilemas, ensaios que dialogam com a história e a filosofia, todos convergem para um mesmo ponto de origem: a necessidade de compreender quem somos diante do mundo que nos cerca.

A literatura, neste sentido, é mais do que arte. É ato de resistência, forma de sobrevivência e manifesto da alma. Num tempo em que as palavras se perdem em ruídos, escrever é um gesto de coragem; é afirmar a identidade num mundo que insiste em dissolvê-la. Cada autor que participa desta edição é, portanto, um guardião daquilo que há de mais humano: o poder de significar o próprio existir.

Ao celebrar onze volumes desta revista, celebramos também o amadurecimento de um projeto que transcende a

publicação e se torna parte da memória coletiva de Morrinhos. Esta revista é, em essência, uma ponte entre gerações, o diálogo contínuo entre o passado que nos fundamenta e o futuro que nos convoca.

A Academia Morrinhense de Letras segue firme em sua missão de preservar, incentivar e difundir o valor da criação literária, honrando os que vieram antes e acolhendo os que agora chegam, com o mesmo espírito de compromisso e amor à cultura.

Que este volume seja mais do que uma leitura: seja uma experiência de reconhecimento. Que cada palavra aqui escrita desperte no leitor o desejo de pensar, sentir e pertencer. Que a literatura continue sendo, para Morrinhos e para todos nós, o espaço onde a identidade humana encontra sua expressão mais verdadeira.

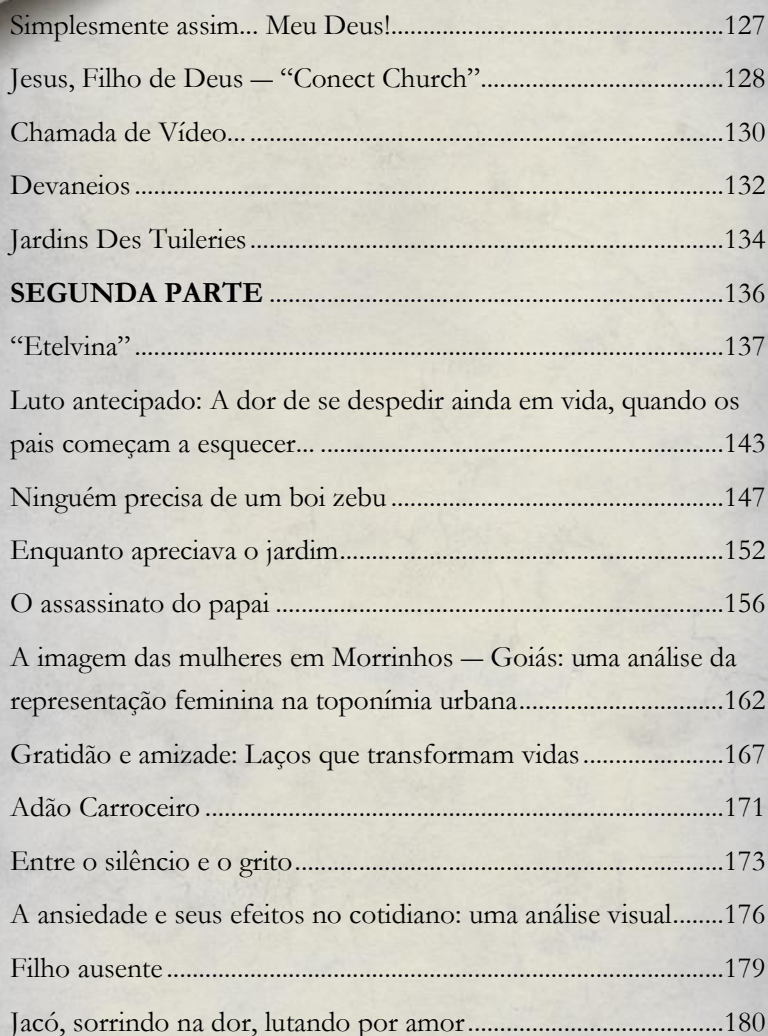
Kleber Inácio da Silva  
**Presidente**



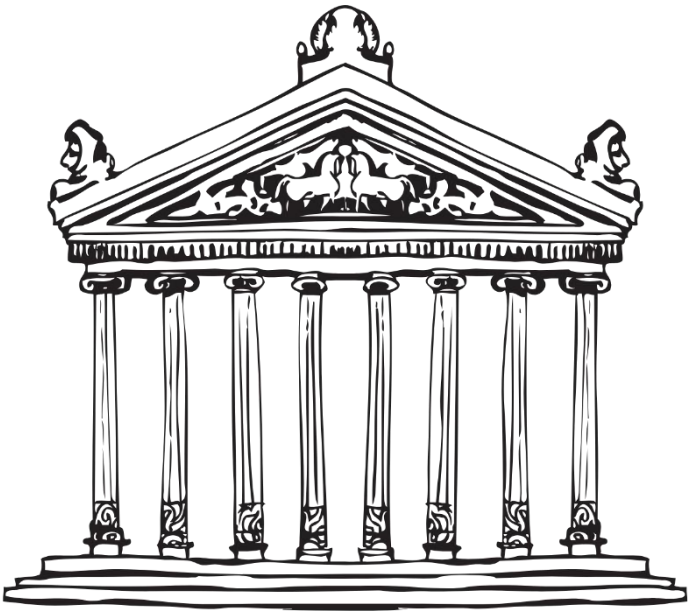
# Sumário

<b>PRIMEIRA PARTE</b> .....	25
Luau Poético .....	26
I — Edição Luau Poético. ....	28
II — Edição Luau Poético.....	29
III — Edição Luau Poético .....	31
Foz do Iguaçu .....	32
Haicais .....	34
Quadripartite.....	35
Na tentativa de escrever um artigo, um texto jornalístico, acabei declarando amores.....	37
Sobre quando morrem os autores e nascem os textos. ....	45
O casarão das memórias ocultas .....	47
Os 10 anos da Academia Morrinhense.....	50
Anjos aquáticos.....	53
Canto de um poema saudável.....	55
Só p`ra amigos .....	57
A imigração sírio-libanesa e sua participação no comércio de Morrinhos-GO, 1890-1930.....	58
Cartas — o resgate e a evolução da escrita.....	67
Carta 1.....	68
Carta 2.....	70

Carta 3.....	71
Carta 4.....	73
Carta 5.....	74
A mais cobiçada.....	76
O Governo do Prefeito Joviano Antônio Fernandes nas Páginas da Revista “Morrinhos: Quatro Anos de Progresso” (1970) .....	78
Devaneios no dia a dia da existência.....	92
O meu pet é uma orquídea .....	95
Quanto mais o ego fala, menos a mente escuta .....	98
A hora, o segundo, o piano e o prato .....	101
Barbudos, Bochechudos e Borrachudos.....	105
A quase inaceitável transição do você para o senhor .....	108
Mensagem de Aniversário.....	111
Analfabeto .....	113
Jerominho.....	116
Sufrimento Calado .....	118
O respeito à Fé .....	121
Jesus, Filho de Deus — “A Casa” .....	123
Soneto de coração .....	124
Theteo .....	125
Família.....	126



Simplemente assim... Meu Deus!.....	127
Jesus, Filho de Deus — “Conect Church”.....	128
Chamada de Vídeo.....	130
Devaneios .....	132
Jardins Des Tuileries .....	134
<b>SEGUNDA PARTE</b> .....	136
“Etelvina” .....	137
Luto antecipado: A dor de se despedir ainda em vida, quando os pais começam a esquecer... ..	143
Ninguém precisa de um boi zebu .....	147
Enquanto apreciava o jardim.....	152
O assassinato do papai .....	156
A imagem das mulheres em Morrinhos — Goiás: uma análise da representação feminina na toponímia urbana.....	162
Gratidão e amizade: Laços que transformam vidas .....	167
Adão Carroceiro .....	171
Entre o silêncio e o grito.....	173
A ansiedade e seus efeitos no cotidiano: uma análise visual.....	176
Filho ausente .....	179
Jacó, sorrindo na dor, lutando por amor .....	180



Revista da Academia Morrinhense de Letras

Volume 11 — 2025 — Anual

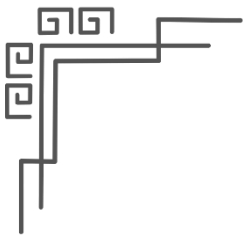
---

## PRIMEIRA PARTE



# ACADÊMICOS





# Luau Poético

## III Edição

Um clima ameno pela tarde, com poucas folhas se desprendendo das árvores.

Conversas e muita animação no pátio do Sítio Aurora.

Mesas e cadeiras foram spacejadas e decoradas com um forro adamascado, vidros coloridos de diversas cores e tons, dentro deles uma luz de vela, tremulando. Dos galhos das árvores pendiam luminárias de cipó, artesanalmente confeccionadas.

O clima poético estava instalado.

Aos poucos, foram chegando os convidados, com vultosa alegria. Admiravam o painel de folhas coloridas, na entrada do pátio.

Um vaso com escultura de anjo, alojava a árvore das palavras que, no final, ficou tomada pelas mensagens escritas pelos confrades, confreiras, equipe da Escola Cri-Ativa e amigos.

Osvaldo, sonorizava o violão, cantava, encantando o público com canções românticas e populares.

Crônicas, contos, poesias foram lidas e interpretadas com habilidade e emoção.

Entre palavras, queijos e vinhos, petiscos de sabores variados, fluíam admiráveis inspirações.

A participação da artista plástica e escritora de Goiatuba, Solange Costa, prima da anfitriã, trouxe alegria, e



enriquecimento para o evento. A leitura de seu poema, Crônica da Casa Velha, sensibilizou o coração de todos.

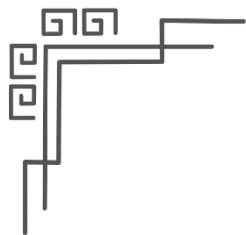
Com a luz da Lua penetrando nas fendas, dos galhos que se posicionavam, como desenhos artísticos, oriundos das Mãos Divinas, a noite foi se esvaindo, vagorosamente.

Que venha a IV Edição de um Luau que fortalece amizades, expande a beleza da Literatura e resiliências... no Sítio Aurora!

**Carmen Lúcia Freitas de Mendonça**

Cadeira nº 2 da AML



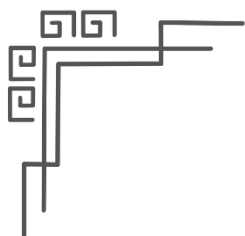


# I — Edição Luau Poético.

Poesia e prosa na varanda

Local: Residência da confreira Carmen Lúcia





## II — Edição Luau Poético.

Poesia e prosa ao luar

Local: Sítio Aurora — Anfitriões — Carmen Lúcia e Jerônimo.

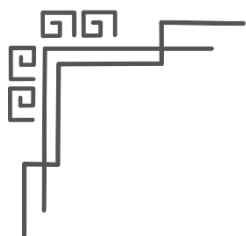




*Anfitriões:  
Carmen Lúcia e Jerônimo*

*Dedicação de livros  
aos convidados:  
Carmen Lúcia*





### III — Edição Luau Poético

Entre o luar e a poesia

Vinhos e queijos

Local: Sítio Aurora





## Foz do Iguaçu

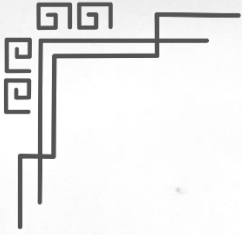
Quedas com grande  
Estrondo vão ao chão,  
É um véu resistente,  
De noiva sem pretendente,  
Ouvindo eterna canção,  
É também furioso  
Corre em pedras orgulhoso,  
Levando empurrão,  
O barulho é escandaloso  
Faz tremer, o frio  
E indiferente coração,  
Iguaçu, tão visitado  
Por turistas deslumbrados,

Do Niágara, é distante irmão,  
Batiza os visitantes,  
Ornado de arco-íris sorrindo,  
Em cachoeiras caindo,  
Por diversos locais,  
Tem luz e realceza  
Sempre vistas em revistas,  
Cartões e jornais,  
Iguaçu, curvo-me  
É grande a emoção ...  
Em você encontro  
Meu Deus!  
O Pai da...  
Criação!

Carmen Lúcia Freitas de Mendonça  
Cadeira N° 2 da AML

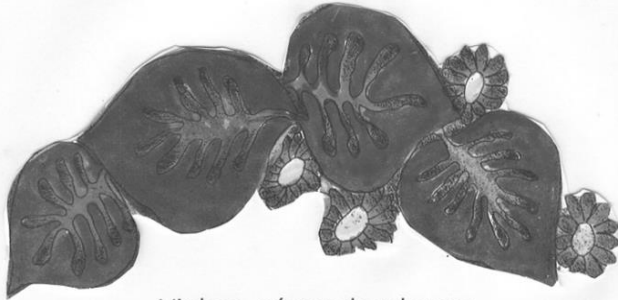




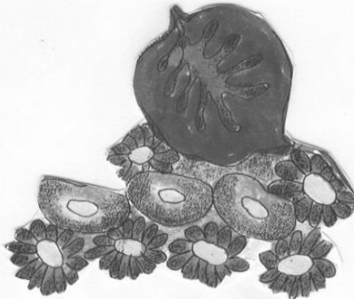


## Haicais

Brilho intenso da lua,  
Sombras poéticas bailando,  
Inspirações fluindo.

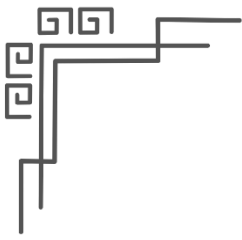


Vinhos, néctar dos deuses,  
Bouquets embriagantes,  
Alimentam, com profundeza,  
O espírito pujante.



*Carmen Lúcia Freitas de Mendonça*

*Cadeira N° 2 da AML*



## Quadripartite

Ambiente de festa popular. Barracas cuidadosamente ornamentadas. Cores, luzes, sons, gente. Som em altos decibéis. Arte em dança e atrações. Público passante: vaivém incessante. Olhos infantis curiosos. Ficção em personagens atraentes. Olhos gulosos em doces e tortas.

Em meio a esse fervor de ofertas, surge uma família materna, bimaterna e quatro crianças interessantes. Todas em exemplar aparência de roupas simples, surradas, bem passadas, alvíssimas, cabelos penteados, laços que valorizam cabelos afros — lindamente cuidados! A avó com madeixas em misto acinzentado, bem preso em coque. A mãe num corte solto e crespo, quase naturalmente *black-power*. Uma pintura para se apreciar! Tanto cuidado simples e dedicado para um passeio na multidão, a parecer um conto de fadas para crianças tão inspiradoras ao sonho! Diferenciavam-se das demais ali coparticipantes do evento pela alegre curiosidade e expectativa que brilhava nos olhos da esperança.

Com um pouco de receio, adentraram ao espaço da barraca de doces e, pedindo licença, sentaram-se quatro crianças em uma mesa e, ao lado, mãe e avó. Nas mesas havia um pequeno cartão de visita acompanhado de uma bala Toffe. Neste instante, a mãe levantou-se e, bem discretamente, fez uma pesquisa dos preços das guloseimas e a forma de pagamento. Ao retornar, em voz baixa, deu a permissão para aquilo que elas poderiam escolher e consumir.

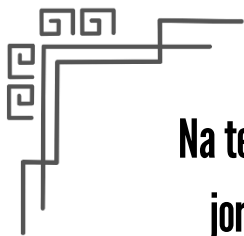
Mas, antes que fizessem as suas escolhas, uma das crianças, voltou-se para a mãe com a pequena mãozinha aberta trazendo a bala da mesa já descascada, a pedir: "Mãe, parta esta bala em quatro !"



Fiquei assim, admirada pelo gesto tão ímpar e tão solidário daquela pequena flor — atitude tão diferenciada nesse nosso mundo tão aberto a tantas permissões infinitas, que assim insaciáveis no seu valor e, o mais agravante, com tão pouca alteridade para com os mais próximos... apreciei, emocionada, uma atitude rara... talvez em extinção.

Cleusa Marina Silva Freitas





## Na tentativa de escrever um artigo, um texto jornalístico, acabei declarando amores...

Francimar Bezerra

Em 2025, em Morrinhos, foram publicados três editais em forma de chamamento público para a apresentação de Projetos Culturais que fossem contemplados com recursos da Lei Aldir Blanc 2024. A lei faz parte da Política Nacional Aldir Blanc de Fomento à Cultura, uma das principais ações do Ministério da Cultura para a valorização de agentes culturais pós pandemia/2020. Entre os editais: um específico de premiação para grupos culturais e suas ações. Neste, foram aprovadas quatro instituições que se candidataram. A Cooperativa de Artesãos de Morrinhos — CooperArte. A Academia Morrinhense de Letras — AML, a Associação Cultural Guerreiros de Xangô e Iansã e o Grupo Cultural Marcas, esse último que nasceu no seio da Universidade Estadual de Goiás, em Morrinhos. E graças a esse edital, três instituições receberam a certificação do Ministério da Cultura como Pontos de Cultura. A Cooperativa de Artesãos de Morrinhos já obteve essa certificação em 2024.

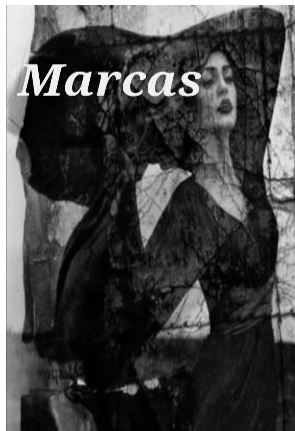
*Gostaria de nesse texto, dar voz aos fazedores de cultura e instituições que conseguiram esse registro e essa qualificação junto ao Ministério da Cultura.*

***E no seio dos corações acadêmicos surgiu o MARCAS — Com as palavras de um mentor, um professor, um doutor...***

Existe nas memórias, existe no Marcas.



Nenhum povo existe ou existiu sem arte. Mesmo antes do desenvolvimento da escrita e do domínio do fogo, humanos já produziam arte, e já eram influenciados por ela. É para essas questões ligadas ao lugar, crenças, necessidades físicas, culturais e artísticas que o *Marcas* se volta quando busca compreender os seres humanos e ao mesmo tempo tenta contribuir para que humanos compreendam a si, por meio de sua história, cultura e arte. O grupo se apoia no "Conheça-te a ti mesmo", orientação grega para que conheçamos as nossas possibilidades no mundo, em linguagem goiana e atual. *"Trabalhamos com exposições de obras apresentadas nas diferentes linguagens: fotografias, esculturas, e pinturas de paisagens, pessoas e cidades, além de apresentações teatrais que em parte destacam a cidade de Morrinhos, Goiás, Brasil, e outras regiões"* explica o Prof. Dr. Etelvides José de Moraes, Doutor em Sociologia pela UNB. Departamento de História da UEG Campus Morrinhos. Um projeto de Morrinhos, ligado à Universidade Estadual de Goiás, criado em 2022, e que se volta não apenas, mas, principalmente para a nossa cidade, e por meio dela dialoga com outras regiões.



### **Trajetória e ação do *Marcas***

O *Marcas* surgiu da necessidade de mais espaços de arte e cultura e que pudessem ser somados aos já atuantes em Morrinhos. O *Marcas*, intencionalmente, busca a inovação ao misturar tendências e diferentes aspectos artísticos e culturais,



aproximando preferências de adolescentes, crianças, jovens e adultos, e apresenta-as “*mescladas*” no mesmo espaço.

Em suas apresentações, figuras históricas artísticas e científicas tradicionais, conversam artisticamente com personagens de animes e desenhos internacionais ao estilo dos desenhos japoneses que marcam crianças e adolescentes atuais e são colocados ao lado de personagens tradicionais do folclore goiano. O objetivo é suscitar o lúdico e permitir que diferentes gerações se comuniquem.

### ***Lembranças e imaginação***

O exercício de desenhar, pintar ou vestir os personagens dos animes, do folclore, da literatura, do cinema levam os participantes do *Marcas* a fazer sua própria interpretação e releitura dos acontecimentos imprimindo suas sensações, sentimentos e ideias em suas produções e ações, especialmente com os jovens e adolescentes que atualmente podem ter acesso aos personagens clássicos da história e da literatura, bem como dos animes japoneses e que estão na memória de seus pais, avós e em sua vivência, muitas vezes, a nível local, regional, nacional e internacional, graças ao advento da internet. “*Sim, uma de nossas ações é proporcionar ao jovem, ao adolescente que vistam a fantasia de diferentes personagens e experimentem diferentes visões de mundo por meio da imaginação, colocando-os em pé de igualdade*”. Reforça o professor Etelvídes, sorrindo, divertido.

### **Teatro e plástica**

O *Marcas* tem lugar assentado em espaço cedido pela Universidade Estadual de Goiás para as suas exposições de



arte. Há uma ala destinada a mulheres influentes na cultura goiana e mundial. E nela, Maria, Mãe de Jesus, conhecida há milênios e que marca positivamente a humanidade, divide espaço com Marilyn Monroe e Paola Bracho<sup>1</sup>, personagens contemporâneas e que, assim como Maria, Mãe de Jesus, à sua maneira influenciam na forma como mulheres são vistas na contemporaneidade. O acervo de telas do *Marcas* conta com pouco mais de 60 obras de arte, com médio e grande porte. Feitas na maioria dos casos voluntariamente por artistas plásticos de Morrinhos e região. Tais como Eva Sandra Fernandes, Augusto Ditto e Ubirajara Chagas. Este último um artista plástico de Brasília.

### ***Ponta de areia***

Ainda em defesa do ecumenismo das linguagens artísticas, em 28 de agosto de 2025 O Marcas estreou a peça teatral *Ponta de Areia*, no Teatro Juquinha Diniz, em noite gloriosa para as artes cênicas. O texto parte de um ponto da história de Morrinhos e faz sua ligação como o mundo, apresenta com detalhes, beleza e cuidado com a história da própria cidade e região em tempos de outrora. Retoma valores culturais, costumes religiosos, tensões e erros cometidos na própria história, tanto no passado quanto no presente. O *Marcas* tem sua sede na UEG Morrinhos, mas atua em diferentes lugares da cidade. Instagram: @marcasevent.

---

**Paola Bracho<sup>1</sup>** — vilã da novela mexicana “A Usurpadora”, exibida em 1998, no Brasil e interpretada por Gabriela Spanic, gêmea de Paulina Martins, também vivida por ela.



E não é que em meio às pesquisas e defesa da pluralidade religiosa em sala de aula, deparo-me, lá no Conselho de Cultura, com a Associação Cultural Guerreiros de Xangô e Iansã, ecoando seus tambores no JK. Elevando do terreiro, um grupo que se envolve em várias atividades culturais, unidos pela religiosidade. E só tenho que ficar feliz porque Xangô e Iansã, esposos, majestades da mitologia iorubá foram assentados no trono de Oió, guerreiros irmanados do seio da África. Ele, o Senhor da justiça, ela a Senhora dos ventos e tempestades, nomeando uma casa cultural e religiosa que segue a doutrina da umbanda. É nessa casa que se dedicam ao profundo desenvolvimento da espiritualidade por meio da rica e ancestral prática umbandista, reverenciando os Orixás como manifestações da força divina. Fundada em 2010, funciona em sede provisória, ali no Conjunto JK. Os associados guerreiros de Xangô e Iansã seguem com rigor os fundamentos da religião, buscando conexão com os mistérios da vida e as forças da natureza, elementos centrais de seus rituais e práticas espirituais. Os membros da associação repetem sua máxima em uníssono: "Amor em ação, luz e caridade".



Entre giras, médiuns, atendimentos, acolhimentos, passes de cura, orientações espirituais vão se estabelecendo atividades comunitárias que levaram à associação a ser certificada como Ponto de Cultura. Um momento ímpar, pois as atividades religiosas nesse momento ultrapassam o ritual e revelam a importância da arte como expressão, do canto, da música, da dança. *“Acreditamos firmemente que a Umbanda é uma religião viva, acolhedora e genuinamente inclusiva. Nosso objetivo é*



*divulgar sua beleza, seus benefícios e sua relevância crescente dentro da sociedade. Queremos que a Umbanda seja reconhecida não apenas como uma religião de fé, mas também como um importante agente de transformação, cura e apoio social. É com essa convicção que afirmamos o valor da Umbanda e compartilhamos sua luz com todos que desejam crescer espiritualmente e viver em harmonia,”* declara o Vinícius, membro da associação, apresentando a instituição também como um polo de preservação, valorização e difusão da cultura afro-brasileira, promovendo o respeito às tradições de matriz africana e seu papel na formação da identidade cultural brasileira e superação do racismo de acordo com DECRETO Nº 12.278, DE 29 DE NOVEMBRO DE 2024, Art.1º ao 4º da Constituição.

A herança africana na história do povo brasileiro aos poucos vai ganhando voz. Uma associação cultural que unifica, que valoriza, que entoa seus cantos, pra tornar o seu povo orgulhoso, coração ansioso por justiça, alegria e festa. E folgo em saber que Morrinhos tem mais dessas sementes brotando em outros cantos da cidade. Em aulas de Ensino Religioso por exemplo, jovens já não têm vergonha de dizer que frequentam estas casas e ensinam também. Porque eles sentem que são respeitados.

A CooperArte foi concretizada em meio à pandemia, em 18/11/2020 e, decerto que, em algum momento de suas primeiras articulações, foi também uma tentativa de minimizar os danos do isolamento social e, por outra, fortalecer artesãos morrinhenses. Desde 2014 um coletivo de artesãs já unificava forças fortalecer o artesanato e sua renda. O caminho traçado levou o grupo a, em janeiro de 2024, ser certificado como Ponto de Cultura pelo Ministério da Cultura.



Atualmente, a Cooperativa dos Artesãos conta com 40 cooperados e uma de suas principais ações é a participação em feiras e exposições. Outra atividade que a CooperArte oferece aos seus artesãos é a formação dos mesmos por meio de oficinas. “*Essas oficinas nós abrimos para toda a comunidade*”, afirma a atual presidente, Neires Aparecida Pires Ferreira. Atualmente, a cooperativa dos artesãos tem se empenhado em auxiliar agentes culturais na elaboração de projetos para participação em leis de incentivo à cultura. Outrossim, dentre os principais objetivos da instituição estão: levar os produtos das artesãs a grandes feiras, além de promover ações sociais comunitárias, resgatar a memória e proporcionar a valorização dos artesãos e do artesanato local e regional promovendo inclusão social e gerando renda.



*“Nossa meta principal é levar o nome de Morrinhos para o mundo e fortalecer ainda mais o trabalho em rede com os pontos de cultura porque isso significa reconhecimento oficial de nossas ações, fortalecimento institucional e valorização social. E, o principal, passa a integrar o programa Cultura Viva”.* Neires acrescenta ainda que a cooperativa deseja trabalhar mais outras categorias de arte enriquecendo as possibilidades da própria cooperativa. Mesmo diante de tantas vitórias, a presidente da CooperArte lamenta que o apoio recebido ainda fica a desejar, mas frisa o apoio da Secretaria de Estado da Retomada que cedeu o prédio para o funcionamento dessa casa de artesãos. “*Hoje, somos cooperados de 12 municípios goianos*”, detalha Neires. Cá do meu cantinho, vejo um crescimento incrível e a conquista de um espaço merecido. E isso, é de vocês, CooperArte.



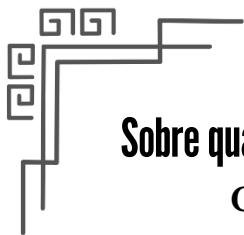
A Academia Morrinhense de Letras, completou 21 anos em 2025. Fruto do ideário de vários escritores murrinhenses, hoje tem em suas cadeiras diferentes autores que publicam, que produzem, que continuam assinando a cultura literária em Morrinhos. Já se foram vários imortais que sentaram em



suas cadeiras e, agora, ocupam outra dimensão. Mas que deixaram textos e memórias escritas na história. A AML, instituição que abraçou, no passado, vários projetos culturais em suas ações, fruto da dedicação de seus membros, presidentes e diretorias, recebe em 2025, o certificado de Ponto de Cultura do Ministério da Cultura, mais um motivo para continuar promovendo e ampliando a cultura literária em Morrinhos. Que a pena não desfaleça de nossas mãos. Que a caneta tinteiro que nem cheguei a conhecer, mantenha-se firme sobre a mesa. Que as teclas do computador e os tipos em casa linha que seja escrita, nos traga a imortalidade de sermos eternidade naquilo que pensamos e expressamos. Ao presidente Kleber e demais membros da atual diretoria, nossos cumprimentos por cuidar em tempo hábil, desse registro. Falo pela cadeira 05 que assento.

Francimar Bezerra





# Sobre quando morrem os autores e nascem os textos.

## Crônica de uma morta ainda viva

Francimar Bezerra

Por ocasião da publicação do terceiro livro da Travessia dos Sete Céus, e ainda em consultoria com meu confrade professor Dr. José Henrique, ocupante da cadeira 10 da AML, ele me dizia da morte do autor. Fabiana Toledo, assentada na cadeira 29, outra mestra na área das linguagens e também querida congreira, anos antes falava de algo semelhante. Segundo eles, quando escrevemos algo e entregamos o texto para o mundo, morremos. E, aí, é momento de sua escrita ganhar vida. E eu tenho experimentado algo parecido em minhas vivências literárias.

Outro dia, uma amiga professora me enviou pelo whatsapp uma poesia sua. E assim que li, logo perguntei se fora ela mesma que escrevera. Sim! Nossa! Aquele texto estava soprando em meus ouvidos, forçando-me a sair de mim porque tinha muita vida. E você pode conferi-lo aqui mesmo, junto aos meus escritos. Lívia ouviu o chamado poderoso da inspiração e chegou ao clímax em suas sensações ao escrever o que lhe sussurrou a mente e o coração. Assim que o li, corri a gravar em vídeo, sua declamação.

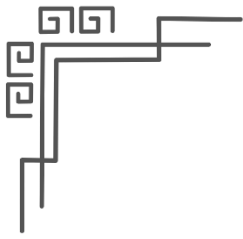
Aquele texto precisa bater asas e voar. E joguei-o para os ares. A pobre coitada da autora não poderia fazer mais nada. Agora sua criação voava porque logo o vídeo correu os familiares do Adão, aqui em casa foi um vaivém de mensagens dos conhecidos do Adão. Recebi áudios de agradecimento pela publicação...e a pobre coitada da autora, apesar de ter feito algo grande, ainda envolta com suas emoções e alegrias, perdera todo o controle de sua escrita. Agora, a sua poesia



ganhava a cidade, os amigos e familiares e eu mesma a tomei para fazer crescer e ganhar o mundo.

E, para concordar e aceitar as palavras de meus caros Zé Henrique e Fabiana Toledo, sobre quando morrem os autores e nascem os textos, tenho ficado surpresa ao contar histórias nas escolas municipais. De repente, quando termino de contar a história, do nada vem aquela carinha mais interessada e me pergunta de um desdobramento do texto que nunca imaginei! Ora, se eu pensei em algum momento se quando o menino, que estava no corpo da árvore voltou para o seu próprio corpo ainda estava com dor de barriga dos doces que a árvore tinha comido! (*Do conto “A árvore que queria ser menino”*). Nem tão pouco imaginei para onde foi o espírito do Titã da Fúria, depois de partido em não sei quantas partes para não ressurgir novamente e perturbar o mundo em mais um livro. (*Do Livro “A Travessia dos Sete Céus: há deuses entre nós”*). E há poucas horas, não é que uma criança maravilhosa quis saber o que aconteceria com a árvore de xícaras se alguém levasse uma de suas xícaras. (*Do microconto “A árvore de xícaras”*). Fiquei encantada, maravilhada, apaixonada e trazida de volta para os universos dos experientes mestres das linguagens. O autor morre quando seu texto é entregue, mas quando este dá sinais de autonomia, de liberdade, o seu criador também, das cinzas, renasce como uma fênix, tomado de orgulho de uma mãe, de um pai. Assim, consolo-me ao escrever e ver-me morta, pois só assim saberei que quando minha criação ganhar asas, voarei com ela.





## O casarão das memórias ocultas

*Wander Oliveira Melo.*

Por volta de 1920, na esquecida cidade de Bela Vista dos Montes, repousava na parte mais baixa da cidade um antigo casarão. A construção, imponente e silenciosa, parecia resistir ao tempo com a altivez de quem já testemunhara eras. Diziam que ali morou um coronel — homem de poder, temido e respeitado, que por décadas comandou suas fazendas, seus negócios e até os bastidores da política local; tudo a partir daquele casarão de janelas altas e corredores escuros.

A morte o levou, como leva a todos, mas o casarão ficou. Passou, então, às mãos de seus descendentes. A última a habitar aquelas paredes frias foi uma senhora de modos refinados, fiel aos rituais de um tempo que já não existia. Ela atravessou os anos envolta em silêncio e mistério, vivendo sozinha até seu último suspiro — aos 107 anos. Morreu em seu quarto, dizem, com um leve sorriso nos lábios... ou seria um aviso?

Depois disso, o casarão mergulhou num esquecimento sombrio. Por mais de vinte anos permaneceu trancado, suas janelas cerradas como olhos que se recusavam a ver. A estrutura, corroída pelo tempo e pela solidão, começou a ruir. Entre as casas modernas, o velho casarão era um intruso fantasmagórico — um corpo estranho na paisagem urbana.

Até que um dia, um herdeiro distante do coronel apareceu. Um homem indiferente à história e movido apenas por cifras. Ao ver o estado da construção e o custo de restaurá-la, preferiu vendê-la por um valor irrisório. Um



empresário, de olhos fixos no terreno privilegiado, não pensou duas vezes: comprou o imóvel com planos de demolição. Queria apagar o passado e erguer ali uma nova morada, moderna, limpa... vazia de lembranças.

Porém, no dia em que os operários começaram a arrancar o telhado, algo estranho aconteceu. O prefeito da cidade, por acaso, passava pela rua. Ao ver as telhas sendo retiradas e a poeira do tempo subindo ao céu como fumaça de velório, estancou o carro e desceu. O casarão, com seus traços coloniais, parecia chorar. Havia algo ali — algo que o fez parar, como se uma voz antiga sussurrasse ao seu ouvido. Ordenou que a demolição cessasse imediatamente.

Dias depois, o imóvel foi adquirido pela prefeitura e tombado como patrimônio histórico. O objetivo era nobre: restaurá-lo, dar-lhe nova vida. Com o apoio de empresas locais, o casarão foi meticulosamente restaurado e transformado em espaço cultural. Mas a nova pintura e as paredes restauradas não foram capazes de esconder o que sempre morou ali.

Visitantes começaram a relatar... coisas.

Sussurros em corredores vazios. Um cheiro de fumo de charuto vindo de lugar nenhum. Quadros que pareciam mudar de lugar. Luzes que piscavam, mesmo sem energia. Mas o mais aterrador eram os relatos sobre o coronel.

Diziam que ele nunca partiu.

Alguns afirmavam vê-lo nas madrugadas, passando pelo antigo quarto, com as mãos para trás e os olhos vazios. Houve uma funcionária da limpeza que, ao chegar cedo para abrir o espaço, deu de cara com um homem parado à porta. Usava um terno antigo, chapéu de aba larga e exalava um ar de autoridade. Quando ela perguntou quem era, ele apenas fitou



seus olhos — e ela desmaiou. Ao acordar, o homem havia desaparecido. Mas o portão estava... destrancado.

Outros visitantes relatavam sentir arrepios súbitos, como se alguém os observasse pelas costas. Alguns ouviam passos vindos do andar de cima, mesmo quando estavam sozinhos no casarão. Havia também os que viam vultos — figuras escuras deslizando pelas paredes como sombras vivas.

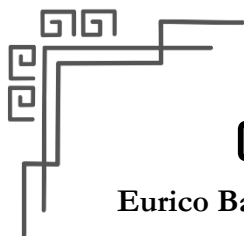
Com o passar do tempo, o casarão ganhou nova fama: a de ser vivo.

Os moradores de Bela Vista dos Montes passaram a evitá-lo ao cair da noite. Embora seja um espaço cultural durante o dia, ninguém ousa visitá-lo depois do pôr do sol. Os mais antigos murmuram que há segredos escondidos entre aquelas paredes — segredos enterrados com o coronel e guardados pela velha senhora que ali morreu em silêncio. Há quem diga que, em noites muito quietas, se você encostar o ouvido na porta, pode ouvir alguém sussurrando lá dentro.

Mas ninguém sabe exatamente o que é dito.

A única certeza é que o casarão permanece. Imponente, quieto... e à espreita.





## Os 10 anos da Academia Morrinhense

Eurico Barbosa Especial para **OPINIÃO PÚBLICA**

Na última quinta-feira, 11, em sessão prestigiadíssima, a Academia Morrinhense de Letras comemorou em sua sede 10 anos de existência.

Tive a satisfação de poder colaborar com a sua fundação. O escritor José Afonso Barbosa, principal responsável pela iniciativa, no segundo semestre de 2003 em encontro numa reunião de escritores, aqui em Goiânia, manifestou-me sua ideia e pediu minha opinião e, se positiva, meu apoio para a constituição do sodalício. Outro não podia ser o meu parecer: Morrinhos de há muito devia ter entidade representativa de sua expressão cultural. Intelectuais de grande valor, das gerações pretéritas e da atual são representativos de uma tradição histórica de amor às letras e às artes: Guilherme Xavier de Almeida, José Cândido, Zilda Diniz, Xavier Júnior, Celestino Filho, Waldir Quinta, Alaor Barbosa, Nilza Diniz, Helenizo Antônio, Sebastião Bento, ele próprio José Afonso, Dolores Troncoso, Nilo Sérgio Troncoso, Marisa Villefort, Cleusa Freitas, Fernandino Barbosa e muitos outros que estão a se revelar.

Já em dezembro do ano seguinte estava constituída a academia, com as suas 24 cadeiras ocupadas, sendo eleito presidente o autor da iniciativa.

Proficuidade tem sido a marca da AML. No propósito de resgatar a memória de figuras que tiveram papel relevante na história morrinhense a muitas delas se prestou homenagem com a formulação de ensaios literários evocando-lhes vida e



obra. A acadêmica Graziela Reis proferiu palestra sobre dona Maria Barbosa Reis, sua avó, destacando o singular papel de educadora que ela desempenhou por cerca de seis décadas. Almor Barbosa palestrou brilhantissimamente sobre Guilherme Xavier de Almeida, bom poeta, grande orador e também homem público de grande projeção no cenário político do Estado, sobretudo como parlamentar federal. O presidente, José Afonso, discorreu a respeito de Xavier Júnior — José Xavier de Almeida Júnior — notável médico que deixou obra poética, um romance e foi membro da Academia Goiana de Letras. Nilza Diniz, no salão do teatro, cuja denominação — Juquinha Diniz — é uma homenagem ao seu pai, projetou a admirável trajetória de José Mendes Diniz. Dolores Troncoso reviveu os lances de brilho intelectual e artístico de sua mãe, dona Vitória Troncoso. E este articulista focalizou a vida e a obra dos irmãos Taylor e José Oriente, morrinhenses que têm na história cultural do Estado a consagração de maiores editores (Editora Oriente) do seu tempo e dos maiores de todos os tempos.

Todos esses trabalhos serão, em breve, enfileirados em livro. O primeiro número da revista da academia, a circular em fevereiro próximo, corresponderá a esse volume. E outros vultos da histórica cidade receberão a mesma homenagem, devendo em breve iniciar-se o ciclo das palestras referentes a eles.

Na sessão comemorativa dos 10 anos da Academia Morrinhense de Letras foi conferida a medalha Maria Barbosa Reis a várias pessoas ligadas ao movimento cultural pomarino (termo relativo à cidade dos Pomares). Houve significativos pronunciamentos do ex-prefeito Cleumar Freitas e do atual



prefeito Rogério Troncoso e das pessoas às quais a referida medalha, instituída pela AML, foi conferida.

Este articulista recebeu a comovente distinção de um diploma em que é proclamado (presidente honorário vitalício da academia). Reitero aqui minha gratidão aos conterrâneos por essa homenagem.

*(Eurico Barbosa, escritor, membro da AGL, da Associação Nacional de Escritores, advogado, jornalista e escreve neste jornal às quartas-feiras & sextas-feira — E-mail: eurico\_barbosa@hotmail.com)*





## Anjos aquáticos

Revolução no céu?

Enchentes devastadoras na terra

Rios, que antes faziam curvas, agora

Passam direto,  
levando tudo...

Casas, pessoais,  
crianças, boiando!

Cachorrinhos em cima  
dos telhados

Junto com famílias  
inteiras, aguardando  
socorro.

Estamos no Rio  
Grande do Sul, 360  
graus de

Cabeça para baixo. Trajédia que surpreendeu  
Muitos. Mesmo os que achavam que já estavam  
Salvos, dentro de igrejas...

O volume de água, surpreendeu o mundo! TV,  
Fogão nadando, corpos de criancinhas  
Boiando no telhado ... Espalhados ...

Jesus está voltando?

Mas voluntários de coração, jogadores futebol  
Empresários, barcos grandes e pequenos, até  
Jet ski, helicópteros, voando para salvar mais ...

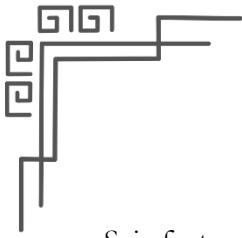
E ali, os anjos aquáticos, se unindo para salvar



De dia, no escuro, um sinal de celular, de  
Lanterna, um grito de socorro, tudo ajuda ...  
Salva-vidas, pegadores de ondas, surfistas da fé  
Equilibrando, anjos sobrevoando, nadando, piloto,  
Barcos improvisados, escolhidos por Jesus, para  
Salvar! Verdadeiros anjos disfarçados, mas com  
Muito amor, sobrevoando...  
Gratidão, mais oração, mais amor  
É Jesus, dando mais uma oportunidade  
Para refletirmos, deixando mais um testemunho  
“Os verdadeiros anjos aquáticos”!

Graziela Reis





## Canto de um poema saudável

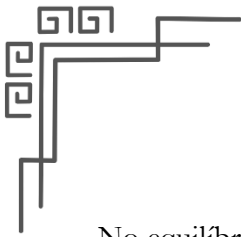
Seja forte, persistente...  
Um café, um chá, plantas, animais ou  
Um livro bom, um filme doce de caramelo  
E coloque Deus em primeiro lugar!  
No começo, um medo, um mistério, que  
Talvez não conhecemos ainda?  
Mas depois, tudo se acalma no barco  
Que tem Jesus. Com a força que buscamos  
no dono de tudo, para nos mantermos  
confiantes, assim como foi  
Moisés, Jó e Josué...  
E também como é, no acolhimento que  
Recebemos no centro médico Unimed  
Goiânia. Dos amigos integrantes, como  
A equipe de quimioterapia, médicos e  
Atendentes, enfermeiros e secretários,  
Ou psicólogo e nutricionista!  
Anjos do céu, do mar ou mesmo terrestre?  
Faz-nos, continuar... e que transforma os  
Raios químicos em raios de luz! Que nos  
Conduz...  
Não pare, pense e continue... no verso...  
Só falta um pouquinho mais ...  
A cura está próxima e ele está vendo sua  
Luta pra vencer, constante ...



E quando não desistimos e mantemos no  
Espírito Santo, queremos  
O Amor de Deus, que transborda, nos  
Curando desde a ponta do pé, até  
O fio de cabelo, que mais forte, vai nascer  
“Chef” ou não! mudou o paladar?  
Em algum lugar, viver o hoje, hoje...  
Entre o Céu e o Mar, voar e navegar!  
Servir e aprender a amar! ...

Graziela Reis



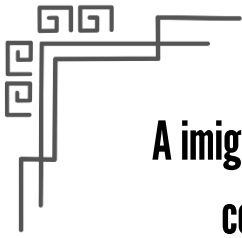


## Só p`ra amigos

No equilíbrio entre o ser um artista implacável e ser manso?  
Está o autocontrole com primeiro Deus  
No céu de Graziela. Que não tem ciúmes, só oração e  
coração.  
Não tem inveja, nem dor ... só amor!  
Onde a beleza interior é nossa melhor marca... para os  
amigos...  
Na arte que transborda para ensinar ...  
Que marca e nos faz diferente!  
Onde o amor deve ser livre e sem marcas!  
No céu de Graziela ....  
Pra voar e voltar ! ...

Graziela Reis





## **A imigração sírio-libanesa e sua participação no comércio de Morrinhos-GO, 1890-1930**

Hamilton Afonso de Oliveira.

Este pequeno texto tem como objetivo apresentar, brevemente, o estabelecimento de imigrantes sírio-libaneses na cidade de Morrinhos e sua participação no comércio, que passou a ser controlado por essas famílias de origem estrangeira que conseguiram exercer relevante influência no comércio local e regional entre os anos de 1890 e 1930.

A chegada das primeiras famílias sírio-libanesas a Goiás ocorreu, em sua grande maioria, acompanhando os trilhos da Estrada de Ferro Mogiana, que se estabeleceu nas cidades mineiras de Uberaba (1892) e Araguari (1896). Posteriormente, houve a extensão dos trilhos a partir da estação de Araguari até a cidade de Catalão (1909), com a denominação de Estrada de Ferro Goiás<sup>1</sup>.

Essas ferrovias marcaram o início de grandes transformações nas economias do Sul, Sudoeste e Sudeste de Goiás, promovendo uma maior integração do estado com o Sudeste brasileiro — especialmente com São Paulo e Minas Gerais — impulsionada pelo crescimento da produção agropecuária e pelo aumento do consumo de produtos industrializados. Esses produtos passaram a chegar às

---

<sup>1</sup> "Em 1911, a Estrada de Ferro de Goiás inaugurou seu primeiro trecho entre Araguari e a Estação Anhanguera em território goiano e, a partir de então, foi seguindo pelo sudeste do Estado, interligando os seguintes municípios: Cumari e Goiandira (1913), Ipameri (1913), Catalão (1914), Roncador (1914), Pires do Rio (1922), Vianópolis (1924), Silvânia (1930) e Leopoldo de Bulhões (1931)" (NUNES; 2000, p.72).



porteiras das fazendas e às residências urbanas por meio de mascates, em sua maioria de origem sírio-libanesa (OLIVEIRA, 2023; NUNES, 2000).

Foi nessa onda migratória que famílias de origem sírio-libanesa, como Abrahão Metram, Abdalla, Chaul, Elias Jorge, Hannum, Maluf, Nagib Chaof, Nagib Chacel, Najar, Saddi e Romano (Mattar), foram se estabelecendo em Morrinhos. Essas famílias dedicaram-se, principalmente, ao comércio de mercadorias, seja por meio do comércio ambulante, seja por meio da abertura de suas próprias casas comerciais, nas quais procuravam vender de tudo um pouco.

Com isso, contribuíram para as primeiras mudanças nos hábitos e no padrão de consumo da região, introduzindo uma grande variedade de produtos industrializados que, até então, estavam restritos aos médios e grandes centros urbanos brasileiros. Iniciou-se, assim, o processo de dissolução da combinação entre agricultura e artesanato — especialmente na produção de roupas e artigos de cama, mesa e banho — que passou a ser substituída por produtos industrializados importados.

Tratava-se de mudanças ainda muito pontuais e restritas, pois grande parte da população local, predominantemente agrária, não possuía condições financeiras nem interesse em consumir as novidades advindas dos grandes centros urbanos. Era uma época em que ainda não existiam meios de comunicação com potencial para influenciar os hábitos e costumes da população. Tudo se dava de boca em boca e de porta em porta, dependendo, portanto, das habilidades e do tino comercial dos vendedores para conseguir negociar seus produtos.

Nesse período — da virada do século XIX até aproximadamente 1930 — a economia goiana, incluindo a de Morrinhos, restringia-se ao comércio local e regional. A



produção agrícola era voltada principalmente para o abastecimento familiar, e o pequeno excedente era comercializado nos modestos estabelecimentos das vilas e cidades, que contavam com uma população bastante reduzida. Mais de 80% dos habitantes viviam e trabalhavam em áreas rurais, exercendo múltiplas atividades que envolviam agricultura, pecuária, criação de animais domésticos (como galinhas, patos, porcos etc.) e artesanato.

Tratava-se, portanto, de uma economia de autossustentabilidade<sup>2</sup>, na qual as famílias produziam praticamente tudo o que necessitavam nas próprias fazendas. O pouco excedente era vendido no comércio local, e o gado era, em grande parte, a única mercadoria transportada para fora das fronteiras de Goiás.

A interiorização das ferrovias promoveu o início de transformações favoráveis ao desenvolvimento de um novo tipo de economia, calcada na produção voltada para o mercado e no consumo de mercadorias em larga escala, para além das necessidades essenciais. Segundo Borges (1990), esse processo representou uma ruptura com o modelo tradicional de subsistência, ao integrar regiões antes isoladas ao circuito comercial nacional, estimulando a circulação de bens, pessoas e ideias e novas condições econômicas e de transporte que obrigaram os antigos fazendeiros — **gradativamente** — a abandonarem as formas de produção para uso e passarem a produzir exclusivamente para o mercado, ou seja, a produzir determinados produtos que o mercado exigia e comprar na cidade os produtos industrializados que necessitassem,

---

<sup>2</sup> Não havia preocupação em acumular riquezas e o consumo de coisas exóticas para se ostentar. A única preocupação era com o que comer, vestir e o sobreviver do amanhã. Inexistia uma mentalidade capitalista e mercantil na maioria destas famílias que já viviam em Goiás há algumas gerações.



desaparecendo no campo, a combinação entre agricultura e artesanato. (BORGES, 1990, p.23. **Grifo nosso**).

Foi nesse contexto que chegaram os primeiros imigrantes sírio-libaneses, que souberam tirar proveito das condições e das novas oportunidades criadas, como a melhoria dos transportes com a expansão das ferrovias. De acordo com Assis (2025, p. 92), os sírio-libaneses eram conhecidos pejorativamente como “turcos” e logo adquiriram a fama de “trapaceiros” — considerados enganadores de caipiras — devido às suas habilidades em realizar negócios altamente lucrativos com uma população rural, em grande parte analfabeta e desprovida de uma mentalidade voltada para o mercado. Essa “esperteza” e habilidade comercial, segundo o autor, “nos mostra as estratégias desses imigrantes em ganhar proveito em todas as situações”, por mais adversas que fossem no interior do Brasil.

Segundo Nunes (2000), à medida que os trilhos da estrada de ferro avançavam pelo interior de Goiás, a onda imigratória árabe acompanhava o trajeto da “Maria Fumaça”. Por onde passavam, os imigrantes construíam seus estabelecimentos comerciais e realizavam incursões a pé ou em caravanas pelos povoados mais distantes, mascateando produtos importados de São Paulo para serem comercializados no mercado goiano.

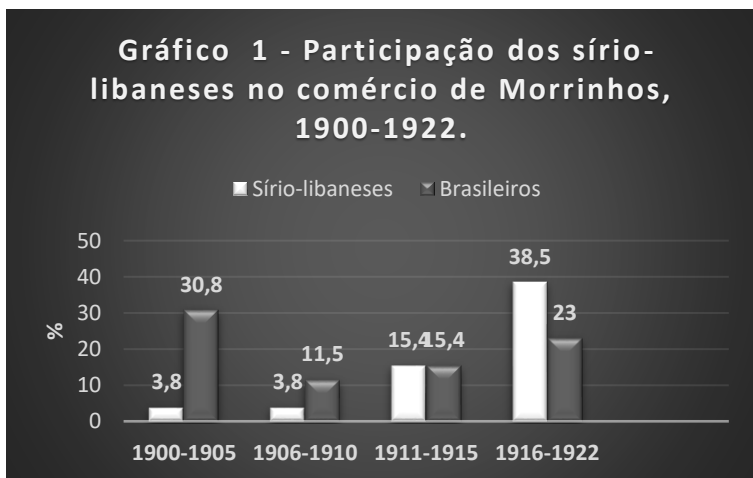
Para a autora, a maioria desses imigrantes sírio-libaneses era composta por jovens solteiros, preocupados consigo mesmos e que desfrutavam de maior liberdade e facilidade para realizar sucessivos deslocamentos, inclusive a longas distâncias, com o objetivo de vender produtos exóticos, originários em grande parte das indústrias europeias.

Conforme análise de 38 inventários catalogados — que continham notas de dívidas ativas deixadas pelos falecidos — disponibilizados pela Escritania de Família e Sucessões do



Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida, em Morrinhos (GO), abrangendo o período de 1900 a 1922, foram identificados os seguintes comerciantes de origem sírio-libanesa: A. Metran, Saddik, Abrahão Chaïbub, Abrahão Elias, Abrahão Metran, Félix Assahy, Felix Assali, João Felício Chaves (Marum Assad Chaul), Jorge José Romano (Mattar), José Jorge Romano (Mattar), José Miguel Metran e irmão, e José Romano (Mattar).

De acordo com os dados obtidos a partir da análise de 26 notas promissórias de dívidas levantadas no período, chegou-se à seguinte conclusão sobre a presença das famílias sírio-libanesas no comércio de Morrinhos. Essas famílias desempenharam papel central na dinamização das atividades comerciais locais, consolidando-se como agentes econômicos relevantes na região, conforme nota-se no Gráfico 1 abaixo:



Fonte: Escritania de Família e Sucessões do Fórum Dr. Guilherme Xavier de Almeida de Morrinhos — GO. — Inventários post-mortem de 1900 — 1922.



Ao realizar uma análise comparativa dos dados apresentados no gráfico, observa-se que, entre os anos de 1910 e 1920, houve um crescimento expressivo da participação de comerciantes sírio-libaneses no comércio de Morrinhos. Esse avanço foi especialmente notável na década de 1920, quando cerca de 40% das anotações de dívidas ativas estavam vinculadas a casas comerciais administradas por famílias de origem sírio-libanesa.

Esse dado revela não apenas a consolidação desses imigrantes como agentes econômicos relevantes, mas também sua capacidade de adaptação e expansão dentro de um mercado em transformação. A presença marcante dessas famílias no registro de dívidas ativas indica que elas operavam com volume significativo de crédito e confiança junto à população local, o que reforça seu papel na modernização das práticas comerciais e na diversificação da oferta de produtos.

A análise das mercadorias oferecidas, descritas nas notas promissórias dos inventariados, evidencia uma mudança significativa na oferta de produtos disponíveis no comércio local. Nota-se a inserção de mercadorias de origem industrial, que até então eram pouco frequentes nos estabelecimentos comerciais da região nos primeiros anos do século XX. Essa transformação indica não apenas a ampliação do acesso a bens industrializados, mas também o início de uma mudança nos padrões de consumo da população local, impulsionada pela atuação desses comerciantes imigrantes e pela crescente integração de Morrinhos com os centros urbanos mais desenvolvidos.

Para exemplificar, foi realizada uma comparação entre as dívidas ativas da inventariada Fortunata Pereira Vargas com



o capitão Cyrillo Cardoso de Almeida (processo nº 1343, pasta 25), proprietário de um estabelecimento comercial em Morrinhos. As anotações de dívidas analisadas abrangem um período de compras sucessivas realizadas entre os anos de 1902 e 1905 e conforme a composição dos produtos adquiridos por Fortunata, a maioria dos consumidos não eram industrializados, característicos de uma economia de subsistência. Entre os produtos registrados estão: farinha, quilos de toucinho, quilos de café, litros de feijão, carros de milho, litros de arroz, quilos de açúcar, lombos de porco, carros de lenha e peças de carne, entre outros.

Já nas anotações de dívidas presentes no inventário de Gustavo Ferreira Barbosa, relativas ao estabelecimento Abrahão Metran & Cia (processo nº 538, pasta 32), constam compras realizadas entre os anos de 1914 e 1916. Os produtos adquiridos pelo inventariado revelam uma oferta comercial significativamente mais diversificada e industrializada, incluindo: rolos de arame farpado naval, quilos de grampos para arame, pentes finos e grossos, maços de pregos e fósforos, arco pua, jogo de ferro para pua, formões, bolas de tinta, livro de leitura, resma de papéis, máquina de costura, lombinho de duas cabeças, caldeirão de ferro de 3.800 kg, metros de riscado, zipher, serguilha e brim pardo, entre outros.

Foi a partir dessas novas perspectivas que os imigrantes sírio-libaneses souberam tirar proveito, inicialmente por meio do comércio ambulante e, posteriormente, com a organização de casas comerciais em locais estratégicos — seja ao longo da linha da Estrada de Ferro Goiás, seja em vilas e cidades mais prósperas. Com isso, conquistaram grandes fortunas,



passaram a integrar a vida social e política local, e atuaram como agentes diretos na dinamização da economia e na reconstrução do cotidiano dos goianos.

Grande parte dos imigrantes de origem sírio-libanesa que se fixaram em Morrinhos e em outras regiões de Goiás nas duas primeiras décadas do século XX pertencia a ramificações do cristianismo existentes no mundo árabe. Após se estabelecerem no Brasil, a prática religiosa desses grupos favoreceu a construção de relações cordiais com as comunidades locais, facilitando sua integração social e cultural.

A cidade de Morrinhos, embora não fosse diretamente servida pelos trilhos da ferrovia, destacava-se como uma das mais importantes e dinâmicas do Estado de Goiás durante os anos da Primeira República (1889–1930). A partir da década de 1920, o município começou a vivenciar mudanças significativas em sua economia, sociedade e cultura, impulsionadas por fatores como a expansão do comércio, a presença de imigrantes empreendedores e a crescente circulação de bens e ideias.

## REFERÊNCIAS

ASSIS, Gustavo S. R. **Dos ramos das oliveiras às flores dos ipês: a presença sírio-libanesa em Pires do Rio-GO, 1922-1970.** Dissertação de mestrado defendida no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Estadual de Goiás, Câmpus Sul. UEG: Morrinhos-GO, 2025.

BORGES, Barsanufio G. **O despertar dos dormentes.** Centro editorial da UFG, 1990.

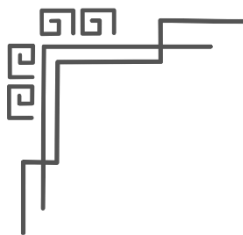


NUNES, Heliane P. **A imigração árabe em Goiás.** Goiânia UFG, 2000.

OLIVEIRA, Hamilton A. **A Construção da Riqueza no Sul de Goiás, 1835-1910** — São Paulo: Pimenta Cultural, 2023.

OSCAR JR., Unilson J. **A imigração árabe e sua participação no comércio de Morrinhos, 1889-1930.** Trabalho de Conclusão de curso de graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás — UnU. Morrinhos. UEG: Morrinhos, 2010.





## Cartas — o resgate e a evolução da escrita

Neumar Silva.

Embora a comunicação digital seja predominante nos dias atuais, as cartas manuscritas ainda carregam um significado especial e são valorizadas por sua capacidade de transmitir emoções e criar conexões mais profundas. A história das cartas escritas à mão remonta a milhares de anos, sendo consideradas uma das formas mais antigas de comunicação.

Diz-se que a primeira carta escrita à mão tenha sido enviada pela rainha aquemênida Atossa por volta de 500 a.C. Essa prática se difundiu com o aumento da alfabetização.

Ao longo do tempo, os suportes para a escrita evoluíram, desde argila, o papiro, a tela, a pedra, a madeira e, finalmente, o papel.

Evoluíram também com a invenção da imprensa e, mais tarde, com a tecnologia digital, mas a carta manuscrita manteve e ainda mantém o seu valor sentimental.





## Carta 1

**Remetente: o autor**

**Destinatário: o leitor**

**Lá Corunha, março de 2023**

Querido leitor...

O ano era 2023, no auge do inverno europeu. Mente insaciável e instinto nômade me levaram por explorar outras plagas no velho mundo: Espanha, Turquia, Alemanha, Grécia, Portugal...; neste último, finquei raiz. Foram dias, estações e anos a apreciar as belezas das cidades lusitanas de norte a sul e, no fim do dia, do meu aconchegante t2, no terceiro andar no núcleo velho da cidade, apreciava o belo entardecer, o revoar das gaivotas e a ouvir os encantadores sons das ondas do mar a causar uma sensação de paz e equilíbrio para um sono revigorante, nas cercanias de Cascais.

Enquanto a melancolia do outono, a fúria do inverno, a leveza da primavera e o calor do verão acalentavam o meu ser, intensos deleites que fortaleciam laços de amizade e



conhecimento alimentavam a minha alma; numa prodigiosa profusão de coisas e incontáveis encontros literários: clubes e sprint de leitura, encontro de escritores, brunch literários, lançamentos de livros, feiras e viagens literárias, piqueniques de livros etc, etc e etc, moldavam o meu conhecimento e transmitiam-me valores imensuráveis.

Todos proporcionaram-me imenso prazer.

Amar os livros é ver a luz.

Mas, não somente os livros e eventos culturais proporcionaram-me tanto prazer. As escritas de cartas, chamada “Clube das Cartas”, fizeram-me resgatar um hábito antigo e em quase extinção. E não era escrita digital não!

Sabe aquela escrita bem tradicional? iniciava com o local, com a data e, em seguida, começava aquele texto cheio de sentimentos que se chega a chorar de emoção.

Começava assim: escrevo estas singelas linhas para dizer-te que estou morrendo de saudade de você...

Por aqui está tudo bem...

Espero que o mesmo esteja por aí.

E quando era aquela carta de amor então!?

“Meu amor, quando nossos sonhos se cruzaram, percebi que estávamos na mesma direção. E o nosso amor aconteceu.

Você trouxe um colorido todo especial na minha vida...”

As cartas eram escritas e postadas nos Correios com o selo, o carimbo e tudo, para dar maior autenticidade e nostalgia.

Dessas viagens, dos encontros e contatos com agentes e meios literários, suscitaram-me a ideia de escrever um \*diário



(era o principal propósito das minhas viagens); coletar dados para o próximo livro, que de início, pretendia dar-lhe o nome de “O diário de um viajante” mas, posteriormente, decidi incluir os livros, meus queridos livros, e ficou assim: \***“ENTRE LIVROS E VIAGENS”** que foi publicado em Portugal e no Brasil no início da primavera europeia de 2025; o primeiro lançamento se deu na Biblioteca Municipal Casa da Horta de Cascais no dia 24 de maio de 2025 e, posteriormente, na Feira do Livro de Lisboa.

## **Carta 2**

**Um carta de amor.**

**Atenas, 08 de setembro de 2023.**

Tive tanto ciúme que até cometia desatino. Deus, o lapidário das nossas almas, tem os seus instrumentos e lança mão deles quando lhe apraz.

Desculpe-me se não fui um pai mais amoroso e mais presente em vossa vida, as minhas obrigações às vezes cobravam-me ausência, embora temporária. O despertar da consciência provoca grandeza da alma, pois que, o acesso do justo e do bem não são próprios das naturezas vulgares.

Pode ser apenas coisa da minha cabeça que às vezes cobra-me essa consciência e perturba o meu interior; do contrário, como ouço com frequência essa frase que me enche de orgulho? “você é o melhor pai do mundo!”

Deixe-me confidenciar uma coisa, que certamente não é nenhum segredo para você: eu quase morria de ciúme quando alguém a olhava com interesse, olha que bobagem!



Mas, isso é passado. No misterioso balanço da vida, sobrou o equilíbrio, a sensatez e o amor. Hoje tenho tanto orgulho de ti que nem cabe no meu apertado coração.

Não tenho muita ambição pessoal, mas ainda tenho objetivos, projetos e um grande desejo; o de que nossas amizades e o amor que nos uniu nesta vida, perpetuem e que não nos separem em outras. A união é o nosso bem maior.

É um grande desejo de um pai ciumento? não mais, mas de um pai que te ama e que apenas deseja vê-la feliz.

Os símbolos genésicos são eternos e sagrados, porquanto se uma luz não vier a operar nele qualquer mudança, juntos estaremos para a eternidade.

A vida só tem graça de fato se (e quando) aprendermos a demonstrar o nosso verdadeiro amor e o tempo é o nosso principal inimigo, ele voa.

O meu melhor presente é você.

## **Carta 3**

**Carta para a minha confidente.**

**Cascais, maio de 2024.**

Já se passaram quase dois anos e nós aqui apreciando cada uma das estações bem vividas; confesso que a saudade é imensa das nossas miúdas, dos nossos parentes, do nosso apartamento que só de pensar fico a imaginar quanta diferença de tamanho do qual estávamos habituados, com este daqui onde moramos, não é?

Nossa sorte é que nos fortalece e aquece nossos corações são as amizades que fizemos por cá: o grupo de escrita de cartas, o pic livros, os encontros literários, os



lançamentos de livros, as feiras, o GEB (Grupo Espírita Batuíra)...

Mas, de tudo isso, a coisa que mais deixou-me feliz e orgulhoso foi a publicação e o lançamento do meu primeiro livro além-mar (Os Contos que Conto; abril de 2023). Quase chorei de emoção quando abri aquela caixa e os vi lá na livraria Martins de Lisboa, lembra? E a minha ansiedade e cara de pânico só de pensar que meus convidados não viessem! Ah! Você naquele momento me acalentava ao dizer: “vai dar tudo certo, fica tranquilo!” E deu mesmo.

Foi o meu primeiro lançamento por aqui. Jamais vou me esquecer daquele momento, daquela tarde ensolarada cheia de emoção onde a grande toalha azul se estendia pelo céu; notei que você também se emocionou ao ver-me quase em lágrimas. E a Filipa coitada, (gerente da livraria) ficou toda corada, quando eu estava filmando! Sabe de uma coisa? nem nos meus melhores sonhos imaginava momentos assim. Sonhos, que decerto, há eleições no céu para isso e todos nós sem saber somos elegíveis onde os anjos são os votantes e, assim, ficamos eleitos com essas dádivas que a vida nos dá, não é?

A escrita do diário também foi muito importante pra mim. Será que ele vai virar livro um dia? Se sim, será que os leitores vão gostar?

E a quantidade de convites para participar de eventos literários que tivemos e ainda temos!? Às vezes fico a pensar, como Deus é tão generoso conosco! Será que somos merecedores?

Lembra da nossa chegada, nas primeiras semanas de quando mendigávamos amizades? Lembra daquelas senhoras artistas da praça que se reuniam às quintas-feiras? lembra de quando eu ia bem cedinho ver se elas estavam por lá e deixava nosso nome com a moça do restaurante italiano? Pois é! Aos pouco, a natureza preenchia o nosso jardim, terminavam os



lilases e começavam os jasmims. O tempo passou e estamos preste a viver uma nova etapa nas nossas vidas.

Esses anos foram tão intensos em termos de conhecimento, não foram? Meu Deus! Quase dois anos se passaram e que serviram também para nos conhecermos melhor, não acha? Quem diria que precisávamos vir para tão longe para ficarmos ainda mais pertos. O nosso projeto foi ambicioso e tudo o mais está valendo a pena. O futuro? Não sei, não quero pensar.

Coloco nas mãos de Deus.

Ele sabe!

Beijinhos, te amo.

## Carta 4

**Carta para J\* e RC\*.**

**Parque Marechal Carmona, Verão de 2024**

Queridos amigos J\* e RC\*,

Espero que se encontrem bem.

Ter a sorte de conhecer vocês foi uma das melhores coisas que me aconteceu em Portugal.

Ah, aqueles encontros maravilhosos no Clube de Leitura Livros do Armazém, no Mercado da Vila, na Fnac! Conhecemos pessoas incríveis! E isso não tem preço.

E o nosso dia de “debutantes” na Livraria Martins quando você apresentou-me no lançamento do meu livro *Os Contos que Conto?* Como estávamos ansiosos!! Não é? Mas que bom que, no final, tudo deu certo. Rê e eu ficávamos sempre muito felizes quando recebíamos convites seus; ora para um



cafezinho, ora para um almoço, ora para um encontro literário...

Não posso deixar de dizer que fiquei grato pela atenção que o J\* deu-me quando eu estava “travado da coluna”. A sugestão dele foi de grande valia, ajudou imenso, obrigado amigo J\* você é um cara fantástico.

Estou com um novo livro prontinho, espero poder publicá-lo em breve.

Quer ser minha leitora Alfa?

## **Carta 5**

**Carta de despedida.**

**Até um dia...**

**Sesimbra, Portugal agosto de 2024.**

Por cá passei as quatro estações; li mais de 100 livros diversos; fiz amigos; conheci grandes escritores e escritoras e um pouco da vossa rica cultura; escrevi mais de 100 mil palavras. Das estações, a maioria em duplicidade, (twice, como dizem os ingleses). Singularmente aquecido, ora pelo calor do verão, ora pelas perfumadas flores da primavera, ora pelo inconfundível colorido outonal das folhas amarelas e do cheirinho maravilhoso das castanhas assadas que se faz sentir pelas ruas das cidades, ora pelos dias escuros e frios do inverno que por vezes se confunde com a primavera. Ora, e principalmente pelos calorosos abraços.

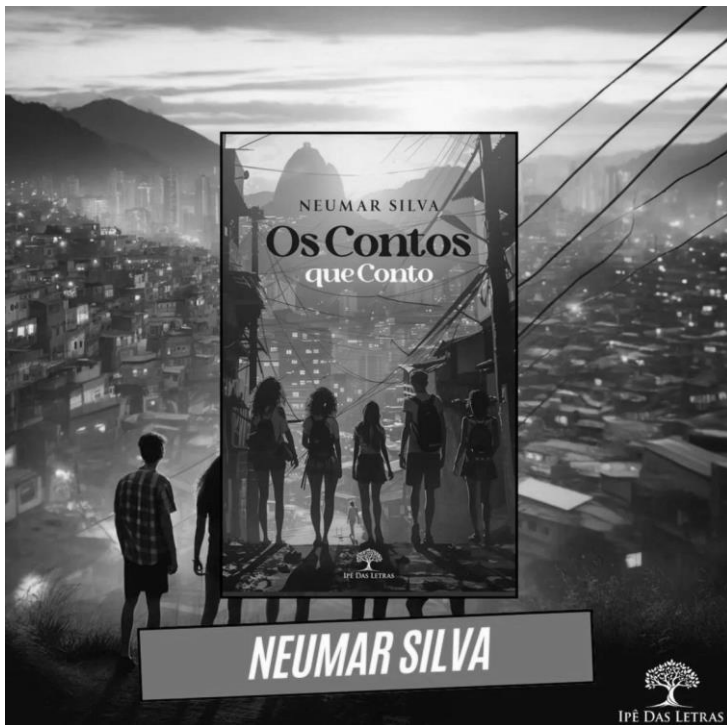
Mas não somente as quatro estações e os calorosos abraços me acolheram com tanto gozo como daqueles sóis que insistem em mostrar a sua cara em qualquer das estações.

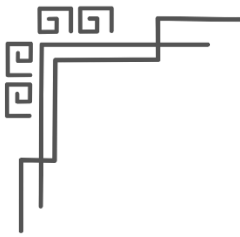


As amigades, as acolhidas de pessoas incríveis que jamais pensava conhecer com os seus generosos gestos, como a dizer: “estou aqui, conte comigo quando precisar...vá, mas quando voltar, estarei por cá a esperar por ti”; estas frases aqueceram o meu coração. A luz de um mundo desconhecido, era agora visível; os amigos, as amigades, as mãos amigas...

Obrigado RC\*e J\*, obrigado P\*, obrigado MJ\*, obrigado S\*, obrigado G\*, obrigado F\*, obrigado D\*e C\*, obrigado GEB\*, obrigado C\* de Cascais e obrigado P\* de Portugal PT.

Amo-te.





## A mais cobiçada

Lézia Amorim Canedo

Linda, majestosa, insinuante, surge ao longe e caminha sem muita pressa, procurando suspiros e muita agitação.

Passa, desliza, roça, balança e sai correndo entre muitos, como se quisesse dizer alguma coisa. Sua sensualidade é tanta que todos a desejam, mesmo que, para isso, vivam momentos amargos e tristes.

Branca, quadriculada, não importa — lá vem ela: clamorosa, caprichosa, a mais cobiçada do “pedaço”.

Sem muita malícia, vai roçando entre pernas e provocando olhares aflitos, extasiados com a cadência da ginga e o rolar pelo chão.

Amada por uns e odiada por outros, bastante inocente, posta-se aos pés daqueles que, por amor ou por medo, são capazes de acariciá-la, apertá-la e até mesmo se indisporem por ela.

Gritos, vaias, olés, bandeiras tremulando ao leve toque do vento denunciam sua presença.

Nada disso importa — lá vai ela. Senhora absoluta da situação, rasgando o espaço e cortando o silêncio da multidão. Não fala; sua linguagem única é a sensação da vitória ou da derrota que cada um sente.

Sua aparência se transforma através de surpresas e arrepios, enquanto a magia toma conta de todos.



Furiosa, mas esplendorosa, avança muda de desejo,  
deixando as pessoas com o grito de gol na garganta.

Sua beleza é gigantesca — nada pode alterar seu curso.  
É a reta final. É o gol, é a explosão, é o coração do torcedor  
arrebatado de emoção.

Vai, bola, vai para o fundo das redes descansar.





# O Governo do Prefeito Joviano Antônio Fernandes nas Páginas da Revista “Morrinhos: Quatro Anos de Progresso” (1970)

Prof. Dr. Júlio Cesar Meira<sup>3</sup>

Em janeiro de 1970, no término do seu mandato de prefeito de Morrinhos, Joviano Antônio Fernandes mandou publicar um balanço de suas atividades como prefeito. Intitulada “Morrinhos: quatro anos de progresso”, a publicação dizia muito a respeito da forma como ele se inspirou na ideia de progresso, fonte das mudanças e transformações que realizou.

**Figura 1 — Revista “Morrinhos: Quatro Anos de Progresso” (1970)**



**Fonte:** Projeto Centro de Memória de Morrinhos/GO (2016)

---

<sup>3</sup> Membro da Academia de Letras de Morrinhos, ocupante da Cadeira 17, cujo Patrono é o professor José do Nascimento. Doutor em História Social (UFU), professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG) em Morrinhos, atuando na graduação e no Programa de Mestrado em História da Universidade Estadual de Goiás (PPGHIS/UEG). E-mail: [julio.meira@ueg.br](mailto:julio.meira@ueg.br)



Ao longo de suas 25 páginas, a ênfase recaiu nos projetos de infraestrutura urbana, reforma e construção de escolas, considerados pelo gestor municipal como fundamentais para retirar o município de seu estado anterior, pois, “se não fora isto, talvez Morrinhos estivesse, ao invés de progredir, continuando num marasmo triste para os seus habitantes e vergonhoso para os seus dirigentes”, como ele mesmo escreveu na página de apresentação.

A ênfase no discurso do progresso foi permanente nos quatro anos de mandato do prefeito Joviano Fernandes. Podemos ver isso não apenas na leitura da revista mencionada, mas, principalmente, na análise das justificativas dos Projetos de Lei (PLs) originados no Executivo e enviados à Câmara Municipal — posteriormente transformados em Leis, demonstrando sua intenção de transformar a paisagem semirural do núcleo central do município em um centro urbano verdadeiro.

Tanto os Projetos de Lei encaminhados pelo Executivo quanto as próprias Leis aprovadas na Câmara Municipal entre 31 de janeiro de 1966 e 31 de janeiro de 1970 revelam em torno de 170 legislações criadas no período, das quais 152 leis levaram a assinatura de Joviano Fernandes, por conta do breve interlúdio de cinco meses, em 1968, em que o Vice-prefeito Luiz Falone substituiu o titular.

Queremos nos concentrar em 29 desses PLs, dos quais 27 se tornaram Leis, já que dois deles foram “Mensagens do Executivo”, espécie de prestação de contas do prefeito ao Poder Legislativo Municipal. As duas mensagens foram enviados na forma de Ofícios — Ofício nº 24 de 28 de março de 1967, referente às realizações do ano de 1966 e o segundo, Ofício nº 49 de 31 de janeiro de 1969, a respeito das atividades do ano de 1968.



## As “Mensagens do Executivo”

Em comum, as “Mensagens do Executivo” e as justificativas dos PLs celebraram a visão política e administrativa do prefeito enfatizando suas realizações como resultado da modernização que a ideia de progresso embutia. De maneira particular, as duas “Mensagens” apresentavam características discursivas peculiares.

A primeira delas se referia ao primeiro ano da administração (1966), portanto trazia um tom comedido, enaltecendo a racionalidade e descentralização da gestão, surpreendente para o período, mas que faz sentido com a visão de administração pública do período dos governos militares que ora se iniciava<sup>4</sup>.

Já a segunda, enviada no início do seu último ano como prefeito, embora nominalmente se referisse a 1968, foi um instrumento de balanço e defesa de todo seu mandato até ali, apontando para um protagonismo do chefe do Executivo, até porque foi toda redigida na primeira pessoa do singular. Nela, o prefeito utilizava termos e adjetivos que lembrava a todo momento sua característica de realizador de obras, consciente dos problemas da cidade e os esforços em corrigi-los, uma espécie de vocação, o que fazia com que fosse seu “dever prosseguir na luta e procurar sempre cativar mais um para a formação do grande exército que marchará em direção ao grande destino de Morrinhos”.

A segunda “Mensagem do Executivo” também fazia inúmeras menções a convênios, parcerias que garantiram

---

<sup>4</sup> As obras de infraestrutura urbana realizadas em Morrinhos no período do governo de Joviano Fernandes foi amplamente foram amplamente analisadas no terceiro capítulo da minha Tese de Doutorado (Meira, 2017) e em artigo posterior (Meira, 2019), ambos presentes na Bibliografia.



investimentos do governo estadual ou de fundos próprios do governo federal — responsáveis por grande parte das obras de infraestrutura de Morrinhos durante seu governo. Da construção de pontes e escolas, pavimentação de ruas ou redes de saneamento básico, até a instalação ou melhoramento dos serviços de distribuição de energia elétrica ou de água encanada, a parceria com as demais instâncias governamentais se fazia sentir e a “Mensagem” (Ofício nº 49/1969) deixava isso evidente.

Toda a “Mensagem” estava repleta de expressões que remetiam a palavras como progresso, desenvolvimento e modernização, de forma direta ou indireta, reafirmando o compromisso de sua administração, celebrando a marca de sua administração, reconhecida pelo escritor José Afonso Barbosa (2015), que se referiu a Joviano Fernandes como o prefeito mais “progressista” da história de Morrinhos, o que “desatou a senda do desenvolvimento de nosso município” (BARBOSA, 2015, 148).

## **Os Projetos de Lei**

Da mesma forma que as “Mensagens do Executivo”, as justificativas dos PLs de autoria do Executivo contribuíram para a consolidação do discurso de progresso. Dos 27 PLs, 15 mencionavam, de forma explícita, as expressões desenvolvimento e progresso, também revelando a imagem de realizador de obras, de construtor que elegera a transformação da infraestrutura urbana como sua marca. E isso englobou a construção e/ou reforma de rodovias intermunicipais, ruas e avenidas, praças e equipamentos públicos como escolas e postos de saúde; ampliação das redes de distribuição de energia e saneamento básico; a construção de habitações populares, na forma de conjuntos habitacionais;



reordenamento da ocupação da cidade com a criação do que seria o embrião do distrito agroindustrial e de nova zona comercial, buscando incentivar a diversificação na matriz econômica, ainda dependente das atividades ligadas ao campo, com ênfase na industrialização.

O PL nº 1/66-E foi o primeiro a ser enviado à Câmara Municipal, na segunda semana de sua administração como prefeito e trazia a seguinte epígrafe: “Autoriza a aquisição de máquinas e equipamentos destinados à montagem do parque rodoviário do município de Morrinhos”. A justificativa do PL apontava para duas das metas que foram perseguidas ao longo de seu mandato: criação de incentivos para a ampliação e diversificação das atividades econômicas no município e a modernização da infraestrutura urbana.

É nessa perspectiva que o PL nº 1/66-E defendeu a criação de um parque rodoviário e investimentos na aquisição de máquinas e equipamentos para tornar o município capaz de realizar as obras urbanas e a construção, conservação e manutenção de estradas, pontes e ruas, da área rural, explicando que:

[...] a montagem de um parque rodoviário moderno, prestando serviços exclusivamente a este município, é claro, poderá trazer inúmeros benefícios à zona rural, abrindo estradas, conservando as que existem, enfim, fazendo chegar o **progresso** até o mais longínquo trecho do território municipal de Morrinhos.

Por outro lado, a aquisição do maquinário e todos os seus equipamentos, possibilitaria, também, o prosseguimento do trabalho de



pavimentação de vias públicas, além da conservação constante daquelas artérias que, por motivos diversos, não vierem receber em curto prazo, todos os melhoramentos compatíveis com o **progresso** e o **desenvolvimento** de uma grande cidade: **urbanização** completa (MORRINHOS, PL nº 1/66-E, grifos nossos).

Progresso e desenvolvimento. Repetimos que essas expressões continuaram sendo, até o fim do mandato de Joviano Fernandes, as representações que culminaram no próprio título da revista de celebração do seu governo, “Morrinhos: quatro anos de progresso”, em 1970. Os esforços ficaram evidenciados no pedido de autorização à Câmara para endividamento para a constituição do seu parque rodoviário e que levava o orçamento de 1966 para duzentos milhões de cruzeiros, o dobro do que fora aprovado em 1965, no final da gestão do então prefeito Manoel de Freitas. Para que acredita que isso era muita ousadia, esse valor foi pouco mais da metade do que solicitou como orçamento para o ano seguinte, 1967.

Vários outros PLs com a mesma temática foram enviados pelo Executivo à Câmara Municipal ao longo do ano de 1966, dando mostras dos debates que a solicitação inicial deve ter suscitado entre os vereadores. Eram PLs que buscavam esmiuçar a proposta inicial, definindo a quantidade — e as características — das máquinas e equipamentos, a utilização de cada uma delas e, até mesmo, as questões relacionadas à manutenção e reposição de peças.

O PL nº 5/66-E, enviado em abril daquele ano, demonstra que o projeto foi aprovado, mas que, por conta da demora na liberação dos recursos pelos bancos públicos,



ainda não estavam disponíveis. Por conta disso, solicitava autorização para a aquisição de um equipamento usado, aparentemente já em uso pelo município em regime de empréstimo e que seria pago com recursos próprios, além de cotas de participação em fundos federais.

Os recursos devem ter sido liberados logo em seguida, pois o PL nº 16/66-E, enviado em junho, solicitou autorização para a abertura de licitação para a compra, já com as especificações de cada máquina e equipamento, incluindo marca e modelo. O PL nº 21/66-E, de julho de 1966, que tratava da ampliação dos recursos e da estruturação das duas autarquias municipais responsáveis pelo planejamento e operacionalização das obras de infraestrutura urbana — SUPAM e DMER — enfatizou a importância da criação do parque rodoviário e do investimento nas máquinas e equipamentos, representando “quase uma dezena de máquinas **trabalhando para o progresso** de Morrinhos”.

No final do seu mandato, em dezembro de 1969, o prefeito enviou à câmara municipal o Anteprojeto de Lei nº 21/69-E, com a seguinte epígrafe: “Autoriza o Poder Executivo Municipal a celebrar convênio com o Consórcio Rodoviário Intermunicipal S/A para a execução de obras rodoviárias, inclusive obras de artes especiais e dá outras providências”. A justificativa do PL aludia à centralidade de Morrinhos em relação a outros da região Sul de Goiás e à importância que o município tinha como polo de atração da produção econômica e como via de acesso e escoamento da produção dos municípios circunvizinhos a outros mercados, tanto em Goiás quanto em outros estados. Dessa forma, faria sentido compor um consórcio rodoviário intermunicipal, em que houvesse “um plano coordenado de realizações (entre o estado e o município), no sentido de que recursos não sejam dispersados ou mal empregados”. Além do mais, conforme a



redação da justificativa, o avanço no desenvolvimento do município de Morrinhos dependeria, em certa medida, da melhoria das “condições de desenvolvimento dos citados municípios que tem como centro de escoamento a sede da nossa cidade”.

Novamente podemos ver empregada a expressão “desenvolvimento” para definir as condições de crescimento socioeconômico e de progresso.

O PL nº 27/67-E, de 21 de setembro de 1967, tratou da manutenção e embelezamento das praças e áreas públicas de convivência e circulação de pessoas, argumentando que mereciam uma atenção especial, principalmente pelo fato de que uma cidade progressista deveria ser uma cidade “bem cuidada”; além disso, propôs a construção das novas praças Nossa Senhora do Carmo e Cel. Hermenegildo de Moraes.

Esse PL era a continuação de outro, do mesmo ano, o PL nº 21/67-E, enviado no mês anterior, que propôs a criação de duas praças, que se transformaram em verdadeiros monumentos ao progresso pretendido, a Praça Dr. Raul Nunes, também conhecida como Praça da Fonte Luminosa, e a Praça do Cristo Redentor, destinadas a serem monumentos que valorizariam a imagem da cidade progressista e de desenvolvimento acelerado.

No caso da Praça Dr. Raul Nunes, o elemento estético foi enfatizado na própria justificativa do PL nº 21/67-E:

A meta deste Poder Executivo é proporcionar a Morrinhos o que realmente ela necessita. A construção da Praça Dr. Raul Nunes, será sem dúvida alguma um dos maiores benefícios que poderíamos ofertar à nossa cidade. [...] **a fonte luminosa e sonora que ali pretendemos instalar irá dar aos**



**olhos dos Morrinhenses um espetáculo que só é visto em outras plagas** (MORRINHOS, PL n° 21/67-E, grifos nossos).

Inaugurada em 1968, a Praça Dr. Raul Nunes, localiza-se no mesmo espaço onde era o antigo cemitério municipal até o ano de 1918 e foi construída como um símbolo do traçado moderno da cidade burguesa, no formato em grelha, ao mesmo tempo em que representou uma visão higiênica da cidade e a busca pela definição institucional de espaços de sociabilidade. Sua própria localização é uma demonstração da ampliação da área urbana do município no final da década de 1960, pois até as primeiras décadas do século XX o cemitério estava na periferia da cidade. A Praça Dr. Raul Nunes redefinia os limites da nova região urbanizada na direção Sudeste, ao final da Avenida Couto de Magalhães, entre as ruas Dr. Pedro Nunes e Rio de Janeiro.

**Figura 2 — Praça Dr. Raul Nunes, ou Praça da Fonte Luminosa (1968)**



**Fonte:** Projeto Centro de Memória de Morrinhos/GO (2016)



Da mesma forma, a Praça do Cristo Redentor, distante cerca de um quilômetro a Oeste dos limites até então estabelecidos da área urbana, recebeu esse nome por conta de ter recebido uma estátua, o Cristo Redentor, com cerca de vinte e sete metros de altura, contando com o pedestal.

Edificado ao lado do Residencial Vila Bela, o monumento religioso também representou a tentativa de ampliação dos limites da área urbana do município em fins dos anos 1960, concomitante com os esforços de transferir o centro econômico da cidade, na época localizado na Rua Barão do Rio Branco para a Avenida Senador Hermenegildo Lopes de Moraes, tendo como foco o novo Mercado Municipal, construído na Praça Monte Castelo.

**Figura 3 — Construção da Base da Estátua do Cristo Redentor (1968)**



**Fonte:** Projeto Centro de Memória de Morrinhos/GO (2016)

Além de ser um monumento físico de demarcação geográfica dos novos limites da cidade, a construção da Praça do Cristo Redentor também teve outro objetivo — no campo



simbólico — pois se destinou a ser o cartão de visitas para quem chegava ao município a partir da BR-153 e buscou consolidar as representações autoatribuídas de “amor à paz, o sacrifício, a honradez e o trabalho [...]”, fechando “com chave de ouro” a administração do prefeito Joviano Fernandes<sup>5</sup>, difundindo uma imagem de cidade moderna.

A revista de celebração do governo de Joviano Fernandes, ao estampar a imagem do Cristo ainda em construção, descreveu a obra de engenharia para a construção da estátua da seguinte forma: “A imagem que a foto mostra veio de Campinas, no estado de São Paulo, dividida num total de cento e três peças, que aqui foram montadas” (Ver p. 186). A ênfase em descrever a forma como a estátua foi construída e, posteriormente, montada em Morrinhos, revela a importância atribuída pelo prefeito Joviano Fernandes à engenharia civil moderna, tida como exemplo prático da ideia de modernização que queria imprimir no município, bem como ao fato de que, findos os quatro anos de sua administração, a despeito de todos os esforços pela mudança da imagem do município e da tentativa de recriar a matriz econômica e incentivar a industrialização, Morrinhos não tinha a estrutura e os saberes necessários para produzir uma estrutura como a da estátua do Cristo Redentor.

## Considerações Finais

Desenvolvimento e progresso também apontavam para a ideia de uma cidade organizada espacialmente. Foi neste sentido que três metas se tornaram uma constante durante o

---

<sup>5</sup> Revista “Morrinhos: quatro anos de progresso”, página 18. O Cristo Redentor foi inaugurado, ainda inacabado, em 31 de janeiro de 1970, último dia do mandato do prefeito Joviano Fernandes.



mandato de Joviano Fernandes, como já apontamos no capítulo anterior: a primeira delas se refere à instalação de indústrias na cidade, com políticas de incentivos fiscais e financeiros destinadas a atrair empresas que quisessem vir para o município, incluindo a organização de uma área dentro do espaço urbano do município para que essas empresas pudessem ser instaladas; as outras duas metas, na verdade, se complementam, haja vista que a criação de um novo centro econômico-financeiro com as atividades comerciais deslocando-se do “centro velho” da cidade — situado então na Rua Barão do Rio Branco — para a Avenida Senador Hermenegildo Lopes de Moraes, ao redor do novo Mercado Municipal se coadunam com a tentativa de verticalizar a cidade, incentivando a construção de prédios, tanto de moradia quanto destinados ao comércio.

**Figura 4 — Mercado Municipal de Morrinhos (1968)**



**Fonte:** Projeto Centro de Memória de Morrinhos/GO (2016)



## **Bibliografia**

BARBOSA, José Afonso. **Na Trilha do Passado**. Goiânia: Kelps, 2015.

MEIRA, Júlio Cesar. Reformulação urbana em Morrinhos/GO e sua relação com os projetos modernizantes da Ditadura Civil Militar entre 1964 e 1970. **Revista Dimensões**, v. 43, jul.-dez. 2019, p. 157-185. ISSN: 2179-8869.

\_\_\_\_\_. **Ideias de Progresso e Modernização: Projetos de (re)urbanização do Município de Morrinhos/GO (1950-1970)**. 2017. 242 f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia/MG, 2009.

MORRINHOS. **Anteprojeto de Lei n. 21/69-E, de 11 de dezembro de 1969**. Autoriza o Poder Executivo Municipal a celebrar convênio com o Consórcio Rodoviário Intermunicipal S/A para a execução de obras rodoviárias, inclusive obras de artes especiais e dá outras providências. Morrinhos/GO: Prefeitura Municipal, 1969.

\_\_\_\_\_. **Ofício 24/67-E, de 28 de março de 1967**. Mensagem do Executivo. Morrinhos/GO: Prefeitura Municipal, 1967.

\_\_\_\_\_. **Ofício 49/69-E, de 31 de janeiro de 1969**. Mensagem do Executivo. Morrinhos/GO: Prefeitura Municipal, 1969.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei n. 1/66-E, de 11 de fevereiro de 1966**. Autoriza a aquisição de máquinas e equipamentos destinados à montagem do parque rodoviário do Município de Morrinhos Morrinhos/GO: Prefeitura Municipal, 1966.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei n. 5/66-E, de 03 de abril de 1966**. Autoriza a aquisição de máquina e dá outras providências. Morrinhos/GO: Prefeitura Municipal, 1966.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei n. 16/66-E, de 14 de junho de 1966**. Autoriza a aquisição de Máquinas e Equipamentos Rodoviários e dá outras providências. Morrinhos/GO: Prefeitura Municipal, 1966.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei n. 21/66-E, de 12 de julho de 1966**. Autoriza a ampliação do Fundo de Pavimentação e Obras da



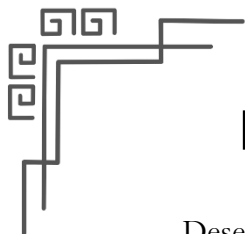
SUPAM; fixa a receita do DMER e dá outras providências. Morrinhos/GO: Prefeitura Municipal, 1966.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei n. 21/67-E, de 02 de agosto de 1967.** Abre crédito especial para o fim que especifica. Morrinhos/GO: Prefeitura Municipal, 1967.

\_\_\_\_\_. **Projeto de Lei n. 27/67-E, de 21 de setembro de 1967.** Autoriza o Chefe do Poder Executivo a contrair empréstimos Bancário, e dá outras providências. Morrinhos/GO: Prefeitura Municipal, 1967.

**Revista “Morrinhos, quatro anos de progresso”** — Morrinhos (GO), 1970.





## Devaneios no dia a dia da existência

Desenvolvo a arte de ver a condição humana em um estado de sinergia com o Cosmos. Quando sinto que evolui para certa altura, tenho logo que aprender e dar conta de olhar para trás.

Respeito os limites dos passos do outro e sigo em frente me pondo a caminho sem medo do desconhecido. Comungo por meio da lógica da razão a ser sensível e cordial para saber quando passar da cabeça ao coração.

Caminho no tempo-espaço tentando encontrar a trilha da experiência exemplar deixada pelos meus ancestrais. Sei que a matéria se espiritualiza na recordação. Única no agora e múltiplas enquanto transgeracionais; nessas horas, minha existência permeia todo o planeta Terra, a Via Láctea em busca do Infinito Eterno.

Assumo temporariamente a forma de pedra, folha, fruto animal, estrela, galáxia. E quando sou pessoa, o barro, a pedra, a folha se transformam pelas minhas mãos e um jarro, uma panela, um relógio surgem. Tudo que vem do universo da natureza até mim recebe a minha influência para transmitir centelhas de desejos vários por via da doce chama do amor que queima o centro mais profundo da minha alma.

Construo ideias para favorecer as realizações em que um tempo no espaço justo me permite existir em plenitude, afogando o feijão ou picando legumes para a salada, cumprindo com fervor as tarefas obrigatórias do dia.

Confiar é uma atitude subjetiva. Não se dá nem se pede por empréstimo, é um valor íntimo que se expressa na conquista pela experiência exemplar.



Quando olho para as estrelas, sinto que o brilho que até a mim elas emanam, faz-me encontrar o *si mesmo* em que em mim habita, entre os mitos e arquétipos cujas divindades e humanos dançam em sinergia à história para que venha a ser narrada e significada no amanhã.

Os bisões me encantam e vejo neles uma selvageria natural que, mesmo o homem tentando destruí-los durante os processos civilizatórios, ainda sobrevivem nas pradarias nos indicando a persistência no viver o dia.

Nas imagens das onças pintadas sempre busquei abrigo apreciando o quanto são aguerridas, perseverantes no intento e na espreita na prática de buscar o alimento. A semelhança que encontro nas características da onça pintada e no meu jeito de ser, faz-me ponderar sobre minhas atitudes e, nesta prática, livro-me do pânico, dos impulsos de fusão e integração das minhas forças subterrâneas em confronto com a minha realidade. É certo que o homem deixa seus rastros na natureza. Busco deixar um rastro de mim que outras pessoas queiram seguir pela qualidade do que eles informam.

Um grande sonho, uma grande aventura precisam da coragem para avançar fronteiras, correr todos os riscos e transformá-los em uma realidade que nos convide a olhar a chuva e suspirar fundo na certeza da boa colheita. A canção das águas rutila sons de trombetas convocando o encontro. Garças se aconchegando reportam umas às outras o caminho percorrido no dia. O triunfo eucarístico acolhe meu coração faminto deste outro que reside dentro de mim. Olho as garças, pontos brancos dançando nas margens do rio e digo: Aleluia!

Pelos olhos da alma meu coração despenca esbaforido diante das suas lágrimas em sintonia às minhas. Olho as estrelas e canto a canção das águas em meio ao turbilhão de ideias que minha alma regurgita sem temer represálias.



Corro para gritar sem ser ouvida. Sinto que por mais que busque a compreensão sobre as características do afeto no dia a dia, provooco uma tempestade que dura dias me impedindo o sono.

Ganhei um vasinho de violetas; olhei para aquelas florinhas lilases, veladamente escondidas entre as folhas com um recato que me convidava assemelhar. Na vibração da cor lilás de cada violeta, desejei, olhando para a amiga que me trouxera o mimo, que toda mulher a partir daquele momento pudesse desabrochar o sonho de exercer uma profissão com os ombros erguidos em igualdade aos dos homens mostrando sua inteligência e suas cores acima das folhas.

A sirene de uma ambulância passou célere lá fora sem pedir licença na pressa de chegar a um hospital para salvar um paciente infectado com o *vírus Covid-19*. Máscara no rosto sem poder abraçar o outro que sofria, rezei pedindo clemência e misericórdia para aquela pessoa que, encurtada a existência, não teve tempo de dizer, *eu te amo, me perdoe*, deixando pelos meios sentimentos não revelados e tarefas inacabadas.

Quando algo sai de nossa existência não quer dizer que Deus está nos punindo. Ele está simplesmente abrindo nossas mãos para que possamos receber mais bênçãos.

Maria da Purificação de Freitas Borges — Maluba





## O meu pet é uma orquídea

Não me afeiçoa os animais de estimação. Acho-os aproveitadores, malandros, parasitas domésticos. Sempre preguiçosos pelos cantos, mas ávidos pelos afagos e pela comida fácil. Entendem-se legítimos representantes da família e dignos de poltronas acolchoadas e camas *king size*. Não os suporto mais nesta fase da vida. Prefiro as plantas propositadamente encrustadas nos vasos, caladas, quietas, sem sentimentos. Elas sim, são dignas de uma casa para morar, para embelezar com sua principal oferta para a família: as flores.

Em especial, adoro as orquídeas. Misteriosas e elegantes, elas representam, com certa vantagem, uma nova espécie de Pets que trazem vida para a casa sem trazerem consigo a desvantagem das melecas no caminho da gente, a sujarem nossos calçados. Não deixam pelos aqui e ali, piorando nossas rinites urbanas. São politicamente corretas, biodegradáveis.

As orquídeas, taxadas tantas vezes de plantas parasitas, demonstraram com muito sacrifício que não precisam de ninguém, somente de si mesmas. Até se agarram a um tronco enrugado, se estiver por perto, mas vivem condignamente encaixotadas, sem regas e adubos. Definitivamente merecem nosso respeito e nosso amor.

Não entendo essa moda solta aí de se substituir um bebê por um animalzinho, personificando a coitada da criatura, dando-lhe banhos de espumas, pagando-lhe sessões de estética, cabeleireiro, manicure e pedicure. Que diacho é isso? Animais possuem patas, deveria, então, surgir um profissional com um nome do tipo *patacure*. Além de quererem um animal-gente ainda ficam desalinhando o nosso tão malfadado português.



Esses animais-gente estão em todo lugar. Enchem os lares com uma alegria virtual e um cheiro rabugento. Porque para eles, estão somente levando a vida sem muitas dificuldades, comendo suas rações ou restos de jantares, bebendo seus goles de água em potes mal lavados (quando o são). Correm para um lado e outro porque precisam gastar energia, exercitar sua musculatura e cumprir sua missão na terra. Não estão nem mais, nem menos felizes por terem um lar ou um dono. Com certeza, se lhes fosse dado um minuto de racionalidade, desejariam a liberdade das ruas, para correrem atrás do sexo oposto, se acasalarem e terem suas próprias famílias.

Quando vemos um desses bichos quieto em um canto, já vamos logo encontrando um motivo que seja nosso, e não dele. Transportamos para ele uma dor, uma saudade, um desencontro, uma angústia com raiz em nós mesmos e que insistimos em acreditar que o animal está a nos revelar tal sentimento. Ou temos certeza de que é nosso o sentimento e que o Pet está é nos fazendo companhia naquilo que sentimos.

Não precisamos relegar essa responsabilidade para as plantas. Estas não possuem musculatura, olhares e nem gemidos (grunhidos) que as personifiquem e, assim, não nos despertam compaixão. Certamente, não se compadecem da miséria humana, pelo menos a ciência ainda não nos convenceu de que são capazes disso.

Formidáveis são as plantas. Delas, melhores são as orquídeas.

Por mais que as abandonemos, perdidas em meio ao jardim mal-cuidado, com inúmeras pragas, elas resistem bravamente, sem gemidos (grunhidos), sem olhares necessitados e sem musculatura encolerizada. Sobrevivem honrosamente, sem exigirem afagos e refeições ricas em

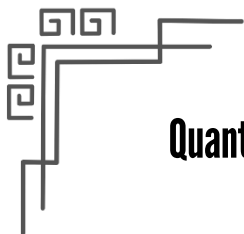


proteína. Ao contrário, lançam suas raízes em busca do que conseguirem de minerais e nitrogênio. São autônomas, reconstrutoras de si mesmas. Perdi as contas de quantas orquídeas presenciei secas, desfolhadas, bulbos podres, desfalecidas e, no próximo verão, reerguidas e florescendo.

Os anos me tornaram insuportável, ou eu que não suporto mais o cotidiano. Mas as orquídeas ainda me suportam. Enchem meu dia de nada, mas estão comigo, sem exigir muito de mim, sem precisarem de um assobiozinho ou um apelido sem graça. Adotei-as em minha vida. As tenho por muita estima.

Werik Ramos.





## Quanto mais o ego fala, menos a mente escuta

Kleber Inácio da Silva.

Caro leitor, e se a verdadeira sabedoria não estivesse na exibição do intelecto, mas na arte de se ocultar por trás da simplicidade? Vivemos em uma era na qual a inteligência virou espetáculo. Em que pensar se transformou em performance e até o silêncio precisa ter justificativa. Cada frase é pensada como se fosse um duelo de erudição. Cada opinião, uma tentativa de provar quem é o mais brilhante na sala. Mas será que essa obsessão pelo brilho intelectual não nos afasta, justamente, da luz? Arthur Schopenhauer, filósofo inquieto e desconfortável para os acomodados, compreendia uma verdade que poucos ousam encarar: às vezes, a ignorância aparente é a mais refinada forma de sabedoria. Fingir não saber pode ser uma forma de ver mais. E de ver melhor.

Ser considerado esperto virou moeda social. Um passaporte para o respeito e para os holofotes. Quem demonstra inteligência é celebrado, quase canonizado. Mas, quem se esconde na simplicidade, quem cala quando todos gritam, quem escuta em vez de disputar falas — esse é subestimado. No entanto, talvez aí esteja a chave. Fingir-se de burro, no sentido mais provocador da ideia, é escapar da prisão do ego. Não se trata de exaltar a ignorância ou desdenhar o conhecimento, mas de perceber que o pensamento puro — aquele que busca a verdade sem vaidade — não precisa de plateia, nem de troféus. A sabedoria não grita. E, quase sempre, caminha descalça.

A sociedade se esqueceu de como é pensar por prazer, por inquietação, por espanto. Hoje se pensa para impressionar. A inteligência virou decoração de ego.



Diplomas, termos técnicos, siglas, nomes difíceis — tudo serve mais para marcar território do que para iluminar a escuridão. Schopenhauer sabia que, quando o pensamento se torna vaidade, ele se degenera. O pensador que vive para parecer inteligente, deixa de ser pensador. Torna-se ator. É um ator que performa para o próprio espelho.

A mente que precisa o tempo todo se provar, perde a capacidade de observar. Porque ver o mundo exige humildade. E humildade não sobrevive quando o ego é soberano. Fingir-se de burro, nesse sentido, é uma forma de respirar. É escolher sair do palco e sentar na plateia. É dizer: "não preciso vencer essa disputa, porque não estou lutando com ninguém". É renunciar ao papel de gênio e aceitar o de aprendiz. E, nesse instante, a verdade começa a sussurrar. Baixinha, mas clara.

Quantas vezes você percebeu que aprendeu mais quando decidiu não mostrar que sabia? Quantas vezes viu o outro se revelar por completo apenas porque você se calou? Quando abrimos mão da ânsia de parecer inteligentes, o mundo relaxa. As pessoas abaixam a guarda. As conversas fluem. E, o mais importante, algo em nós também se desarma. O fingimento da ignorância — quando é escolha e não limitação — pode ser uma das ferramentas mais potentes de escuta e de conexão com o real. É uma forma de enxergar sem os filtros da vaidade intelectual.

Schopenhauer não defendia o anti-intelectualismo. Pelo contrário: era um pensador de profundidade rara. Mas, ele compreendia que o intelecto só floresce, de verdade, quando é atravessado por uma consciência silenciosa. Aquela que não precisa de aprovação. Aquela que não compete. Aquela que, justamente por saber muito, não precisa parecer que sabe. Ele denunciava os falsos intelectuais — esses que constroem labirintos verbais para esconder que não têm nada a dizer.



Gente que acredita que palavras difíceis substituem ideias claras. Que confundem complexidade com profundidade. E que, no fundo, usam o saber como couraça, para esconder o vazio.

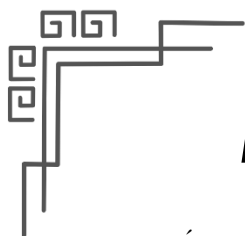
No Brasil, essa lógica virou epidemia. A vaidade acadêmica virou sacerdócio. Um culto à repetição. Especialistas ecoando ideologias pré-fabricadas, incapazes de pensar fora “*da bolha*”. Em vez de questionar, reproduzem. Em vez de abrir caminhos, constroem muros. O saber se tornou instrumento de exclusão, e não de libertação. O resultado é uma elite intelectual que não ilumina, mas confunde. Que não desperta, mas adormece. Que prefere manter as massas na escuridão porque teme perder o pedestal se todos acenderem a própria vela.

O falso intelectual veste o saber como armadura, mas sua erudição é oca, como um sino que faz barulho, mas não comunica nada. Há aqueles que acumulam conhecimento como um avaro junta moedas — mas não compreendem o valor de nenhuma delas. A vitória mais perigosa da ignorância é quando ela se disfarça de erudição e transforma o ruído em sinônimo de sabedoria.

Talvez por isso, fingir-se de *burro* seja, paradoxalmente, o gesto mais lúcido. É abandonar o palco da vaidade. É aceitar que não temos — e jamais teremos — controle total sobre o mistério que é existir. A verdadeira inteligência, às vezes, não está em decifrar tudo, mas em acolher o que não se pode explicar. Em conviver com o enigma, sem precisar dominá-lo. A simplicidade, quando é escolha e não limitação, pode ser o ponto mais alto da consciência humana.

Porque, no fim, quem precisa parecer inteligente o tempo todo, talvez ainda não tenha entendido nada.





## A hora, o segundo, o piano e o prato

É comum, e até corriqueiro, presenciarmos nas grandes organizações, humilhação a pessoas quanto à função ou posição que exercem.

É chefe menosprezando os chefiados, praticando discriminações variadas e veladas, é gerente boicotando os gerenciados, é patrão selecionando os “chegados” e assim por diante.

“Arrastação de tapetes” então é prática bastante difundida entre os diversos escalões constantes de um organograma.

Nesse nosso mundo, dito globalizado ou moderno, entrando na era de Aquários, com a informatização não encontrando limites para o inusitado, (Ex: IA, com o Grupo GPT, Deep Learning, Machine Learning e outras que eu ainda desconheço, todas se propondo a resolver o que há pouco tempo era tarefa exaustiva e quase impossíveis, agora são resolvidas em poucos segundos), é até vergonhoso ainda convivemos com ações trogloditas e rasteiras como as que hoje enfrentamos.

O homem terá que, por bem ou por mal, entender ou compreender que não será por essas práticas ou atitudes que ele concluirá seus intentos aqui no nosso “cansado” planeta.

Alguém poderá dizer: Mas como se enveredar pelos caminhos do bem, se os maus prosperam cada vez mais; se os “picaretas” vivem como nababos e os que realmente trabalham, que pegam no “chifre do boi,” não têm tempo de ganhar dinheiro?

Muito difícil esta resposta... cada pessoa tem a sua teoria ou resposta particular.



Mas, talvez seja justamente esta individualidade das respostas que estão norteando as ações hoje ditas normais ou naturais.

Há uma citação de um pensador que diz: “ A união do rebanho faz o leão ir dormir com fome.”

O nosso problema é que o leão, sabendo disso, está criando alternativas para minar esta união, promovendo a desordem, a calúnia, a difamação, o caos... justamente para não ficar sem a sua ceia diária.

O leão está pregando que é necessário “puxar o saco” para não puxar carroça; que, no amor, nos negócios, na política e até nas religiões — com raríssimas exceções — vale tudo.

É preciso parar com a prática de querer levar vantagem em tudo, senão estaremos marchando para uma 3ª guerra mundial sem precedentes, em que seremos todos derrotados ao ponto de a 4ª guerra mundial ser de arcos e flechas, tacapes e zarabatanas. Não podemos deixar o leão nos dominar, transformando-nos em simples súditos, bobos da corte ou escravos de sua vontade escusa.

Estamos tomando conhecimento de grandes corporações encamparem as menores, as mais fracas; grandes bancos se associarem ou se fundirem a outros, criando monopólios dificilmente de serem superados, tornando-se leões do mercado financeiro.

Ora, mas eu não me propus a falar sobre a hora, o segundo, o piano e o prato?

Sim, e falei! De certa forma, é claro.

Estão menosprezando os segundos em detrimento da hora...

Estão relegando a segundo plano o som do prato na orquestra, em favorecimento do piano, do violino, da flauta...



Meu avô, de saudosa memória, já dizia em sua época produtiva: vai chegar um tempo em que teremos o dinheiro para comprar comida, mas não teremos a comida disponível para a venda.

Creio estarmos no limiar dessa época, não em relação da “mercadoria material”, mas da mercadoria humana, da força de trabalho com inteligência natural e criativa.

Pai boia-fria não quer ver seu filho na mesma função; mãe que presta serviços como doméstica ou função semelhante, não querem que suas filhas sigam por esse labor. É obvio e ululante que esses pais e mães estão certíssimos! Este é o objetivo de todas as pessoas que trabalham: alcançar uma melhor condição de vida para si e para os seus.

O problema é que chegaremos a um ponto que, para ser boia-fria ou doméstica, teremos que ter um diploma, uma boa formação escolar. E quanto vai custar isso aos leões?

Vamos ter que importar mão de obra barata de qual país? E a densidade demográfica? E o efeito? Estufa ou não estufa? E o degelo das geleiras? Como fica o meu uísque? E os furacões? Os terremotos de baixa e altas magnitudes? E as acomodações das placas tetônicas? E os mensalões, as rachadinhas, os conchavos e os acertos de porões? Como é que ficam? O que farão os leões?

É necessário iniciarmos uma “campanha da fraternidade”, mas sem terceiras intenções, no sentido de valorizarmos o ser humano da hora, do segundo, da orquestra como um todo... tocando piano, flauta, violino ou prato, dando importâncias iguais aos nossos irmãos de raça, de cor, de credos ou de vida aqui na Terra.

Que nossos semelhantes se conscientizem a passem a aceitar somente bolsas de água quente para os pés em noites de muito frio; que os cartões sejam somente de feliz natal ou



de mensagens — hoje online — de felicitações diversas; que a droga seja somente o remédio necessário para aplacar a dor, a enfermidade e as lombrigas, lembrando sempre que as “outras” benesses desta mesma nomenclatura, geralmente têm origem na toca dos leões.

É preciso valorizar cada segundo de nossa existência porque, um punhado de segundos — exatamente 60 )\_, formam um minuto, um outro punhado de minutos formam uma hora, o dia, o ano... a nossa vida.

É preciso prestarmos atenção, de forma igualitária, a todos os componentes desta orquestra maravilhosa que é a vida, do piano ao prato, como um maestro de ouvido apurado, que consegue, com clareza, ouvir a todos os instrumentos, em curto espaço de tempo, em um segundo talvez, para formar horas e horas de verdadeiro deleite e harmonia em nossas vidas.

Temos que, não fazer o leão ir dormir com fome, mas tentar mudar o seu cardápio, por exemplo:

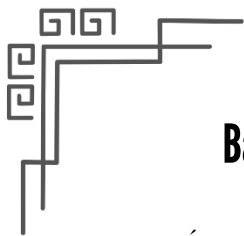
Vai uma alfacinha com agrotóxico aí, senhor leão?

— Sim!!! Sim!!! Aceito!!! Aceito!!!

Um segundo por favor, vou apanhar o prato...

Paulo Tércio





## Barbudos, Bochechudos e Borrachudos

É sabido por todos nós, principalmente hoje com a advento moderno e popular das comunicações via televisão, internet, redes sociais, revistas, fofocas etc. que a classe política, de um modo geral, mas com poucas e honrosas exceções, é relegada a poleiro de pato, a pocilgas de porcos e a pombais e que estão com a moral mais baixa do que as temperaturas de Omyakon na Sibéria.

A grande pergunta é: por que a classe criticada faz muito pouco para reverter isso? Será que não seria conveniente?

Temos visto, amiúde, novas bandalheiras, inéditas falcatruas e ninguém vai preso de verdade e de fato; ninguém devolve o que roubou, ou o melhor, ninguém devolve o que “desviou” na sua totalidade e vamos aceitando tudo, impassíveis e até alheios aos fatos ainda divulgados por alguns abnegados blogueiros, youtubres e instagram das redes sociais.

De uma coisa podemos nos orgulhar: no Congresso Federal, tratam seus funcionários da melhor forma possível; confiam cegamente quando o funcionário declara que fez tantas horas extras, mesmo estando os senhores parlamentares em recesso (férias). Pagam a todos direitinho e certinho.

Outro exemplo de respeito, de importância e destaque dado aos muitos servidores do Congresso, são notados nos tratamentos entre eles e seus patrões, quase não existindo subalternos ou funcionários de baixo escalão. A grande maioria são gerentes.

Vocês podem imaginar o seguinte diálogo entre duas pessoas desta casta que, aleatoriamente e não muito



constantemente se encontram pelos corredores e, até no pátio, elevadores, cozinha, cafezinho e sala de descanso:

— O que você é aqui no Congresso Nacional?

— Sou gerente.

— Gerente?

— É, sou.

— Mas, você não trabalha aqui no estacionamento?

— Sim. Sou gerente de acomodamento e ordenamento de veículos automotores.

-Ah, bom! E você gerencia quantos colaboradores?

— Nenhum.

— Nenhum? Então você é gerente de você mesmo? E as pessoas que trabalham na limpeza, na pintura das faixas e vagas e na manutenção?

— São todos gerentes de sua área.

— Puxa, que maravilha!!! Mas tem um mandachuva, não tem?

— Tem. É um político bochechudo, com um enorme sobrepeso e meio careca, você sabe qual é, né?

— Sei. Já vi as bochechas dele saracoteando por aí.

— Uma dúvida: o bochechudo é do lado daquele barbudo que sempre conversa com ele? Qual é o partido dele?

— Não sei. Tem tanto partido no Brasil que não sei te precisar qual é o dele. Só sei que quando eles ficam “tricotando” muito, vem bomba por aí.

— Mas, quem é você? Você também trabalha aqui?

-Trabalho. E muito.

— Em que cargo?

— Gerente.

— Uai companheiro, você é gerente também?



— Sou gerente da dedetização e extermínio de borrachudos.

— Você quer dizer de borrachudos, pernilongos, mosquito da dengue, de baratas, ratos e outros do gênero?

— Não. Só de borrachudos mesmo. Essas outras pragas são combatidas pelos gerentes de cada praga específica.

— É mesmo? Eu não sabia!

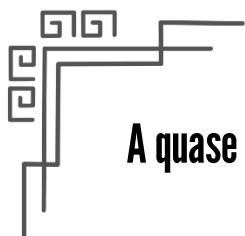
— Eu acho que nem o barbudo e bochechudo sabem.

— Vamos contar pra eles?

— Pra quê?

Paulo Tércio





## A quase inaceitável transição do você para o senhor

Que a nossa vida é feita de fases, eu não tenho a menor dúvida, agora, em quantas fases ela se divide, isso pode ser administrada por cada indivíduo.

Eu ousaria dividir a minha vida em três fases distintas, levando-se em conta a expectativa média de vida divulgada pelos órgãos que acompanham a matéria cientificamente, ressaltando-se as exceções que, com certeza, não são poucas.

Mas, partindo-se da média prevista, posso afirmar que até os vinte ou vinte e cinco anos, vivi a primeira fase de minha vida: sonhos, brincadeiras, irresponsabilidades aceitáveis, namoricos e todas as demais ações inerentes a pessoas dessa idade, levando-se em conta também a época dos anos 80.

Dessa idade até os quarenta ou quarenta e cinco anos, seria a vivência da segunda fase, fase esta que só depois de vivida é que se dá a ela a devida importância ou valor real; fase das dificuldades, de trabalho árduo, o sustento e a criação da família, pois também é fase em que vivenciamos o casamento, filhos, autoafirmação, etc... etc... etc...; fase do posso comer à vontade, o que eu quiser, beber quase de tudo, dormir pouco e etc... etc... etc...

A terceira fase, até ao ocaso — nome bonito para a morte, não? — é a fase das grandes amizades, principalmente com médicos, enfermeiras, farmacêuticos, curandeiros, benzedores, psicólogos e produtores de comida natural, macrobiótica ou orgânica.

O cérebro tem uma capacidade de armazenar uma série de nomes de remédios, de chás milagrosos, de dietas e até simpatias que, se feitas como manda o figurino, pode tirar o



indivíduo de uma situação de coma ou de uma UTI de alta complexidade.

É a fase que nos impõe a hora de se deitar, hora para tomar banho, cafezinho e lanches, almoçar, jantar e tomar sol. Nessa fase, tudo sobe: a pressão, a glicose, o colesterol ruim e outras coisas mais. Mas também tem coisas que não sobem..., enfim, é a era do condor... com dor aqui, com dor ali, com dor lá, com dor...

Mas, tudo isso que escrevi até aqui, foi para justificar ou pelo menos tentar explicar “a transição do você para o senhor.”

O que é isso?

Quem já alcançou esta fase da terceira idade, sabe do que estou falando; quem ainda não alcançou, faço votos que alcance, para sentir na pele, no corpo, nos ossos e até na alma, o quanto ela bate fundo e com força.

Quando alguém, sem esperarmote chama-o de senhor, ao invés de você, aí pensamos: Como responder a esse alguém? É um choque, um susto em nossa percepção e ficamos sem saída.

Corremos para o espelho para ver se esquecemos de tirar a máscara de pepino que usou na noite anterior, ou se fez a barba malfeita, se está com alguma “caca” ou remela.

A pessoa com quem você (ou senhor?) está conversando, notando um certo desconforto comportamental de sua parte, ainda insiste na prosa: O senhor está se sentindo bem? Quer que eu chame um médico para o senhor? Quer um copo com água? Dá uma vontade de responder: enfia a sua preocupação comigo no seu...

E quando você puxa assunto com uma “gatinha”, todo senhor de si, e ela de chama de “tio...”? Aí meu caro parceiro, é para voltar para casa correndo... não correndo não,



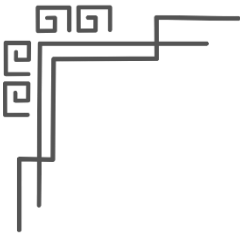
pode dar problema de taquicardia. “Tio” é o fim! Senhor é o começo do fim.

Tudo isso tinha que ser enquadrado como discriminação ou crime inafiançável ou, no mínimo, que ela se retratasse com você, em particular, muito em particular, só vocês dois, com as seguintes palavras:” Que é isso? Eu só falei desse jeito para teoixar encabulado! Eu acho um coroa super charmoso! Se eu fosse “ficar” com alguém, eu escolheria você! Posso te ligar amanhã? Precisamos conversar! Estou precisando de um bom emprego mas se você não conseguir me ajudar, você me empresta R\$ 5.000,00 mil?”

Para não perder a rima, dá vontade de responder: vá pra P.Q.P.

Paulo Tércio





## Mensagem de Aniversário

Eu queria ter, para poder te dar o que desejas;  
Eu queria saber, para poder te ajudar;  
Eu queria ser um adivinho, para saber o que almejas;  
Eu queria ser bom de jogo, para poder te ganhar.

Se eu tivesse, você também teria;  
Se eu soubesse, você também saberia;  
Se eu adivinhasse, no seu coração entraria;  
Se eu jogasse, você eu não perderia.

Mas como eu não posso ter  
E de você eu pouco sei,  
Eu queria ao menos prever,  
Com que jogo te ganharei?

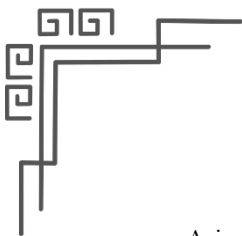
Ah, se você eu ganhasse...  
Que presente que seria!  
Ah, se você soubesse...  
Quão feliz você me faria.



Mas o aniversário é seu,  
O presente é você que tem que ganhar!  
Por todos os anos que você viveu,  
Eu quero te parabenizar.  
Muito sucesso, saúde e felicidades,  
Eu quero te desejar,  
Pelos muitos e muitos aniversários  
Que você ainda vai comemorar.

Paulo Tércio





## Analfabeto

Ariovaldo sempre fora um marido exemplar, pai extremoso que sempre viveu para a família. Isto é, para a família e para o serviço, porque a vida toda foi muito dedicado também ao trabalho. Ninguém nunca soube de um pequeno deslize seu, era mesmo tido como um homem de bem, e o era mesmo. Porém, desde seu casamento clamava que não conseguia entender as mulheres. Por mais que escutasse, que lesse a respeito não tinha ainda formado um juízo perfeito sobre o outro sexo, mas ia levando a vida, cuidando de sua cara-metade e de seus filhos e sobressaindo no emprego. Em casa, tirando umas rusguinhas passageiras, tudo corria bem, mesmo porque fizera o propósito, para si mesmo, de não brigar por qualquer futilidade, e aguentar as ofensas que às vezes eram feitas pela esposa. Dava-se bem com todos. Sua filosofia de vida era “paz, viver e deixar viver”. Uma boa qualificação para ele: “pacato”. Queria mesmo ter uma vida sossegada e também almejava em dar sossego à esposa. Por vezes, acontecia de a mulher chamá-lo de sangue de barata porque não revidara uma ofensa no trânsito ou, por outro lado, de grosseiro caso respondesse à altura. Passava por cima de tudo isso, não discutindo com a mulher, concordando com ela e ia tocando o barco, mas sempre observando as reações dela. Se não revidasse uma ofensa era taxado de molenga; se fizesse ao contrário, era um brigão, esquentado, procurador de encrencas e mais alguma coisa. Quando reclamava que a boia não estava boa, era um chato; se não reclamava, era um paspalho de mau gosto, pobre que não conhecia comida. Assim, ia passando o tempo sem acertar uma única vez qual seria a reação da mulher em determinada circunstância.

Este caso serve para mostrar o quanto sofre uma pessoa quando outra é brigona ou incompreensível. Pois bem! Um dia, saindo do serviço aí pelas dezoito horas, viu-se diante de um tremendo aguaceiro, era chuva para ninguém botar defeito. Voltou para dentro da repartição e ligou para sua casa pedindo que a esposa viesse buscá-lo, porém ela não estava, tinha ido ao colégio para uma



reunião com professores. Voltou para a calçada e ficou na espera que a chuva amainasse, quando uma colega que também estava saindo ofereceu-lhe uma carona.

— Vou mesmo para o lado de sua casa, posso levá-lo com muito prazer.

Ariovaldo pensou rápido e achou melhor não aceitar, não conseguia adivinhar qual seria a reação de sua mulher. Teve medo, mas pensou rápido.

— Agradeço sua boa vontade, mas acabei de falar com minha esposa, ela virá buscar-me. Muito obrigado.

Quando a moça saiu tentou pegar um táxi e não conseguiu. Por fim, resolveu ir a pé, molharia muito, mas chegando em casa tiraria a roupa molhada, era a melhor saída que achou para o momento. Foi o que fez, mas teve consequências: embora tivesse tomado um banho quente e se agasalhado em seguida, não se livrou de um forte resfriado. Espirrou a noite toda, teve febre, tossiu e amanheceu com uma tremenda coriza. É claro que a mulher condenou o que fizera principalmente depois que ele contou que havia recusado uma carona com a colega de trabalho.

— Mas você é muito bobo mesmo! O que tinha de errado aceitar uma carona? Ainda mais que ela passa por aqui mesmo, não custava nada para ela. Só você mesmo! Não sei quando é que vai tomar jeito! Vai ser bobo assim nas conchinchinas!

Ariovaldo, como sempre fazia, não ligou para a descompostura e foi trabalhar mesmo sem as melhores condições, com resfriado e tudo. Armou-se com dois lenços e foi embora. No serviço, ainda com o agravante do ar que estava sempre ligado, num instante molhou seus dois lenços. Foi ao banheiro lavou-os e secou-os como pôde na base da “torcida”. Uma colega vendo suas dificuldades ofereceu-lhe outro lenço enxuto, sem uso aparente. Não pensou duas vezes, aceitou. Na hora do almoço, contou para a esposa e pediu que ela cuidasse do lenço, lavando-o e passando-o a ferro para que pudesse devolvê-lo no dia seguinte. Pra quê! Foi um fuzuê danado. A mulher soltou os cachorros para cima de



Ariovaldo xingando-o, esbravejando, acusando-o. Metralhou o pobre coitado com perguntas imbecis.

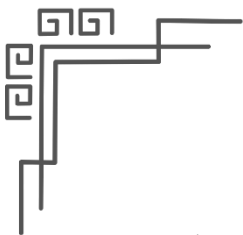
— Agora é assim? Uma gripezinha de nada e precisa valer-se do lenço da colega? Como é ela? Bonita? Bem mais nova do que eu? Ganha bem? É solteira? De certo o bobo aí já está caidinho por ela. Era só o que me faltava! Pedir um lenço emprestado! Onde é que estamos? E completou: lava você, já faço muito lavando os seus.

Ariovaldo fingiu que não era com ele, aceitou tudo e fez um comentário para si mesmo, somente para si:

— Desisto! Entrego os pontos, dou-me por vencido. Em matéria de mulher sou mesmo um “analfabeto”.

Edmo Nunes





## Jerominho

É possível que todos nós conheçamos um mentiroso, mas duvido que alguém conheça quem minta mais do que Jerominho. Com seu um metro e sessenta centímetros de altura, pesando aí na casa dos quarenta e cinco quilos, foi beque central, amansador de burro bravo e outras atividades bem mais violentas, no dizer dele, é claro. Não muda a cara para dizer que nunca deixou um atacante cabecear uma bola na área, mesmo sem ter altura sempre levou vantagem. Não muda a cara para contar que, quando mais novo, carregava dois sacos de arroz com cento e vinte quilos, pegando dentro da roça, atravessando um córrego e levando até o carro de bois que ficava na outra margem, numa distância de mais ou menos quinhentos metros. O homem é violento. Em qualquer assunto que a conversa esteja girando, ele entra e lasca logo uma das suas. Se alguém acha que a mentira é muito cabeluda, também tem saída.

— Seu Jerominho! Essa tá muito brava! Maneira um pouquinho!

— Fulano porque já morreu, senão eu ia trazê ele aqui pra prová que tô falano a verdade.

Assim fica fácil, a prova já está morta, o jeito é fingir que acredita e continuar escutando outras e mais outras. Estando reunidos um grupo de conhecidos, jogando conversa fora, a maioria dava toda atenção para Jerominho, pois apesar de tudo todos gostavam dele. Alguém falou em resfriado, gripe, espirros, febre e logo a conversa degenerou para este lado. Na primeira oportunidade que teve de tomar a palavra, mentiroso, mas educado, Jerominho contou que, em uma fazenda no sul do Estado, onde foi criado, casou-se e criou seus filhos, e que lá, em uma época, teve um grande surto de gripe. Ele mesmo não se lembrava que gripe era aquela, se alemã, brasileira ou espanhola. Lembrava que era um nome desses. A doença alastrou na região levando todo mundo para a cama, inclusive na sua casa sua mulher e filhos ficaram para mais de uma semana acamados. A vizinhança toda, os peões das fazendas, todos sem exceção foram contaminados. Uma verdadeira



epidemia que não dava trégua, mas ele, sempre muito resistente, foi sendo poupado. Um dia, porém, amanheceu com o corpo dolorido, um pouco de febre, quis levantar, mas sentiu-se mal e voltou para a cama, sentira uma tonteira. Não aguentou e reclamou para sua mulher.

— Hoje é comigo, tô ruim, não vou dá conta de terminá a capina do milho.

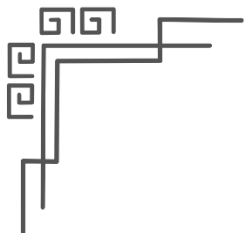
Sua mulher notando que o assunto era sério recomendou que ele fosse até a cidade que não ficava longe, procurar o farmacêutico que era muito acreditado na região, até melhor que médico. Acatou a conselho da esposa e foi, com muita dificuldade, muitas dores nas pernas, mas foi mesmo de bicicleta. Então Jerominho termina a estória.

— O farmacêute era bão memo. Me deu uma injeção de calipi (eucalipto) e vortei pra casa.

Deitei e já na hora da bóia tava bem mió. Falei com a muié, inda vô pra roça terminá meu serviço. O mais importante é que até hoje, isso já fais quarenta ano, toda veis que gripo sinto o gosto de calipi na boca.

Edmo Nunes





## Sofrimento Calado

Arriscando de fazendeiro, passei uns bons vinte anos no município de Porangatu, norte do Estado de Goiás, onde fiz muitas amizades, graças a Deus. Também vivia por ali, num sítio próprio, seu Manoel Vaz, gente humilde, muito prestativo e até bom conhecedor das lides pastoris. Como não tinha condições financeiras para explorar sua propriedade, porque era uma terra pouco aproveitável, sem água, ganhava o pão trabalhando na “diária” para os fazendeiros mais próximos. Inclusive, para mim, trabalhou muito como ajudante de vaqueiro. Solícito, prestativo, mesmo porque dependia do dinheiro para sua sobrevivência, estava sempre disposto. Todas as vezes que eu precisava, ia buscá-lo em sua casa, ou mandava um recado e ele chegava na hora certa. Um dia, conforme combinado de véspera, chegou seu Manoel montado em seu cavalo como sempre fazia porque era uma distância considerável entre nossas propriedades. Desde que chegara, notei que ele queria falar de algum problema, pois já o conhecendo bastante, sabia de antemão que havia algo errado. Começava a falar e logo se arrependia buscando outro assunto. Quando senti que ele não ia mesmo desembuchar, dei corda deixando-o bem confortável. Muito vergonhoso não gostava de falar sobre determinados assuntos, principalmente os íntimos.

— Num queria, mas vou falá. Tô encaiado.

— Encalhado? Isto não é problema, falei. Um purgativo resolve fácil.

— Mais é que já fais uns quinze dia.

Assustei e já pensei logo numa maneira de ajudar meu amigo. A corrutela mais próxima, distrito de Porangatu, ainda era muito atrasada, não dispo de recursos e a única farmácia era um arremedo, muito insípiente, somente com os remédios mais básicos, mesmo assim achei que a solução estivesse ali.



— Olha, seu Manoel! Pela tarde, depois do serviço, vou levá-lo de camionete à farmácia pra comprar um remédio e, na volta, eu o deixo em sua casa. Amanhã o senhor vem buscar seu cavalo.

Vamos cuidar deste problema porque, pode ter certeza, não é brincadeira. Isso poderá trazer para o senhor sérias consequências.

Falei tudo que pensava, mostrei a ele o que poderia acontecer, pintei o diabo até mais do que deveria com a intenção de deixá-lo amedrontado para que levasse mais a sério a questão da saúde. Na farmácia, comprei o único laxante que tinha e ali mesmo li a bula e já dei a ele uma dose e recomendei que caso não fizesse efeito tomasse outra dose na manhã seguinte. No outro dia, já de tardinha veio seu Manoel buscar o cavalo. Não demorei, ataquei logo o assunto.

— Então, foi preciso tomar a segunda dose?

— Tomei e num adiantô nada.

Aí sim foi que fiquei preocupado. Não podia deixar aquele homem naquele estado. Pensei em minha vida, não estava em condições de afastar-me da fazenda para levá-lo à cidade, porém estava ciente de que precisava tomar uma providência. Lembrei-me que um vizinho, também meu amigo, falara que iria à cidade no outro dia. Como a viagem era muito difícil e demorada, cerca de cem quilômetros na terra, era costume nosso trocar favores. Um fazia compra para o outro, sacava dinheiro, até mesmo fazer um telefonema para casa em Goiânia e era aí que nos valíamos um do outro.

— Seu Manoel, entra aqui na camionete vamos ali falar com nosso vizinho. Ele vai amanhã à cidade, vou pedir para ele levar o senhor ao médico. Vamos lá, voltamos logo. Não se preocupe com despesas.

Falei com o vizinho que se mostrou pronto a fazer o favor. Combinamos a hora e como ele apanharia seu Manoel e ainda pedi que acompanhasse nosso doente durante a consulta. Se preciso fosse, entrasse junto no consultório.



— Seu Manoel está mesmo avexado com a situação, tem vergonha de falar a respeito. Entre junto com ele, se preciso, fale por ele.

Bem, o resultado fiquei sabendo depois. Quando entraram no consultório, o médico muito expansivo tomou a iniciativa.

— E aí, seu Manoel, como está o senhor?

— Mais ou meno, doutô.

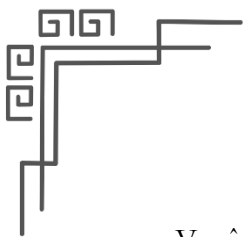
— Como mais ou menos, o que o senhor tem?

Seu Manoel, já suando frio, olhou para um lado, para outro, quis pedir ajuda, mas não o fez, bateu a mão na barriga uma, duas, três vezes e falou:

— É qui fais uns vinte dia que não frequento o mato.

Edmo Nunes





## O respeito à Fé

Você já se perguntou, em algum momento, o que é realmente fé? Saberá, no seu profundo íntimo, se ela é um sentimento ou algo sobrenatural? Todos têm fé ou ela é uma qualidade que nem todos possuem? No cristianismo — em suas diversas vertentes — é comum alguém tentar ensinar o verdadeiro conceito de fé, mostrar o que ela é. Mas, na prática, quem realmente sabe o que é a Fé?

Ao longo dos anos, percebemos que muitos líderes religiosos, especialmente no cristianismo, tentam de alguma forma criar a fé nas pessoas. Ao mesmo tempo, muitas vezes desrespeitam a fé de outras pessoas, seja dentro da mesma linha religiosa ou de linhas diferentes. Podemos notar que o mundo tem fechado cada vez mais a privacidade do sentimento de fé de cada indivíduo.

Imagine três homens em um ponto de ônibus. Logo à frente deles, um tijolo de seis furos, de aspecto jovem, perfeito para compor uma parede. Nesse cenário, surge uma discussão filosófica sobre a fé: o primeiro afirma que sua fé fará o tijolo mover-se para a esquerda, que é o lado onde acredita que deve ir. Surpreso, o segundo afirma que sua fé levará o tijolo para a direita, pois ali é o caminho certo. E assim, os dois começam a desacatar a fé um do outro, apenas pelo fato de ela poder levar o tijolo para lados diferentes.

Então, um terceiro homem intervém com voz firme e diz que ambos estão errados. Que, mediada pela fé, o tijolo deve mover-se para cima. E que o importante é que usamos a fé para empurrar o tijolo nessa direção — para cima — e não para a esquerda ou para a direita.

Na essência, a questão não é para onde o tijolo vai, mediado pela fé, mas o respeito ao caminho do outro, mesmo



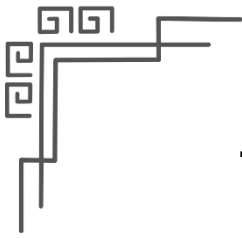
que seja diferente do seu. O que precisamos realmente é usar nossa fé, mas, acima de tudo, respeitar a forma que o outro escolhe usá-la.

Um exemplo marcante é a história da mulher do fluxo de sangue, registrada na Bíblia em Marcos 5:25-34. Ela acreditava que, apenas tocando nas vestes de Jesus, seria curada. E, exatamente assim, sucedeu: ela foi curada pela sua fé, e Jesus a elogiou por sua grande fé, afirmando que ela tinha sido salva por ela. Ora, se Jesus respeitava e respeita a fé das pessoas, por que nós, então, questionamos qualquer sentimento ou manifestação de fé? Por que não ensinamos o caminho da fé que é íntimo e profundo?

A verdade é que devemos, acima de tudo, respeitar a fé de cada indivíduo.

Leonardo Moreira.





# Jesus, Filho de Deus — “A Casa”

Waldemar Antônio Tassara / Fevereiro 2020

Jesus, Jesus, Filho de Deus

Você é vida

Você é morte

Você é tudo

Você é sorte

É sorte não só pra quem pode  
Sentir e saber o que quer  
Mas sorte pra todos que vivem  
Nesta “CASA” com amor e fé

Vamos viver esta casa  
Procurar fazer o bem  
Esta casa é de todos  
Não apenas de alguém  
Que é rico e tem de tudo  
Mas de quem não tem vintém

Está “CASA” é sua  
Está “CASA” é nossa  
Está “CASA” é de Deus  
E dos filhos seus.





## Soneto de coração

Waldemar Antônio Tassara  
para Beatriz e Henrique

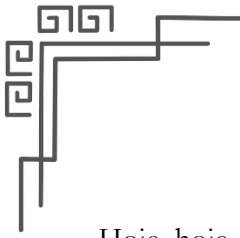
Eu sou do tempo antigo,  
Não aceito imposição,  
Mas, quando eu presenteio,  
Claro, o faço de coração.

Nem a todos eu dou presentes,  
Pois, têm casamentos de montão,  
Porém, aos que eu os presenteio,  
Quem o faz é o meu coração.

Beatriz, vizinha e amiga, isso só não,/  
É isso sim, mas, muito, muito e muito mais,  
Por afinidade, sobrinha de coração.  
Henrique, agora, você meu amigo e irmão,  
Cuidar apenas Bia, é muito pouco demais,  
Terá que amá-la pra sempre e de todo coração.

Goiânia, 06 de setembro de 2019.





## Theteo

Hoje, hoje, tem aula  
O Theo vai pra escola  
E vai brincar até  
Só não vai jogar bola

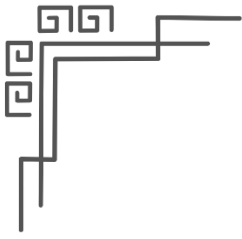
E a escola dele  
Quadra não tem não  
Tem brinquedoteca  
Num grande salão

Vai estudar também  
Aprender escrever,  
Ler e interpretar  
Pra sabido crescer

Quando ficar adulto  
Se tornar um “Senhor”  
Pra nós mais que orgulho  
Chamá-lo de “Doutor”

Vovô Waldemar Antônio Tassara / Fevereiro 2021





# Família

Waldemar Antônio Tassara

De nossos ancestrais,  
Virtuosos ou não,  
Aqui estamos nós,  
Agrupados e em solidão

Parte de um seletto clã,  
Isto somos agora,  
E assim sempre será,  
Nunca juntos, todos iremos embora

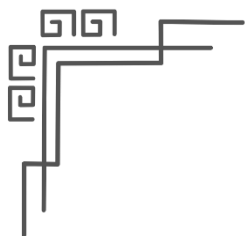
Juntos e em solidão? Sim, sim,  
E sempre, sempre, será assim  
Filhos e pai, mãe, irmã e irmão

E nesse leque de abertura  
Família, é sim, é pura aventura  
Idas e vindas, sempre ocorrerão.

Amo vocês.

Salve 29 de abril de 2023.





## Simplemente assim... Meu Deus!

Waldemar Antônio Tassara

Faz tão pouco tempo  
Que tudo aconteceu  
Como se fossem anos  
A minha dor só cresceu

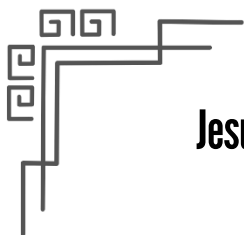
Será que vai ter fim, ou  
Apenas arrefecer  
Meu peito dilacerado  
Ou o que será de mim

Meu Deus do céu me ajude  
Devolva a minha paz  
Se ainda vivo ou estou  
Um pai de fé eu sou

Por isso lhe rogo em pranto  
Resgate o nosso viver  
Ou se ela contigo vive  
Contigo eu quero ir viver

Letra para uma possível música.





## Jesus, Filho de Deus — “Conect Church”

Waldemar Antônio Tassara / Agosto 2020

Jesus, Jesus, filho de Deus

Você é vida

Você é morte

Você é tudo

Você é sorte

É sorte não só pra quem pode

Sentir e saber o que quer

Mas sorte pra todos que vivem

A Igreja com amor e fé

Vamos viver a Igreja

Procurar fazer o bem

Esta Igreja somos todos

Não apenas alguém

Que é rico e tem de tudo

Também quem não tem vintém

Ela é você e eu

Ela é pra nós a luz

Luz que brilha de Jesus

Que ilumina os corações

A Igreja somos nós

Juntos e em orações



Construção não é Igreja  
Só local de reuniões  
A Igreja é Deus  
Junto dos filhos seus

Construção não é Igreja  
Oração é que é útil  
A Igreja nossa agora  
É a Conect Church.





## Chamada de Vídeo...

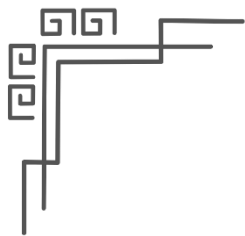
Waldemar Antônio Tassara

Vejam só  
Como que de repente,  
Mais que isso  
Mais que de repente,  
Muito mais que isso,  
Muito, muito mais que de repente,  
Num piscar de olhos  
Num acender de luz  
Como um relâmpago  
Num âmagô do meu peito  
Em minhas entranhas profundas  
Dispara o meu Tum tá  
Se torna Tum tá, Tum tá, Tum tá, Tum tá  
De jeito incontrolável  
Surpresos e estatelados  
Umedecidos meus olhos brilham  
Num todo, eu, trêmulo, trêmulo,  
Pelo tremor de minha mão  
O moderno quase despenca  
Com esperteza de criança  
Por tanta felicidade  
Tal fato não concretiza  
Mas agora, já mais ameno,  
Aí, sim, eu também vejo,  
Lua e estrelas brilhantes



Eu seus olhos marejados  
Transbordados de alegria  
E já naquele momento  
Não éramos apenas três  
De risos tímidos em suspenses  
A quase gargalhadas toscas  
Felicidade imensurável  
De ambos os lados transbordava  
Quase de pronta notícia  
Um novo Tum tá, suave já soa  
E entra também em cena  
Pra delírio de todos nós  
No ventre abençoado  
Da filha amada Lorena.





## Devaneios

Se,  
Até poucos  
Instantes,  
Estava  
Em terra,  
Com os  
Pés firmes  
No chão...  
Agora,  
Estou nos ares,  
Voando,  
Acima das nuvens,  
Com a aeronave  
Cortando  
O céu azul,  
O infinito  
Sem fim...  
Deixando  
Para trás,  
As tristezas,  
As mágoas,  
As dores,  
As nódoas  
Da vida...  
Daqui  
Há pouco  
Estarei  
Distante...

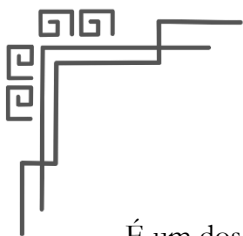
Caminhando  
Pelas  
Areias alvas  
E tépidas,  
Da orla  
Que contorna  
O Continente!  
Quero sentar-me  
Bem ali...  
Próximo  
Às falésias  
E de mãos postas,  
Peito aberto  
E desnudo,  
Receber a brisa,  
A aragem,  
Que juntas chegam  
Do além-mar,  
Trazendo  
O frescor  
Para  
Aquebrantar  
Tudo que  
Me atormentou...  
Martirizou...  
Me agonizou...  
Que fez,  
Com que,



Perdesse  
Um pouco  
O brilho  
Do meu olhar!  
Quero  
E almejo  
Que tudo isso  
Vá para  
A imensidão  
Das águas  
Nas ondas  
Loucas do  
M A R!

Trancoso (BA), 01.05.24  
BENEDITO MOREIRA





## Jardins Des Tuileries

É um dos  
espaços  
Verdes mais  
Emblemáticos  
De Paris.  
Com uma  
história  
Que remonta  
O Século XVI.  
Foi criado  
Por Catarina  
De Médici  
Em 1564.  
No local  
De antigas  
Fábricas  
De telhas,  
Por isto o  
nome:  
TUILERIES.  
Este  
encantador  
Espaço verde  
Fica localizado,  
Em Paris,  
Entre a Place  
De Lá  
Concorde

E o Museu  
Do Louvre.  
É um grande  
jardim,  
Em verdade  
No coração  
Da Cidade Luz!  
No centro  
Do mesmo  
É cortado  
Por uma bem  
Cuidada  
avenida  
Que é ladeada,  
De um e outro  
lado  
Por árvores  
Típicas  
Aqui da França,  
E agora  
No outono  
Suas folhas  
Começam  
A amarelar  
E a cair...  
O chão  
Fica coberto

Das mesmas  
Sobre as  
Gramíneas  
verdes...  
Quem inicia  
A visita  
Vinda do  
Museu do  
Louvre,  
Tem-se uma  
vista  
Muito bonita,  
Em primeiro  
plano,  
Vê-se o  
Obelisco  
Que fica bem  
Bem no centro  
Da Place  
De Lá  
Concorde  
E bem mais  
Distante  
Mas, olhando  
Na mesma  
direção  
Está a  
imponente



E sempre	De pequenos	Para se
Movimentada	Alimentos	admirar...
E bela Avenida	Que são	Jardins De
Champs	jogados	TUILERIES,
Elysés...	Pelas crianças,	Não é lugar
E ainda mais	E ao redor	Para se falar,
À frente	Dos mesmos,	Não...
Está o Arco do	Assentos	É um lugar
Triunfo.	Para se	Belíssimo,
Neste mesmo	enamorar	Para atarracar
Quadro visual	E “curtir”	À cintura
Olhando à	A beleza	De sua amada
esquerda	Do lugar...	Ou pegar
Vê-se a toda	E margeando	Suas mãos,
Exuberância	O centro	Andar...
Da Torre	Da praça	Beijar...
Eiffel.	E a Avenida	Amar!
No centro	Existem muitas	Como se fosse
Do jardins	E muitas	O Éden
De	Esculturas	De sua vida!
TUILERIES,	De	
Encontramos	personagens	Paris, 22.10.24
Dois lagos,	Famosas,	BENEDITO
Com paturis	como:	MOREIRA
Nadando	Rodin	
A espera	Giacometti,	

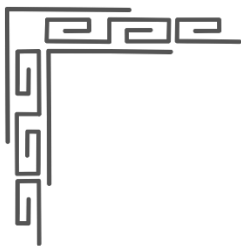


## SEGUNDA PARTE



# ESCRITORES MORRINHENSES





## “Etelvina”

Carlúcio Carneiro Pereira.

No coração da fazenda da família do Coronel Antônio Jesuíno de Souza, lá pelas bandas de Morrinhos, estava a região do Mimoso. Ali, o cerrado goiano se estendia preguiçoso em colinas que pareciam não ter fim, sumindo no longe, onde o olhar cansava. As aguadas se espalhavam pelo campo, servindo de bebida ao gado e de descanso aos tropeiros que, vez ou outra, cruzavam aquelas bandas. O silêncio tinha dono: era o próprio cerrado, que falava baixo, mas firme, no rumorejar das folhas e no ranger do chão verdejante. Os buritis, altos, viviam testemunhando as idas e vindas das gerações — eram marcos de memória plantados pela própria natureza.

O Mimoso era chão de lembrança forte: áspero e bonito, simples e farto, imagem do que era viver no interior goiano do início do século XX. Foi nesse canto que a história de Etelvina começou a se fazer. Moça de dezessete anos, a mais nova dos Jesuíno, tinha vida imposta pela lida da roça e pelo compromisso com as tradições. Era simples, mas rara; trazia nos olhos azuis um contraste que chamava atenção, carregando no olhar um pedaço de mundo distante. Em meio ao isolamento daquela terra, distinguia-se pela presença que iluminava o cotidiano duro da fazenda.

Na ponta dos pés, pela cortina de renda inquieta entregue aos toques da brisa que vinha da sala, ela espiava. O coração batia forte, quase sem caber no peito. Aquela cortina, bordada pela mãe caprichosa em horas de paciência, lembrava-lhe da vida na fazenda paterna e das histórias da família. Sem entender muito do passado e sem imaginar o



futuro, segurava o tecido como se ele pudesse dar firmeza à alma.

Ao lado dela, Mariazinha, a criada de confiança que tomara conta dela desde pequena, tentava acalmá-la. Mulher experiente, embora rústica, tendo somente a sabedoria dos longos anos vividos desde sempre no Mimoso, de fala mansa e sorriso já cansado, sussurrou:

— Tervina, larga de medo. Coisa boa vem pra sua vida.

Mesmo dizendo isso, Mariazinha também carregava curiosidade nos olhos. No fundo, parecia rezar para que o destino fosse favorável à moça.

Etelvina puxou mais a cortina e viu dois homens de terno escuro, chapéu de feltro e modos sérios. A presença deles calava a casa. Era visita importante, que trazia mudança. O mais novo chamava atenção — do nada, ouviu seu nome logo na apresentação: José Carneiro de Castro Filho, irmão de Abílio Carneiro de Castro — Abílio, jovem político que despontava em Morrinhos, moço de família conhecida, de nome forte e postura firme. Em um descuido, os olhos castanhos de José por pouco não cruzaram com os azuis dela, Etelvina sentiu um arrepio e as mãos tremeram.

O pai dela, Coronel Antônio Jesuíno de Sousa, homem de porte mediano, ereto, firme e demonstrando autoridade, bigode espesso e olhar calculado, observava os visitantes como quem pesa o valor de uma terra. No silêncio, era como se toda a vida dos Jesuíno de Souza estivesse em jogo.

Foi aí que Mariazinha, atenta como sempre, sussurrou novamente, quase sem voz, no ouvido da trêmula Etelvina:

— Dizem que tão aí pra lhe pedir a mão em casamento. Esse José Carneiro, disse seu João da venda lá do Jardim da Luz, que viu eles rondando por aqui. Falou também que eram de boa família e que esse José Carneiro é Dentista de cabedal.



Etelvina, mesmo jovem, sentiu o peso da decisão do pai que estava por vir. Sabia que sua vida seria costurada à de um homem que não conhecia. Amor, para ela, era só palavra de ouvir dizer. Naquela casa marcada pela tradição e austeridade, o destino já estava sendo costurado sem sua escolha.

Os pensamentos dela rodavam como as folhas secas da grande sete copas do quintal, levadas pelo vento. Perguntava-se como seria viver com aquele homem. Teria ele delicadeza nas palavras? O tempo traria entendimento entre os dois? Segurava a renda da cortina querendo segurar os próprios sonhos, sem coragem de largar.

O olhar do pai, atravessando o silêncio, confirmou o que ela já sabia. A hora havia chegado. Logo seria chamada para conhecer o homem que, a partir, quem sabe, de um tempo curto e breve, seria seu companheiro.

Naquele instante, Etelvina sentiu uma tristeza funda, uma saudade do que nunca viveu. Mas, junto a isso brotava uma força nova. Percebia que sua vida mudaria de rumo e que não havia volta. Ainda assim, no fundo, guardava uma esperança quieta — aquela que confia no destino, mas não abre mão de sonhar com a própria história.

O tempo, que lá no Mimoso parecia demorado, não tardou para que as coisas acontecessem. O casamento de Etelvina e José Carneiro seguiu os moldes da época, quase sem etapas. Foram apenas seis meses de um namoro que mal existiu e muito vigiado, seguido de quatro dias de um noivado tradicional e pró-forma, contado nos dedos. Logo, o casamento aconteceu na verdejante área dos fundos do casarão do Coronel Antônio Jesuíno de Sousa. A imponente sete-copas serviu de altar. Ali já aguardava o sacerdote, vindo de Morrinhos, que chamava a atenção de todos. Padre José de Paula Rosa, conhecido como padre José Rosa, era jovem, negro, de olhar austero e direto. Não se incomodava com os



olhares de soslaio, quase indecorosos, que recebia. Muitos estavam assustados, afinal, tinham se passado apenas 27 anos da abolição da escravatura. A presença de um padre negro presidindo uma cerimônia de tamanha importância, para uma família de nome e posição, era vista com surpresa por parte dos presentes.

Padre José Rosa, paramentado como mandava o ritual, aguardava impaciente a chegada da noiva para que a liturgia começasse. O noivo, José Carneiro, conhecido como Negrinho Carneiro, estava de pé ao lado da mesa improvisada sob a frondosa árvore. Introspectivo, demonstrava certa ansiedade. Etelvina chegou conduzida pelo pai, que vestia um bem cortado terno escuro, confeccionado por um afamado alfaiate da cidade mineira de Polvilho Podre (Uberaba). A roupa tinha sido cuidadosamente passada por Mariazinha, que gastou mais de quatro horas com um ferro rudimentar aquecido na brasa. O padre fez a acolhida inicial, saudou os presentes e destacou que todos estavam ali para celebrar o matrimônio dos jovens José Carneiro de Castro Filho e Etelvina Jesuíno de Sousa. Após o sinal da cruz e as orações do rito, o casal passou pelas etapas do sacramento, recebeu a bênção das alianças e a bênção final. Estavam casados — Etelvina passava a se chamar: Etelvina Carneiro de Sousa.

A festa foi farta, como era de costume em famílias influentes da região. A lua de mel começou logo após os festejos, quando os noivos, bem cedinho no dia seguinte, seguiram em uma charrete enfeitada rumo a Morrinhos. O casal se instalou na casa presenteada por Antônio Jesuíno, situada no largo da Matriz. O imóvel havia sido reformado em 1914 e ficava quase em frente à igreja, do lado direito de sua torre. Foi nesse lar que, em 1917, nasceu o primogênito do casal, Antenor Carneiro de Castro — o primeiro filho de nove



que estavam por vir. O menino, robusto e de traços fortes, lembrava muito o avô materno.

Os dias foram passando, e as visitas à fazenda Mimoso eram frequentes. O pequeno Antenor logo recebeu o apelido do pai, Negrinho Carneiro Filho e se tornou o predileto do avô, Coronel Antônio Jesuíno — mesmo não sendo o primeiro neto. Etelvina se emocionava ao ver o filho, já com cinco anos, em 1922, no colo do avô, montado em uma mula imponente e vistosa, com arreata de prata, a passear pelos morros verdejantes da fazenda. O Coronel tinha orgulho do neto e fazia questão de apresentá-lo a todos. Levava-o até a vila do Jardim da Luz, onde Negrinho Filho se tornava o centro das atenções. Era motivo de orgulho para a família e de admiração por parte da comunidade.

Essa rotina de atenção dedicada ao neto foi interrompida em 1924, com o falecimento do Coronel Antônio Jesuíno de Sousa. Sua morte causou grande comoção em toda a região e também em Morrinhos. O enterro foi marcado por homenagens. Seu túmulo, um dos primeiros erguidos no recém-inaugurado cemitério São Miguel, tornou-se o maior e mais vistoso daquele campo-santo. A perda foi muito sentida pela família, e também pela sociedade local, que via no Coronel uma figura de prestígio e influência.

A vida em Morrinhos, nos anos 20, seguiu seu rumo. Etelvina foi mãe de mais oito filhos e filhas no decorrer dos anos seguintes, que cresceram e construíram famílias honradas. Os homens seguiram a profissão do pai, José Carneiro de Castro Filho — dentista —, exercendo-a com a mesma dignidade e seriedade que o caracterizava.

No início da vida profissional, assim como o pai, foram dentistas avulsos e itinerantes. Viajavam por diferentes regiões de Morrinhos e do Sul do Estado em carroças ou no lombo de cavalos, hospedando-se nas fazendas. Ali permaneciam por



um ou dois meses, atendendo as comunidades que necessitavam dos serviços odontológicos.

O filho mais velho de Etelvina e predileto do avô, Negrinho Carneiro Filho, foi também dentista afamado e político atuante em Morrinhos e faleceu aos 86 anos, deixando um legado de honra e relevantes serviços prestados à cidade. Já Etelvina, a filha mais nova do Coronel Antônio Jesuíno de Sousa, encerrou sua longa trajetória aos 97 anos, partindo com seus profundos olhos azuis e deixando muitas saudades. No final da vida, Etelvina reconhecia o grande e verdadeiro amor que sentia pelo marido que conhecera praticamente no dia de seu casamento.





## **Luto antecipado: A dor de se despedir ainda em vida, quando os pais começam a esquecer...**

*Cristina Maria Cândida da Silva*

Cuidar de nossos pais é uma das formas mais profundas de retribuição do amor que recebemos. Eles nos embalaram, alimentaram-nos, ensinaram-nos a andar, a falar, a sermos quem somos. Mas quando a vida dá voltas e o tempo começa a apagar lentamente essas memórias — não apenas as deles, mas também as que compartilhamos — somos lançados em uma travessia dolorosa: o luto antecipado.

O luto antecipado é aquele que se vive antes da perda concreta. É a dor que nos atravessa quando percebemos que, embora ainda vivos, nossos entes queridos estão desaparecendo diante de nossos olhos. No caso da demência, esse luto se torna especialmente cruel, porque é contínuo, lento e silencioso. É como uma despedida diluída no tempo, em que cada esquecimento se torna uma pequena morte.

Quando ambos os pais começam a apresentar sinais de demência, o desafio se multiplica. Os papéis se invertem com rapidez: agora somos nós quem precisamos lembrar, conduzir, proteger e, acima de tudo, amar sem medida — mesmo quando não somos mais reconhecidos.

A dor mais aguda do luto antecipado está em se despedir das memórias ainda em vida. Ver um pai ou uma mãe esquecer o nome do neto, perder-se dentro da própria casa, confundir datas, pessoas e momentos — é um tipo de dor que não se descreve. É como assistir a um livro sendo apagado página por página, enquanto tentamos desesperadamente segurar a caneta do autor.



Essa dor tem sido a minha. Meu pai, com seus 84 anos, desenvolveu demência devido a uma doença neurodegenerativa. Embora ainda se mostre relativamente lúcido e consiga entender melhor o que digo, sua mobilidade está comprometida. Ele cai com frequência, o que me deixa constantemente em alerta. Às vezes, sai de casa e se perde pelas ruas da cidade — o que me faz viver com o coração apertado, temendo que algo pior aconteça.

Minha mãe, com 72 anos, enfrenta o Mal de Alzheimer em estágio mais avançado. Ela está perdendo rapidamente a capacidade de reconhecer as pessoas e o mundo à sua volta. Já esqueceu o nome dos netos e até do próprio marido. Não consegue mais formar frases completas e confunde com facilidade imaginação e realidade. Em certos momentos, torna-se agressiva, o que parte ainda mais o meu coração.

Eu sofro todos os dias. Sofro ao ver a doença avançar e me sentir impotente diante dela. Sofro por lembrar de como eles foram pais amorosos, cuidadosos, presentes — e por hoje sentir, muitas vezes, a ausência daquele afeto, substituído por confusão, indiferença e até rejeição. Sofro também pela falta de compreensão e respeito por parte deles, pois não conseguem mais entender que tudo que faço é, e sempre foi, por amor. Apesar da dor, não podemos nos render. Uma das maiores demonstrações de amor nesse processo é lutar, com todas as forças, para manter nossos pais ativos, autônomos e independentes o máximo possível. Essa não é uma tarefa fácil. Requer criatividade, paciência, sensibilidade e, muitas vezes, sacrifício pessoal.

Envolver os pais em atividades que estimulem a memória e os sentidos — como ouvir músicas que marcaram suas vidas, folhear álbuns antigos, cultivar plantas, fazer caminhadas leves, jogos de memória, pintura ou, até mesmo, tarefas domésticas simples — é uma forma de manter a chama



da identidade acesa. Cada pequeno gesto que os conecta à realidade é uma vitória.

Mas nem sempre temos retorno. Muitas vezes, o esforço parece ser em vão, e a frustração se instala. Sentimo-nos impotentes, esgotados, por vezes culpados por não sermos capazes de estancar o avanço da doença. E é nesse momento que precisamos, mais do que nunca, lembrar que amor não se mede pela cura, mas pela presença.

Preservar a autonomia dos pais com demência é um dos maiores atos de respeito e humanidade. Em meio às limitações, ainda há vontades, desejos, preferências. Ouvi-los, mesmo que não compreendamos tudo; permitir que escolham sua roupa, que deem opinião sobre o que comer, que exerçam pequenas decisões — isso os mantém vivos, dignos e presentes.

Mas, o equilíbrio entre proteção e respeito é tênue. O medo de que se machuquem, de que saiam de casa e não encontrem o caminho de volta, de que se percam em suas confusões, nos empurram para o controle excessivo. E aqui nasce outro tipo de luto: o de vê-los perder a liberdade, mesmo que necessária.

Precisamos aprender a caminhar entre o cuidado e a liberdade, entre o zelo e a autonomia. Precisamos aprender, com dor, que nossos pais não são mais os mesmos — e, ainda assim, continuam sendo nossos pais.

Há dias em que tudo parece escuro. O corpo está cansado, a mente esgotada, o coração, ferido. Mas então, em um gesto simples — como o toque da mão, um sorriso inesperado, um lampejo de lucidez — tudo se ilumina novamente. E percebemos que, mesmo com todas as perdas, o amor permanece.



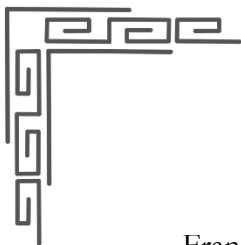
Talvez nossos pais esqueçam nossos nomes. Talvez já não saibam exatamente onde estão ou o que estão fazendo. Mas eles continuam sentindo. Sentem o afeto, o tom de voz, o toque, o cheiro, a presença. E, sobretudo, sentem o amor.

A missão de cuidar de pais em processo demencial é um caminho árduo, mas também uma oportunidade sagrada de retribuir, com paciência e ternura, tudo o que um dia nos foi oferecido com tanto zelo. É a chance de transformar a dor em amor e o luto em honra. Por fim, é essencial lembrar que para cuidar de alguém, precisamos cuidar de nós mesmos. Muitos cuidadores enfrentam solidão, sobrecarga emocional e física, adoecem junto com seus pais. Pedir ajuda, buscar apoio psicológico, compartilhar com amigos ou grupos de apoio, tirar um tempo para si, não é egoísmo — é necessidade. Viver o luto antecipado é permitir-se chorar antes da hora, mas também é um convite a celebrar cada pequeno momento que ainda resta. É abraçar o presente com coragem, mesmo que ele doa. É olhar para os olhos vazios de memórias e enchê-los de amor.

E quando a despedida final chegar — porque ela virá —, talvez a dor ainda seja grande. Mas será, também, suavizada pela certeza de que fizemos tudo o que podíamos. Que estivemos presentes. Que amamos até o fim.

E isso é o que importa.





## Ninguém precisa de um boi zebu

Francisco amava tudo que tinha ali naquela tranquila e modesta fazenda. Tudo era fiscalizado por ele. No final de cada dia, as ferramentas que foram usadas na lida eram limpas e guardadas nos lugares previamente estabelecidos para, como dizia, quando precisasse de alguma, poderia ir ao escuro que a achava. E as criações, como dizia o amoroso Francisco quando mencionava os animais que criava Fazenda Bom Jardim da Barra, não eram para vender nem matar. Os bovinos eram de raças comuns, pois naquele tempo, por volta de 1949, não existia ainda estas raças que hoje fazem tanto sucesso entre os pecuaristas. Eram chifrudos e grandes. Geralmente, brancos acinzentados, ou com algumas pintas escuras, os chamados mouros.

Todos os dias, ele levantava muito cedo para tirar o leite, ajudado por um caseiro que morava na fazenda com sua família. Este se chamava Ângelo, mas atendia também por "Anjo", mais fácil de pronunciar. Este era muito desleixado; cabelos encaracolados e compridos e barba grande. Sempre com chapéu na cabeça e um pito de palha, daqueles grandes, no canto da boca. Tiravam o leite das vacas e esse era passado por uma máquina desnatadeira manual para separar o creme do soro. A máquina era pesada de tocar. Quanto mais pesada, melhor e mais grosso saía o creme, que as filhas de Francisco e Maria colocavam em um copinho feito de folha de laranjeira e misturavam com café. Bebiam ali mesmo naquele copinho para apreciar o cheiro da folha de laranjeira. Coisa simples e deliciosa! Nos tempos de hoje esta é uma bebida considerada sofisticada, mas naquela época, com tão poucas opções de



café da manhã, era muito comum. O creme era colocado em latões e vendido para uma fábrica de manteiga de leite.

Tinha uma vaca do rebanho que ficava muito brava quando paria. E se tornava um grande problema para todos na fazenda, porque, sem motivo algum, partia para cima de quem ela cismasse que ameaçava seu bezerrinho. E pernas pra quem tinha. Certo dia, Ivone, uma das filhas de Francisco, pois ele tinha sete, estava com o pai no curral curando os umbigos dos bezerrinhos, quando a porteira de um dos currais se abriu, não se sabe como, e por ela entrou a tal vaca brava. Ela se chamava Pensão e, Ivone, só teve tempo de pegar um pedaço de pau que estava por perto para enfrentar a fera. Ela quase estourou a cabeça da vaca de tanto dar pauladas entre seus chifres; enquanto Francisco gritava: — Pensão! Pensão! — levantava os braços — pegava pedras no chão e atirava. Quando a vaca desistiu do ataque e saiu bufando para o outro curral, o pai ainda trêmulo abraçou fortemente a filha e disse orgulhoso daquela frágil menina: — Muito bem, Ivone. Só um homem corajoso faria o que você fez.

Ela ficou muito contente de ouvir aquele elogio que naquele tempo era raro receber, principalmente vindo de um pai de costumes rudes como o seu. Ivone se sentia o "peão" do seu pai, que desejava ter tido alguns filhos ao invés de tantas meninas. Aquele ato heroico foi comemorado com muitos abraços e vivas na cozinha na hora do jantar, por sua mãe, irmãs e Francisco que acompanhava tudo com um leve sorriso de satisfação e orgulho.

O machismo naquela época era mais cultuado que atualmente. Os homens diziam: — "Lugar de mulher é na



cozinha. — Mulher não dá palpite em negócios de marido". Mas ali naquela fazenda, naquela família, aconteceu um fato que mudaria este conceito. Certa feita, a família foi surpreendida com a chegada de três senhores muito bem-vestidos e Francisco os convidou para se acomodarem na sala de visitas que era reservada e distante da cozinha, onde Maria, sua esposa, estava sempre às voltas com o fogão a lenha e as panelas de ferro, preparando a comida para o batalhão de gente da fazenda. Aqueles distintos senhores, começaram a falar sobre uns tais bois zebus até então uma raça desconhecida naquela região, interior de Goiás, mas que Francisco já ouvira falar. E ofereceram uma barganha a Francisco depois de falarem muito sobre os tais bois, elogiaram a raça, enalteciam sua beleza, o porte e a importância de um daqueles animais para o rebanho dali. A proposta era: — eles dariam um boi zebu ao fazendeiro e levariam vinte vacas da propriedade em troca.

O coração do fazendeiro bateu forte. Vinte vacas, suas vacas amadas, criadas com carinho para não vender nem matar. Na sua imaginação chegava a ver a fila delas saindo porteira a fora. — Mas... e o boi zebu? Que lindo seria! Grande, gordo, cabeçudo! Que mistura fantástica faria na raça que já tinha ali! Seu gado seria transformado em uma linhagem diferente e de sangue nobre. Mas, a fila das suas vinte vacas saindo pela porteira continuava na sua visão. Lembrou-se de Maria na cozinha. Relutou em saber sua opinião, mas pediu licença aos visitantes e saiu com a desculpa de buscar café. Ao deixar a sala, os visitantes se entreolharam, coçaram a barba e retorceram os bigodes preocupados. Francisco contou rapidamente para Maria a conversa que tinha tido e pediu sua opinião. Coisa rara naquelas bandas. E a esposa, admirada



com a proposta, respondeu: — Mas, Chiquinho, (era como ela o chamava) nossas vacas... vinte, Chiquinho... já pensou? Nós as criamos desde que eram bezerrinhas. Pensa um pouco... e se o boi cair num buraco, numa grota, num córrego. Pensa, Chiquinho! Ele pegou a bandeja com o café e voltou para sala. Os visitantes disfarçavam a ansiedade enquanto tomavam o café. Depois de alguns instantes, um deles quebrou o silêncio e arriscou: — E aí, seu Francisco, como ficamos? O que resolveu?

O fazendeiro sério e decidido como era, disse simplesmente: — Não vou fazer este negócio com vocês. Muito obrigado pela visita. Os senhores se levantaram e saíram desconcertados, montaram em seus cavalos bem arriados e foram para fazendas vizinhas fazerem, talvez, a mesma proposta.

Dias depois, um vizinho chegou cedo ali na Fazenda Bom Jardim da Barra e lhe falou sobre os tais senhores: — Compadre, aqueles homens eram vigaristas de marca maior. Como eles sabiam que não temos uma comunicação boa com os acontecimentos do Brasil e, até mesmo do mundo, eles acharam que podiam fazer o senhor e nós todos daqui de trouxas. Os tais bois zebus que eles queriam trocar pelas suas vacas, não estão valendo nada. Já teve criadores que até se mataram por causa do prejuízo. Bem fez a comadre Maria não ter deixado o senhor fazer negócio com eles.

Francisco ficou admirado dele saber o que tinha acontecido naquele dia, e perguntou: — Mas como você ficou sabendo de tudo isso? E o vizinho respondeu: — "Foram eles que contaram quando saíram daqui; estavam muito contrariados e disseram que casa onde mulher manda, que



marido vai a cozinha pedir opinião pra fazer negócio, não dá certo. Sobre a queda do zebu, foi por alguém que escutou a notícia pelo rádio. Dizem que a coisa está feia lá pros lados de São Paulo. Feia mesmo, compadre!" E o amigo saiu feliz por ter trazido uma boa notícia.

Este assunto ficou circulando por um tempo na vizinhança. Uns aprovavam, outros não. Mas, o que importava para Francisco e Maria, e até para as filhas que já palpitavam sobre alguns assuntos, é que suas preciosas vacas estavam ali, dando o leite saboroso e tão importante para o sustento de todos que viviam na querida Fazenda Bom Jardim da Barra.

Ivonete Elias Artista Plástica





## Enquanto apreciava o jardim

Era um jardim grande e bem cuidado. Uma passarela dividia em duas partes o gramado verde e bem aparado. Ele chegava de suas viagens e, antes mesmo de descansar, pegava o podão e durante uns dois dias ficava ali envolvido com aquela grama. Enquanto não via tudo aparado e com os canteiros limpos não sossegava. Gostava de olhar toda aquela extensão verde e uniforme sentado em sua cadeira preguiçosa colocada na varanda na frente da casa. Dizia que assim descansava e se lembrava da fazenda onde morou quando criança... E viajava no passado que, muitas vezes, dependendo das lembranças, queria esquecer...

Era muito pequeno ainda quando via aqueles trabalhadores sujos carregando enxadas, foices e enxadões nas costas, cabisbaixos e cansados. Falava para sua mãe: "Não quero esta vida para mim. Vou estudar e viver na cidade grande". Sua mãe sorria e concordava com ele dizendo: "Isso, meu filho! Vai buscar uma vida mais feliz e tranquila. Vai ser doutor, dentista".

Quando tinha doze anos, continuou lembrando, foi para um colégio interno, de padres. Era um colégio grande, só para meninos. Tinha alguns rapazes também. Uma lágrima quente desceu pelo seu rosto quando sua mãe saiu e o deixou ali no meio de estranhos. Mas logo se enturmou com os colegas da sua idade e foi ficando mais conformado. E suas lembranças percorreram os quatro anos em que estudou ali. Fatos felizes e tristes se misturavam e ora sorria, ora fechava o cenho pressionando o maxilar. Sua esposa o observa e vendo a



mudança de humor arriscou uma brincadeira para descontrair aquele trabalhador exigente: "Um beijo por seus pensamentos!"

Ele se virou, sorriu para a mulher que amava puxando-a para o seu colo e a beijou mesmo sem revelar seus pensamentos. Depois lhe disse olhando para o gramado: "Viajava pela fazenda dos meus pais, para o tempo da minha infância". E um suspiro o fez estremecer ao recordar sua mãe e aqueles poucos anos vividos na fazenda que pareciam conter toda sua vida.

Sua esposa então viu uma roseira muito florida e foi contar às rosas. Eram cachos e cachos. Ficou deslumbrada com tanta beleza. Contou quarenta e três rosas abertas, fora os botões que ainda iriam desabrochar. Os vizinhos diziam nunca ter visto tanta saúde em uma roseira. Tinha também uns coqueiros com algumas folhas que se fechavam formando um saco que aí era aberto por aquele exímio e ocasional jardineiro. E aqueles mandarovás que ali cresciam eram despejados na grama e sobre aqueles insetos nojentos era jogada uma chuva de inseticida. Eles morriam ali mesmo, antes que tivessem tempo de procurar outro abrigo. De vez em quando, eles passavam despercebidos e, em uma noite, comiam quase todas as folhas dos coqueiros do verde jardim. Tudo era uma questão de observação e zelo.

O sonho de criança daquele homem tinha ficado para trás, num lugar cada vez mais distante. Ser um doutor médico ou dentista já não podia mais. As armadilhas da vida e as dificuldades levaram-no a se embrenhar por caminhos outros que o desviaram da faculdade. O tempo da brilhantina e das lambretas era por demais envolvente para um rapaz vindo da



roça e de um lar um tanto desajustado. Ele não resistia às festas e às mulheres. E todo dinheiro que ganhava com o seu trabalho, em um consultório odontológico como protético, só dava para pagar as despesas. Ele gostava de se vestir muito bem. A alta moda masculina da época exigia muitos ternos, para os passeios; tinha dezesseis, que deveriam combinar sempre com as camisas e os sapatos reluzentes. E o tempo foi passando... Só depois dos 30 anos resolveu se casar. E foi por amor, com uma bela moça que lhe dera três filhos, o aconchego de um lar estruturado e um lindo jardim para cuidar e apreciar.

Voltou a olhar para suas mãos sujas de terra e o tênis cheio de barro e, novamente, lembrou-se da fazenda da infância e daqueles trabalhadores braçais, sujos e cansados. Um carro puxado por bois, que quase corria por causa do ferrão que seu pai — um homem rude e feroz — lhes enfiava nos lombos, veio-lhe à mente. Seu coração acelerou e o medo fez seus olhos marejarem algumas lágrimas adormecidas pelo tempo. E os berros e xingamentos do pai, daqueles nomes que nos dão arrepios, vibravam no ar fazendo-o reviver aquele dia em que seu anjo protetor o salvou de ser pisoteado pelos bois. Pois era ele, uma criança com apenas sete anos, que estava na frente daqueles bois que corriam amedrontados pelo ferrão daquele homem desalmado.

Aquelas tristes lembranças trouxeram a nebulosidade de uma tempestade para o jardim. Ele já não via o verde reluzente daquela extensão de grama aparada e uniforme. Ficou sentindo aquela opressão e com os músculos da face contraídos em dolorosa amargura por algum tempo, quando

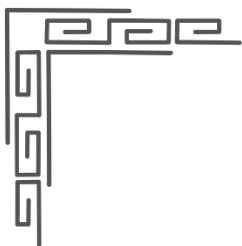


ouviu o barulho das pedaladas de uma velocípede vindo pela passarela que separava as duas extensões do gramado.

Foi quando viu um dos seus filhos sorrindo e com os cabelos negros esvoaçantes se aproximando feliz. Ele foi ao seu encontro e um longo e afetuoso abraço os uniu, fazendo desaparecer toda aquela amargura. Então, passou a mão pela testa como se quisesse apagar para sempre aquelas lembranças e foi passear entre os canteiros com sua esposa, segurando firme a mãozinha do filho. Assim como que tentando protegê-lo dos espinhos das roseiras que também poderiam maltratá-lo e deixar marcas profundas se o cuidado paterno não fosse sentido por aquele coraçãozinho de criança; que mesmo depois de passado longo tempo, ainda poderia ser capaz de reviver todas as lembranças, as boas e as ruins, fazendo a sua alma chorar ou sorrir.

Ivonete Elias Artista Plástica





## O assassinato do papai

João Gabriel Vargas dos Santos

O relógio acabara de marcar 20h00 de uma noite de inverno como qualquer outra, quando ouço o suspiro da porta como um rangido metálico fatigado; de modo normal, fui conferi-la. Ao abri-la, encontro-me com um homem de terno preto, restos de fumo em sua boca, chapéu preto como a escuridão da noite, sapatos encerados e uma aparência cansada. Surpreso com tal visita inesperada, indago-o qual situação lhe trazia até minha residência.

— Me chamo Joel, peço desculpas por não o avisar previamente da minha visita. Atuei como guardião da casa de seu pai e fui encarregado de dar-lhe a notícia. Curioso, perguntei-lhe:” E qual notícia seria?” Ele respondeu: “ Sinto em informá-lo, porém vim com a missão de colocá-lo a par do falecimento do seu pai!” Eu, incrédulo e com certo assombro de tal notícia ser verdade, questiono-o: — Por qual motivo deveria acreditar em você? Até ontem ele estava saudável e em boas condições de vida!

O suposto guardião responde: — De fato, ele realmente estava em excelentes condições de vida, desfrutando de sua fortuna, porém ladrões adentraram em sua casa para furtá-lo. O mesmo, sem intenção de colaborar em perder tudo de valor que ali havia, tentou reagir e esfaqueou um dos cinco assaltantes ali presentes,os outros ladrões, vendo aquilo, dispararam projéteis em seu peito instantaneamente.

Em estado de negação, pedi ao mesmo uma comprovação de tudo aquilo e pedi que me levasse à casa onde meu pai residia. Ele aceitou e me conduziu ao seu carro.



A cada esquina que deixaríamos para trás, a dúvida e o medo tomariam conta do meu peito.

Aproximando-nos da casa, pude observar que nenhum portão havia sido obstruído, nenhuma janela havia sido quebrada, tudo estaria intacto e em perfeitas condições. Fiquei com aquelas informações em minha cabeça. Adentrando à casa, pude observar também objetos quebrados como vasos, pratos, copos e lustres, no canto da sala consegui ver as marcas de sangue que poderiam ser as do meu pai, pensei eu. Porém podia-se observar que tudo ali havia sido feito às pressas, algum tipo de encenação talvez? Não sabia o que podia ter acontecido ali, mas algo em meu peito me afirmaria: Isso não foi um assalto, foi um assassinato e não um latrocínio.

Às 23h34, com bastante sono, sento-me ao sofá da sala principal da casa e tento juntar todas as informações possíveis sobre o que aconteceu ali e quem poderia ter causado a morte do papai. Com bastante sono, acabei adormecendo ali mesmo, com pensamentos que me perseguiriam em sonhos naquela noite. De manhã, acordo com alguns barulhos estranhos que me lembrava algo como vidros se quebrando, segui o barulho até a cozinha. Com medo, empunho uma faca para me proteger (ou ao menos tentar), vou me aproximando ainda mais e vejo o guardião limpando a bagunça de uma xícara com café que o mesmo havia feito para tomar. Ele me vê e se desculpa por me acordar.

Naquele momento, concentrei-me em tomar um café da manhã para me concentrar na procura de pistas sobre a suposta morte do meu pai. Ao findar meu café, subo em direção ao porão para vasculhar e encontrar algo útil e consigo uma boa câmera que papai usava para fotografar seus quadros favoritos e começo a fotografar tudo que poderia ter o mínimo de sentido em minha cabeça em relação ao “assalto”.



Consgo capturar várias fotos sem fundamentos nenhum, mas que em minha cabeça faziam sentido. As fotos variavam entre vasos quebrados até mesmo a pilhas de roupas sujas. Nada ali fazia sentido, por mais que eu tentasse entender. Angustiado e com raiva por não ter encontrado nada, sento-me na poltrona que papai adorava sentar para ler seus jornais, porém algo estava diferente, ao me sentar, sinto que algo na poltrona está modificado, a mesma não se inclinar com facilidade como se algo estivesse bloqueando seu sistema de inclinação; ao notar esta irregularidade, deito a poltrona de lado para analisar o que causara o bloqueio e ao deitá-la fico em choque com o que acabara de encontrar. O que estaria na minha frente me deixaria horrorizado.... Ao inclinar a poltrona me deparo com uma Glock 20, silenciada e com pente estendido, a pistola que se encontraria em minha frente poderia ser a usada para finalizar meu pai. Com ira nos olhos, indaguei ao guardião sobre o revólver e ele me responde com contradições e incertezas em suas falas:

— Nossa, você encontrou a... a... arma de defesa pessoal do seu pai... Ele a usava porque... Ele usava pra se defender... É... É isso, ele a usava pra se defender.

Na mesma hora, veio-me à mente: “Se ele a usava para se defender, por qual motivo usaria uma faca para tentar reagir a um assalto?” Naquele mesmo momento, dei-me conta que o suposto guardião nunca havia me dito seu nome, nunca comentara como conheceu meu pai, nunca me informou nada a seu respeito. O quebra-cabeça começara a se encaixar perfeitamente, seria essa mais uma história de filmes na qual o mordomo seria o assassino, pensaria eu naquele momento. Na mesma hora empunhei o revólver e apontei contra o estranho em minha frente que havia se apresentado como guardião da casa para mim. Ele, com medo, move lentamente suas mãos para cima e diz para mim não o matá-lo. Com



medo, raiva e diversos sentimentos em minha cabeça, digo para o mesmo se levantar e se dirigir até a cozinha, ele, submisso ao revólver, obedece. Chegando na cozinha observo um pano de linho grosso e forte, lentamente dou três passos me dirigindo ao mesmo, pego o pano e amarro o guardião. Após isso, começo meu interrogatório a ele:

— Quem é você? Qual seu nome? De onde você é? Como conheceu o papai? Em ordem ele responde: — Me chamo Dave, venho das montanhas do Norte, conheci seu pai em um supermercado na esquina. Por favor, acredite em mim, eu não faria nada a ele, após dois anos cuidando do seu pai me tornei mais que um mordomo, me tornei um grande amigo dele.

Ele parecia estar falando a verdade, eu estaria caindo em um golpe ou ele realmente estaria sendo sincero? Não querendo dar sorte ao azar, mantive o mesmo amarrado na geladeira. Enquanto tentava encaixar os fatos, tentar saber se o que o guardião me havia falado era verdade, escuto um grande estrondo no sótão da casa, como se algo muito grande houvesse caído e quebrado. Outra vez iria eu bancar o Sherlock Holmes e investigar o que causara tamanho barulho. Segui em direção ao porão e o estrondo repetia-se continuamente, com medo entrei e vi diversos destroços de conjuntos de joias de luxo espalhadas no chão, e uma porta de ferro de uns 10 centímetros de espessura aberta, aquilo parecia um cofre cheio das mais belas joias e diamantes da fortuna do papai e algo ou alguém estaria tentando furtá-lo. Ao entrar, encontro-me cara a cara com Tomaz, o jardineiro, com outro revólver idêntico ao que anteriormente havia encontrado embaixo da poltrona e um saco cheio de joias e pedras preciosas dentro. Com medo corri para fora do cofre sem Tomaz perceber e o tranquei lá dentro. Agora tudo faria sentido, o jardineiro que sempre estava em casa, que sabia



toda a rotina do papai, que era sempre menosprezado pelos outros funcionários da casa e pelo próprio Dave seria o culpado. Desci rapidamente para a cozinha, e antes de desamarrar Dave, o indaguei sobre haver duas armas idênticas. O mesmo me respondeu: — Seu pai era um excelente caçador, amava caças ilegais e com a fortuna que havia, era fácil subornar todos dali. Não lhe contei pelo simples fato que eu sabia de tudo isso e tinha medo de ser preso por cooperar com seu pai.

Desamarrei Dave e, novamente, empunhei o revólver, Dave, para se defender, empunhou uma faca e fomos para o sótão encurralar Tomaz. Chegando lá, Dave digitou a senha do cofre com bastante incerteza e medo do que iria acontecer nos próximos minutos. O cofre foi se abrindo lentamente e nós dois, de forma corajosa, apontamos o revólver e a faca para onde supostamente estaria o jardineiro. Ao abrir a porta, ficamos surpresos com o que vimos: A parede estava danificada e com um buraco, que imaginamos que seria o plano de fuga de Tomaz.... Por isso o barulho enorme que anteriormente escutamos. Automaticamente, acionei o sistema de segurança que trancou a casa na hora. Naquele momento tínhamos uma certeza: Ele ainda estava na casa! Dave e eu criamos um plano para pegar de vez Tomaz e fomos executar o mesmo. Com o sensor de calor localizamos Tomaz na sala principal atrás do pilar Grego que papai instalara há uns três meses, tentando nos encurralar para nos finalizar assim como havia feito com papai. Logo, pegamos um robô aspirador e colocamos um manequim e empurramos o mesmo em direção à Tomaz; o mesmo sem hesitar, virou-se e disparou contra o manequim que caiu no chão revelando-se ser somente uma distração. Enquanto Tomaz caminhava em direção ao boneco, Dave surge frente a frente com ele. O mesmo imediatamente empunha a pistola e aponta para Dave.

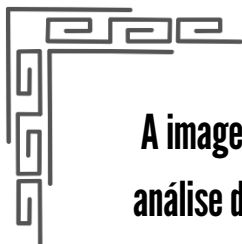


Quando ele estava prestes a engatilhar a arma, apareço atrás dele e o rendo instantaneamente. Ele solta a arma e se ajoelha com as mãos para cima. Com a empunhadura da arma, nocauteio Tomaz e ele cai inconsciente no chão. Feito isso, desativo o sistema de segurança e a casa se abre novamente. Ao acordar, Tomaz está amarrado e face a face comigo, tentando se soltar e se contorcendo. Eu o questiono qual motivo o levou a fazer tudo aquilo e ele me responde:

— *Você não entende como é humilhante ser o jardineiro de um homem que possuiu muita grana. Você é menosprezado dia após dia, escutando as mesmas risadas dele e dos outros funcionários presentes nesta casa. Eu iria humilhá-lo como ele me humilhou, matando-o e roubando todo o dinheiro que dias atrás ele esfregava em minha cara. Pode chamar as autoridades, não me arrependo de nada que fiz, e confesso em tribunal que matei seu pai e faria isso várias e várias vezes.*

Com raiva e pena daquele homem, peço para que Dave chame a polícia para prosseguir com a justiça. Após toda essa história, finalmente pude sentir luto pelo meu pai, lembrando de tudo que antes vivi com ele e dos arrependimentos. Um ano se passou, e Tomaz está na cadeia e estou eu sentado no sofá da minha casa lembrando de tudo isso e lembrando dos bons momentos que vivi com papai, de cada momento feliz.





## A imagem das mulheres em Morrinhos — Goiás: uma análise da representação feminina na toponímia urbana

Katiane Tavares da Silva Cunha

O estudo sobre a nomenclatura das ruas de Morrinhos (Goiás), revela muito sobre a construção social e histórica da cidade, refletindo a valorização de determinados personagens ao longo do tempo. A análise dos nomes evidencia um predomínio de figuras masculinas, em contraste com a presença mais limitada de mulheres, mostrando padrões históricos e culturais ainda marcados por desigualdades de gênero.

A maior parte das ruas homenageia homens que tiveram destaque político, militar, cultural ou religioso na história local e nacional. Entre os nomes mais comuns, destacam-se:

- **Presidentes e políticos**, exemplo: Avenida Senador Hermenegildo de Moraes, Rua Dom Pedro II, Rua Prefeito Antônio de Castro Rosa, Rua Prefeito Manoel de Freitas, Rua Vereador Antônio da Lucinda, Rua Vereador Luiz Santiago, etc.
- **Militares e líderes regionais**, exemplo: Avenida Coronel Fernando Barbosa, Avenida Coronel Pedro Nunes, Avenida Soldado PM Adonai do Carmo Oliveira, Rua Major Limírio, Rua Coronel Bento de Godoy, Rua Coronel João Lopes Zedes, Rua Major Evaristo Frauzino, et.
- **Personalidades históricas e culturais**: Rua Barão do Rio Branco, Rua Doutor Pedro Nunes, Rua Doutor Sylvio de Mello, Rua Maestro



Vicente José Vieira, Rua Pastor Belino Gonçalves Damaceno, Rua Professor Felício Chaves, Rua Reverendo Archibald Tipple, Rua Santo Agostinho, etc.

Essa predominância reflete a tradição histórica de se registrar nomes masculinos em espaços públicos, especialmente aqueles ligados à política e à liderança comunitária.

Em se tratando da presença feminina nas ruas e, embora menos frequente, as ruas com nomes de mulheres representam marcos importantes da história local e do protagonismo feminino. Professoras, líderes comunitárias e figuras ligadas à história cultural da cidade.

Nesse caso podemos citar:

- **Avenida Dona Fiica:** Maria Amabini de Moraes — figura de alta relevância na história de Morrinhos, associada principalmente à educação e à vida social da comunidade morrinhense. Mas, que está ligada a imagem de seu esposo, Senador Hermenegildo Lopes de Moraes.
- **Avenida Genoveva Rezende Carneiro** — Mãe do político brasileiro Iris Rezende Machado.
- **Avenida Zilda Diniz Fontes** — Professora, foi diretora do então Colégio Estadual Xavier de Almeida, escritora, poetisa, novelista, dramaturga morrinhense, filha do teatrólogo Juquinha Diniz.
- **Rua Nilza Diniz Silva** — Professora, filha de Juquinha Diniz e, conseqüentemente, irmã de Zilda Diniz que, juntas (re)fundaram, em 1967, a Sociedade Dramática e Literária, na cidade de Morrinhos.



- **Rua Maria Rosa dos Santos** — Professora, ex-primeira dama da Cidade de Morrinhos, durante o mandato de seu marido José Novato dos Santos.

Ao fazermos um comparativo entre as ruas com nomes de homens e mulheres notamos uma proporção desigual, estima-se que cerca de 70% a 80% das ruas homenageiam homens, enquanto apenas 20% a 30% homenageiam mulheres.

E ainda, ao analisarmos o tipo de reconhecimento, percebemos que os homens são frequentemente mais lembrados por conquistas públicas e oficiais, enquanto mulheres recebem homenagem por contribuições sociais e culturais ou, ainda, por serem mães, esposas e filhas de “homens da sociedade”.

Vale ressaltar, também, que a localização urbana, em alguns casos, ruas com nomes femininos estão em regiões residenciais ou secundárias, enquanto ruas com nomes masculinos ocupam avenidas e áreas centrais, reforçando simbolicamente hierarquias históricas.

E ainda que;

Essas análises e interpretações acabaram por perpetuar uma narrativa que naturalizou a condição de subalternidade da mulher, que, embora tivesse um papel muito relevante na sociedade patriarcal, foi condicionada a um papel “secundário” e missionário, o de ser esposa, progenitora e guardiã dos preceitos da família patriarcal. (OLIVEIRA, 2025, p. 153)

Dessa forma, vale refletir sobre esse significado cultural, em que a análise dos nomes das ruas de Morrinhos permite refletir sobre a invisibilidade histórica das mulheres, mas



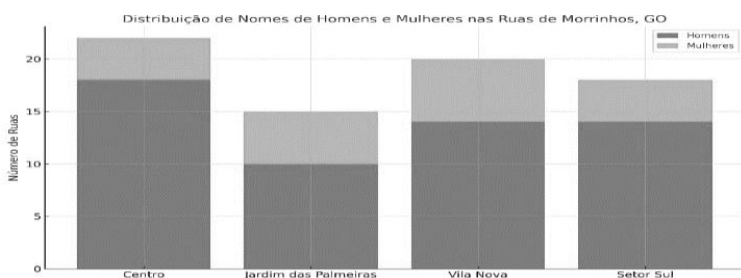
também aponta caminhos para reescrever a memória urbana, reconhecendo figuras femininas que moldaram a cidade. A valorização desses nomes é uma forma de equilibrar a narrativa histórica, promovendo representatividade de gênero e estimulando a conscientização sobre igualdade.

Portanto, a toponímia de Morrinhos reflete uma sociedade historicamente patriarcal, mas que também, ao analisar todas as ruas da cidade, mostra sinais de mudança e valorização do protagonismo feminino. Estudos como esse permitem repensar o espaço urbano como um lugar de memória plural, onde homens e mulheres que contribuíram para a cidade possam ser igualmente lembrados.

Logo abaixo organizamos um gráfico de barras empilhadas mostrando a distribuição de ruas com nomes de homens e mulheres nos principais bairros de Morrinhos. Onde:

Azul — ruas com nomes de homens

Vermelho — ruas com nomes de mulheres.



Ele evidencia claramente a predominância masculina, mas também destaca a presença das mulheres que,



mesmo em menor número, vem representando uma conquista na história das mulheres.

## REFERÊNCIAS

AFONSO DE OLIVEIRA, H.; TAVARES DA SILVA CUNHA, K. FAMÍLIA, OLIGARQUIA, CORONELISMO E CONDIÇÃO FEMININA NO SUL DE GOIÁS, 1889-1930. **Revista Mosaico — Revista de História**, Goiânia, Brasil, v. 18, n. 1, p. 152–165, 2025. DOI: 10.18224/mos.v18i1.13231. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/mosaico/article/view/13231>. Acesso em: 3 out. 2025.

<https://www.aflag.com.br/academicas/43-zilda-diniz-fontes>.

<https://share.google/EfPhTBlkx67jtLYhA>.





# Gratidão e amizade: Laços que transformam vidas

Letícia Rabelo da Silva

*Gratidão e amizade são forças silenciosas que moldam nossa existência, atravessando gerações, tendências e desafios cotidianos.*

A vida humana é marcada por encontros, experiências e relações que moldam nossa identidade e direcionam nossas escolhas. Entre essas forças, a **gratidão** e a **amizade** se destacam como pilares fundamentais da experiência humana. Embora silenciosas e, muitas vezes, subestimadas, elas carregam a potência de transformar vidas, sustentar indivíduos em momentos de crise e impulsionar conquistas pessoais e coletivas.

Este ensaio busca analisar o papel da gratidão e da amizade como elementos estruturantes do desenvolvimento humano, explorando sua relevância no cotidiano, sua influência nos vínculos sociais, sua correlação com o sucesso pessoal e coletivo, bem como sua presença formativa na infância e juventude. Também será abordado o papel da cultura e dos livros como mediadores dessas experiências.

## O valor da gratidão no cotidiano

A gratidão vai além do simples ato de agradecer: trata-se de uma **postura existencial**. Estudos em psicologia positiva demonstram que indivíduos que cultivam gratidão apresentam maiores níveis de bem-estar subjetivo, maior resiliência diante de adversidades e relações sociais mais saudáveis. Reconhecer o valor das pequenas coisas — o sorriso de um amigo, a solidariedade inesperada, a beleza de um dia comum — fortalece uma visão mais positiva e generosa da vida.



Essa prática, no entanto, não exige grandes feitos. Um “obrigado” pode alterar a atmosfera de uma interação e reconfigurar vínculos. Mais do que uma formalidade, a gratidão é um **ato de reconhecimento**: reconhecemos que não estamos sozinhos e que nossa trajetória é construída em conjunto, por meio de trocas, apoios e aprendizados. Nesse sentido, a gratidão é uma forma de presença, que nos ancora no momento vivido e, ao mesmo tempo, abre espaço para conquistas futuras.

### **Amizade: O encontro que nos humaniza**

Se a gratidão é uma postura, a amizade é uma **experiência relacional**. Amigos são companheiros de jornada, que compartilham tanto as alegrias quanto as dores da existência. Eles não apenas participam de momentos felizes, mas também oferecem apoio e consolo quando enfrentamos dificuldades.

A amizade verdadeira é construída em bases sólidas: confiança, respeito, generosidade e constância. Mais do que número de contatos ou seguidores em redes sociais, o que importa é a **qualidade dos laços**. Um bom amigo é aquele que nos encoraja a crescer, escuta sem julgamentos e celebra nossas vitórias como se fossem próprias. A amizade, assim, funciona como espelho e como impulso: revela aspectos de nós mesmos e, ao mesmo tempo, nos inspira a ser melhores.

A escolha dos amigos é também um exercício de **autoconhecimento**. Cercar-se de pessoas que nos elevam, que compartilham valores e que impulsionam sonhos é determinante para o desenvolvimento pessoal. Relações tóxicas, marcadas por críticas constantes, ausência de apoio ou manipulação, podem minar autoestima e restringir potencialidades.

Por outro lado, amizades saudáveis nos desafiam a romper com a zona de conforto e a explorar novas perspectivas. Elas funcionam como catalisadores de mudanças e aprendizados, favorecendo a expansão de horizontes. Importante destacar que ser amigo não é apenas receber: é também oferecer apoio, reconhecer



o valor do outro e celebrar as diferenças. Assim, a amizade não é uma via de mão única, mas um espaço de reciprocidade.

## **Amizade e Sucesso: Caminhos que se cruzam**

Ao contrário da ideia de que o sucesso é uma jornada solitária, é preciso reconhecer que amigos desempenham papel central nesse processo. Eles abrem portas, oferecem oportunidades, fornecem feedback honesto e nos ajudam a persistir diante de dificuldades.

O capital social que construímos por meio da amizade é um dos ativos mais relevantes que possuímos. No campo profissional, acadêmico ou pessoal, o apoio mútuo, a confiança e o reconhecimento fortalecem redes de colaboração que potencializam conquistas. Dessa forma, o sucesso se revela menos como mérito isolado e mais como resultado de um **tecido relacional** que sustenta e amplia nossas possibilidades.

Os livros também podem ser considerados grandes amigos. Eles oferecem companhia silenciosa, sabedoria acumulada e inspiração contínua. A leitura nos conecta a ideias, valores e experiências que ultrapassam fronteiras temporais e geográficas, ampliando horizontes.

Assim como as amigas, a escolha dos livros molda nossa identidade. Obras que provocam reflexão e nos desafiam a crescer funcionam como presentes para a alma. Mais do que entretenimento, a leitura é um ato formativo, que contribui para a construção de valores e para a compreensão da complexidade humana. Nesse sentido, a cultura — seja por meio da literatura, da música ou da arte — se apresenta como mediadora de amizades invisíveis, mas profundas.

Ensinar crianças e jovens a cultivar gratidão e amizade é essencial para o desenvolvimento socioemocional. Em um mundo marcado pela tecnologia e pelas interações virtuais, o desafio é promover vínculos reais, sustentados em respeito, empatia e convivência.



O exemplo dos adultos desempenha papel decisivo: crianças aprendem mais pelo que observam do que pelo que escutam. Pais e educadores que praticam gratidão e cultivam amizades transmitem valores fundamentais para a vida em comunidade. Pequenas gentilezas, incentivo ao diálogo e valorização da cooperação formam a base para gerações mais solidárias e conscientes.

## **Reflexão Final**

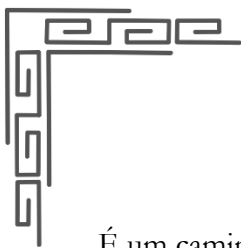
Gratidão e amizade não são apenas virtudes individuais; são práticas sociais que transformam vidas e comunidades. Viver com gratidão é reconhecer que cada conquista, cada vitória, é resultado de uma rede de apoios e oportunidades. Cultivar amizades é investir em uma rede de afeto que nos sustenta e multiplica nossas possibilidades de crescimento.

Mais do que sentimentos, gratidão e amizade são escolhas que impactam nossa forma de existir no mundo. Quando agradecemos e valorizamos aqueles que caminham conosco, fortalecemos laços que ultrapassam momentos e circunstâncias. Ao fazê-lo, não apenas construímos uma vida mais rica e significativa, mas também colaboramos para uma sociedade mais empática, solidária e humana.

Em resumo, cultivar boas amizades é investir em uma vida mais rica, significativa e feliz. Esses laços nos sustentam nos momentos difíceis, impulsionam-nos a crescer e nos conectam à essência do que é ser humano. Ao agradecer e valorizar quem caminha ao nosso lado, construímos uma rede de afeto que nos fortalece e nos inspira a transformar o mundo, começando por nós mesmos.

*Que possamos, todos os dias, reconhecer as vitórias que recebemos e retribuir com generosidade, amizade e gratidão.*





## Adão Carroceiro

É um caminhar lento  
Pelas ruas de Morrinhos  
Uma hora ajudando a mudar  
Outra ajudando a limpar  
Mas sempre com um sorriso para acalento.

Sorriso, calma,  
Trabalho.  
Adão Carroceiro,  
Debaixo da sibipiruna florida,  
Com as abelhas zumbindo  
Na praça do Mercado  
Tudo ver passar.

O olhar saudoso,  
O brilho de quem viveu e vive na terra  
Que abraça,  
Que acolhe e que muda.

No começo era chão,  
Estrada era só um caminho,  
Não tinha mão,  
Era só ir e vir  
E Adão  
Nesse mundão com sua carroça.



Vem Adão  
Participando vivamente  
Das mudanças,  
Das vidas vividas  
No nosso cantinho no mundo.

E Adão, transpôs a carroça,  
É um estilo de vida.  
Que não volta mais.

Professora Lívia Maria Caetano.  
Licenciada em História e Pedagogia.  
Leitora assídua.



## ENTRE O SILÊNCIO E O GRITO



Por **Luciene Rodrigues** —  
Graduada em Letras —  
Português/Inglês; Especialista em  
Língua Materna e o seu Contexto em  
Sala de Aula; Especialização em  
Psicanálise e Psicologia; Especialista em  
Língua Inglesa.

A vida, às vezes, parece uma estrada interminável. Percorremos seus caminhos colecionando histórias, acumulando alegrias, guardando cicatrizes. Entre um amanhecer e outro, descobrimos que viver é também carregar o peso invisível das batalhas que travamos dentro de nós.

Há dias em que o corpo segue, mas a alma tropeça. Sorrimos para a foto, respondemos “está tudo bem” e continuamos. Poucos percebem que, por trás da expressão serena, há um pedido de ajuda silencioso. A depressão é assim: veste-se de normalidade para que ninguém perceba. É furtiva, discreta, mas feroz.

Por muito tempo, aprendi a esconder a tempestade sob um guarda-chuva frágil de otimismo. Acreditava que o silêncio era a melhor forma de não incomodar, que guardar a dor me tornava mais forte. Mas o silêncio, quando prolongado, se torna um mar revolto — e ninguém sobrevive indefinidamente à deriva.

Deus, o Deus do impossível, sempre esteve ao meu lado. Eu sei disso. Sinto Sua presença nas pequenas coisas: no vento leve que alivia, no pôr do sol que acalma, no abraço



inesperado que aquece. Mas também sei que a fé não nos isenta de sentir o peso da existência. Às vezes, mesmo com a certeza de que não estamos sozinhos, a dor se instala como um hóspede indesejado que recusa ir embora.

E, quando a alma está cansada, buscar ajuda parece escalar uma montanha sem forças. Olhamos ao redor e vemos mãos estendidas, mas não conseguimos segurá-las. É um paradoxo cruel: saber que é preciso pedir socorro e, ao mesmo tempo, não encontrar voz para gritar.

A sociedade, impaciente e apressada, costuma olhar para a dor alheia com lentes turvas. Quando alguém decide partir antes do tempo, as sentenças se espalham: “não pensou na família”, “foi fraqueza”, “foi egoísmo”. Mas essas palavras são tão injustas quanto vazias. Quem está no abismo pensa, sim, naqueles que ama — e isso dói ainda mais. Não se trata de desamor, mas de uma dor tão avassaladora que ultrapassa qualquer lógica.

Julgar é sempre mais fácil do que compreender. É confortável analisar de fora, sem se aproximar da ferida. Mas a vida, cedo ou tarde, coloca-nos frente a frente com as fragilidades humanas. E, talvez, quando a dor visitar a porta de quem hoje julga, o olhar se torne mais brando.

Por isso, faço um pedido simples: sejamos mais ouvidos do que vozes apressadas. Mais abraços do que dedos apontados. Mais silêncio respeitoso do que opiniões afiadas. Porque, muitas vezes, é apenas isso que impede que alguém se perca: a sensação de que pode falar, sem medo.

É preciso construir espaços de acolhimento, nos quais pedir ajuda não seja visto como fraqueza, mas como coragem.



Onde o choro não seja constrangimento, mas alívio. Onde o amor e a empatia sejam instintos, não exceções.

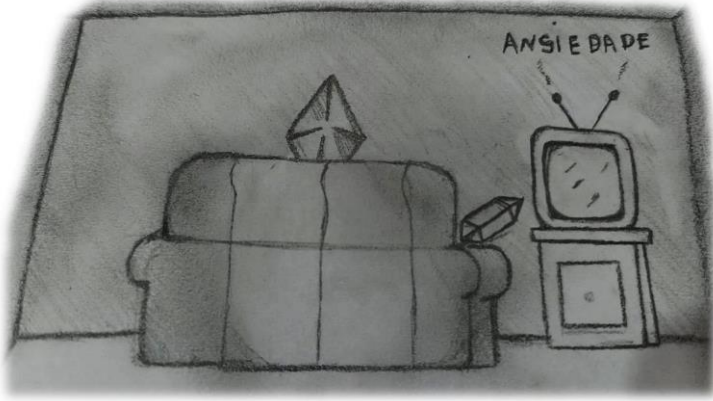
No fim, todos nós somos frágeis de alguma forma. O que muda é o momento em que essa fragilidade nos alcança. E, quando ela chegar, que possamos encontrar mãos que seguram, olhares que entendem e palavras que curam.

Porque, entre o silêncio e o grito, às vezes só existe uma vida esperando para ser salva.



## A ansiedade e seus efeitos no cotidiano: uma análise visual

A ansiedade é um fenômeno psicológico que afeta milhões de pessoas ao redor do mundo. Caracterizada por sentimentos de preocupação intensa, medo e tensão, a ansiedade pode transformar até as atividades mais comuns em desafios. Neste artigo, usaremos uma imagem específica como ponto de partida para explorar como a ansiedade se manifesta e afeta o cotidiano de uma pessoa.



Desenho: Thalles Bezerra B.

A imagem apresenta um ambiente doméstico com um sofá, uma televisão e uma figura geométrica que parece representar a mente humana. Vamos examinar cada um desses elementos e relacioná-los com os aspectos da ansiedade.

O sofá é, tradicionalmente, um símbolo de conforto e relaxamento. É onde nos sentamos após um longo dia para descansar e nos desligar das preocupações. No entanto, para uma pessoa ansiosa, esse mesmo sofá pode se tornar um espaço de inquietação. Em vez de relaxar, a pessoa pode se



encontrar presa em um ciclo de pensamentos preocupantes. A mente ansiosa pode transformar um momento de descanso em um período de intensa agitação mental.

A televisão, um elemento onipresente na maioria dos lares, pode ser uma fonte significativa de ansiedade. As notícias frequentemente destacam eventos negativos, e a sobrecarga de informações pode intensificar os sentimentos de preocupação e medo. Para alguém com ansiedade, a televisão pode representar uma constante lembrança das incertezas e perigos do mundo, exacerbando seu estado de alerta.

A figura geométrica presente na imagem pode ser interpretada como uma representação da mente ansiosa. Formas geométricas são frequentemente associadas à rigidez e à falta de flexibilidade. Da mesma forma, a mente de uma pessoa ansiosa pode se sentir presa em padrões rígidos de pensamento, incapaz de relaxar ou encontrar uma saída para suas preocupações. Essa rigidez mental torna difícil para a pessoa ansiosa desligar-se de seus pensamentos e encontrar paz.

A imagem ilustra como a ansiedade pode infiltrar-se em todos os aspectos da vida cotidiana. Sentar-se no sofá para assistir à televisão deveria ser uma atividade relaxante, mas para aqueles que sofrem de ansiedade, pode ser uma experiência opressiva. A mente ansiosa está sempre em alerta, e até mesmo momentos de lazer são transformados em oportunidades para a preocupação.

Reconhecer a presença da ansiedade é o primeiro passo para gerenciá-la. Existem várias estratégias que podem ajudar a aliviar os sintomas da ansiedade e melhorar a qualidade de vida.

Mindfulness e Meditação: Práticas de mindfulness e meditação ajudam a ancorar a mente no presente. Ao focar



no momento atual, é possível reduzir a influência dos pensamentos ansiosos.

**Atividade Física:** Exercícios físicos regulares são conhecidos por liberar endorfinas, os "hormônios da felicidade", que ajudam a reduzir o estresse e a ansiedade.

**Limitar o Consumo de Mídia:** Evitar o excesso de consumo de notícias e informações pode reduzir os gatilhos de ansiedade. Estabelecer limites para o tempo gasto assistindo à televisão ou navegando na internet pode ser benéfico.

**Terapia e Apoio Profissional:** Procurar ajuda de um profissional de saúde mental pode fornecer ferramentas e técnicas específicas para gerenciar a ansiedade. Terapias como a terapia cognitivo-comportamental (TCC) são eficazes no tratamento da ansiedade.

A ansiedade é uma condição complexa que pode afetar todos os aspectos da vida de uma pessoa. Através da análise da imagem, vimos como elementos cotidianos podem se transformar em fontes de tensão para uma mente ansiosa. No entanto, com a adoção de estratégias eficazes, é possível gerenciar a ansiedade e melhorar a qualidade de vida. É crucial reconhecer os sinais de ansiedade e buscar formas de enfrentá-la, transformando momentos de inquietação em oportunidades para encontrar paz e equilíbrio.

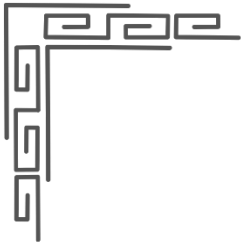
Texto: Luciene Martins Rodrigues

Licenciatura Plena em Letras

Pós-Graduação "Lato Sensu" especialização em A língua Materna e o Contexto de Sala de aula

Pós-Graduação "Lato Sensu" em Ensino da Língua Inglesa; Psicologia e Psicanálise





## Filho ausente

Morrinhos cidade linda,  
é tão belo lembrar  
com seus lindos campos verdes,  
me faz contemplar,  
a beleza que existe  
somente naquele lugar.

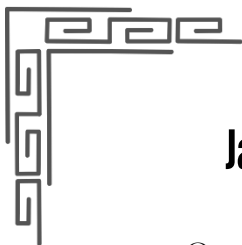
Com seus lindos casarões,  
ornamentados por muros de barro batido,  
esculpidos outrora  
por nossos irmãos cativos.

Querida palmares  
de um povo receptivo,  
ordeiro e trabalhador,  
cuja alegria estampa  
seu olhar e seu sorriso,

Fazendo aquele  
que por ali passe,  
tenha vontade de voltar.  
Cidade majestosa  
que guarda em seu passado,  
muitas lutas e muitas glórias,  
travadas por homens e mulheres  
que fizeram nossa história.

Raithe Rodrigues Gomes.





## Jacó, sorrindo na dor, lutando por amor

O outono tempestuoso do ano de mil novecentos e cinquenta (1950) trazia o sol escaldante e ventos de cor avermelhada da poeira fecunda; a região rural possuía sua beleza nos montes verdes e nas colinas distantes. Em uma época conservadora em que filhos respeitavam mutuamente tudo que se voltava à educação da família; e é deste lugar que narraremos a história de uma mãe que, ainda na sua infância aos doze anos de idade, concebeu seu primeiro filho vítima de estupro pelo próprio irmão, sendo ele um adolescente de quatorze anos.

Os dias que se seguiram naquela singular família com as dificuldades que vieram abater o semblante daquela criança que agora trazia no seu ventre um outro ser. A menininha (nome ocultado pelo narrador), com o passar dos dias, as mudanças físicas ocorriam naturalmente, seu período de gestação não podia ser diferente, o peso da barriga e a angústia de ter que esconder dos seus pais aquela tragédia fazia com que seus sentimentos se voltassem com muita revolta contra o próprio filho não esperado. Com isso, fazia com que ela atasse a barriga com uma corda durante o dia soltando apenas no período da noite, situação por si mesma criada a fim de esconder a gestação.

Era por volta de 16 horas do dia três de abril, o sol ameaçava se pôr por trás das colinas verdejantes, mas o toque quente do seu brilho ainda queimava a face daquela menina que se encontrava em dores de parto. Como se pudesse ser mais ligeira que a natureza do útero que retorcia em contração, procurou abrigo próximo a um cupim, deitada numa folhagem; seus gemidos eram tristes e inocentes. Deus veio ao seu socorro atendendo seu clamor por ajuda e, naquele



lugar a natureza permitiu vir ao mundo aquela criança que, no futuro, receberia o nome Jacó. Então, esta criança rodeada de mistérios abriu sua boca para o choro da vida, pois começaria com ardor sua longa e triste história.

A mercê da sorte, o mesmo fora abandonado pela mãe, recebeu no lugar do beijo de carinho e boas-vindas uma pancada na cabeça quebrando seu crânio a fim de exterminar sua vida, e com essa violência calou por alguns instantes seu choro. Imaginou ela (sua mãe), que ele estaria morto, o jogou dentro de um buraco de tatu, sendo picado pelas formigas e cupins durante o resto da tarde e pela noite fria de sereno.

Na alvorada do dia seguinte, seu avô ao sair para campear o rebanho de cabra, sem perceber pisou em uma poça de sangue, e imediatamente ouviu os gemidos de uma criança recém-nascida. Em choque ao contemplá-la, apanhou-a em seus braços e correu para tentar salvá-la.

Cuidou das suas feridas, alimentou-a com o leite das cabras, e começou a investigar de quem poderia pertencer a pequena e inocente vida; a princípio, desconfiou que poderia pertencer a sua própria família, e sem muito esforço descobriu que era filho do seu próprio neto, e para sua maior surpresa a criança era fruto proibido entre dois irmãos, seus filhos.

Essa criança recebera o nome Jacó e foi assim criada pelo seu avô, convivendo no mesmo lar de rejeição de seus pais. Sua infância era muito triste em que imperava a brutal educação da época, eram agressão verbais, física e psicológica.

Em meados de 1964, quando já era alcançará a vida madura, apesar da pouca idade, Jacó não aguentando mais a vida sofrida e sempre chorada, procurou libertar-se, indo embora de casa, e foi assim que bateu asas e alcançou o mundo.



Vagando de “*del em del*”, passou por muitas fazendas daquela região exercendo o trabalho escravo sem remuneração, conviveu com a fome, doenças e diversos maus tratos cometidos pelas pessoas que o empregava.

A carência afetiva em todo tempo o levou a buscar a mudança, quando andando sem rumo veio para o estado de Goiás, pois acreditava encontrar um povo amoroso e hospitaleiro. E esse berço goiano o acolheu aos 40 anos de idade, considerado beato e sentindo incapaz de amar e ser amado, sentiu pela primeira vez um homem dotado da sorte e de fé. Apenas ainda não tinha encontrado o amor verdadeiro, pois seu coração ferido e sofrido não dava lugar a esse sentimento. Apenas conhecia o amor de Deus! Jacó era agora um beato traumatizado por todas as frustrações que sofrera desde o seu nascimento; sempre optou por viver sozinho longe da civilização urbana.

Noutra época, precisou migrar-se para a cidade, a terra árida cedeu lugar ao progresso asfáltico e a luminosidade as quais refletiam como ciranda as lágrimas aos seus olhos ao lembrar do clarão das estrelas quando deitado ao relento nos manguezais do estado de Piauí, onde nascera. Já vivendo na região outrora rural de Morrinhos, permaneceu com os costumes dotados na alma e cravejado no peito que jamais esquecera; assim, optou por não ter televisão, nem rádio, entre outros meios de comunicação. Preferiu ficar alheio às tristes notícias de tragédias, principalmente as que envolviam mortes ou violências contra crianças.

Hoje, com o peso dos anos e mãos calejadas, eu, Jacó, encontro-me na velhice, residindo em algum lugar, ainda possuo um pouco de saúde física e mental, mesmo diante de tudo que vivi e/ou sobrevivi. Estou aqui para contar essa minha história que muito me orgulho em ter suportado todos os desequilíbrios da maldade e do desamor. Vivendo no



anonimato "Eu Sou" o reflexo da verdadeira superação; sou um homem sensível, honesto, respeitoso e temente a Deus.

Dando as costas às sombras das tristezas, aprenda você também a ser feliz como eu, pois na jornada de uma vida, o que deve nos causar impacto não são somente as tristezas, pois essas o tempo e o vento podem levar. E se quer um verdadeiro conselho de amigo, experimente você mesmo a sorrir na dor e chorar com amor. Isso também é saber ser feliz. Assim eu sou e estou aqui agora dando testemunho de mim mesmo, andei na frente de muitas sombras, pois esta é a realidade do nome que me deram, Jacó, que em hebraico significa: "Aquele que segura pelo calcanhar."

Rosélia Moreira, (História baseada em fatos reais)

